

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE
MESQUITA FILHO”**

**FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

ADRIANA MARIA DONINI

**Recepção de informações sobre meio ambiente por integrantes do
Programa de Horta Comunitária de Botucatu**

**BAURU
2011**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE
MESQUITA FILHO”**

**FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

ADRIANA MARIA DONINI

**Recepção de informações sobre meio ambiente por integrantes do
Programa de Horta Comunitária de Botucatu**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração em Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de Bauru, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

**BAURU
2011**

Donini, Adriana Maria.

Recepção de informações sobre meio ambiente por integrantes do Programa de Horta Comunitária de Botucatu/Adriana Maria Donini, 2011.

139 f.: il.

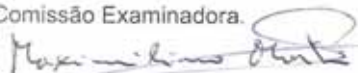
Orientador: Maximiliano Martin Vicente

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2011

1. Recepção. 2. Telejornais. 3. Meio ambiente. 4. hortas comunitárias. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ADRIANA MARIA DONINI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DO(A) FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICACAO DE BAURU.

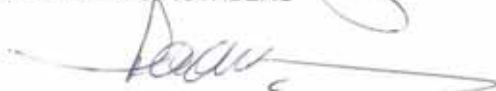
Aos 27 dias do mês de junho do ano de 2011, às 15:00 horas, no(a) Sala dos Órgãos Colegiados da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE do(a) Departamento de Ciencias Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. DANILO ROTHBERG do(a) Departamento de Ciencias Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. LAAN MENDES DE BARROS do(a) Programa de Pós-Graduação Em Comunicação / Universidade Metodista de São Paulo, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ADRIANA MARIA DONINI, intitulada "Recepção de informações sobre meio ambiente por integrantes do Programa de Horta Comunitária de Botucatu". Após a exposição, a discente foi argüida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: Aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.



Prof. Dr. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE



Prof. Dr. DANILO ROTHBERG



Prof. Dr. LAAN MENDES DE BARROS

Dedico aos saudosos Ringo, Maria de Paula
Fortuna Donini, Rosa Ema Genaro e Maria Batista
do Amaral

Agradecimentos

Ao meu orientador Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente pelos esclarecimentos e incentivo desde o início do mestrado quando cursei a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Comunicação. Agradeço muito ter aceitado a orientação e acreditado no meu projeto. Com certeza permitiu que eu pudesse seguir o caminho trilhado. O seu equilíbrio e serenidade contribuíram bastante para que houvesse maior tranquilidade e objetividade no desenvolvimento da pesquisa;

Aos integrantes das hortas comunitárias de Botucatu que se dispuseram a participar dessa pesquisa, inclusive, deixando de priorizar suas atividades por algumas horas. Vocês foram essenciais;

Aos meus queridos pais Angelo Donini e Iolanda Batista do Amaral Donini. Obrigada por tudo;

Aos meus irmãos, César Batista Donini e Ângela Donini, sou grata pelas valiosas colaborações;

Ao grande amigo Bruno Sampaio Garrido. Sempre disposto a me ajudar, compartilhar ideias, desde a época da graduação. Conversamos bastante sobre Comunicação antes do processo seletivo e continuamos discutindo teorias ao longo do mestrado. Ele sempre ouvia minhas inquietações. Obrigada pelas leituras dos meus textos, esclarecimentos de dúvidas, sugestões e atenção dispensada. Você teve um papel importante nessa concretização;

A essa pessoa maravilhosa que é a Jéssica de Cássia Rossi. Tive a oportunidade de conhecê-la no mestrado. Quando cursávamos as disciplinas, várias vezes voltávamos no mesmo ônibus. Também fizemos algumas viagens até São Paulo para participarmos de eventos e conversávamos bastante sobre nossas pesquisas. A Jéssica foi essencial nas atividades de campo, ela não mediu esforços para colaborar nos grupos focais, além de documentadora, contribuiu ainda em vários preparativos das reuniões;

Ao Rubens Roberto Herbst pela amizade, preocupação, oportunidades e importantes contribuições nesta pesquisa, entre elas, empréstimo de materiais;

Aos eternos amigos Fernanda Moraes e Fabrício Pellegrino, e à Vânia Dalla Chiara;

Também ao amigo Thiago Moratelli. Com certeza, observar seu empenho e conversar com você foram fatores que serviram de estímulo para que eu também continuasse a trajetória acadêmica;

Ao professor Laan Mendes de Barros por ter aceitado gentilmente o convite para participar da banca examinadora;

Aos funcionários da pós-graduação Helder Gelozeni e Silvio Carlos Decimone, que sempre foram bastante prestativos;

Ao professor Danilo Rothberg pelo estímulo em relação à área de pesquisa e por ter aceitado o convite para integrar a banca examinadora;

Ao João Pimentel, da Avisual, pela digitalização dos vídeos e pela importante colaboração e disponibilidade em resolver imprevistos de última hora. Também ao Carlos Edson Gomes.

Ao Márcio Campos, Secretário Adjunto da Subsecretaria de Agricultura e Abastecimento, e aos funcionários da referida secretaria, em especial à Andréia;

Às secretarias de Assistência Social e Descentralização e Participação Comunitária pelo empréstimo de projetor multimídia;

Ao Arnaldo Mesquita Sampaio, ex-secretário de Agricultura de Botucatu, pela entrevista concedida;

Ao Marcos Antônio Tenore, chefe da agência de Botucatu do IBGE, pelas informações;

Aos professores Jean Cristtus Portela e Maria Inez Mateus Dota pelas observações feitas durante a qualificação e que contribuíram para o aperfeiçoamento desta dissertação;

À equipe da Record de Botucatu que atuava em novembro de 2010: Jordana Zago (repórter); Sérgio (cinegrafista); Wilson Ribeiro (editor) e, principalmente, ao Gero Bonini (produtor);

Ao Lourival De Cais e ao Fernando Vicençotto, pelos auxílios;

Aos professores Maria de Lourdes M. V. Paulino, Renato Eugênio Diniz e Maria Dalva Cesário, do Instituto de Biociências, pela confiança que depositaram em mim;

Também ao jornalista Fernando Hossepian pela oportunidade no início da minha atuação profissional e ainda pelas conversas sobre Comunicação. Suas ideias e o seu incentivo foram importantes;

A outros professores, professoras e demais pessoas que contribuíram para que eu chegasse até aqui;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa concedida durante 24 meses.

Resumo

Esta dissertação consiste no estudo da recepção de reportagens e notícias relacionadas à temática ambiental veiculadas pelos programas *Balanço Geral*, *Tem Notícias*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Band* exibidas a integrantes do Programa de Horta Comunitária de Botucatu. Para tal, adotamos como referencial teórico os estudos de recepção latino-americanos, considerando prioritariamente os conceitos e ideias de Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez, além de interpretações de textos desses pesquisadores realizadas por outros autores como Nilda Jacks e Ana Carolina Escosteguy.

Quanto à metodologia, a pesquisa contemplou aplicação de questionários, método de pesquisa participante e utilização de grupo focal. Por meio dessa última técnica, identificamos as percepções e produções de sentidos estabelecidos pelos participantes em relação aos conteúdos a que assistiram, bem como compreensão e aplicabilidade dos assuntos no cotidiano deles e as mediações preponderantes no processo. Ainda procuramos investigar se o conhecimento básico sobre as etapas envolvidas em uma produção televisiva tem interferência na maneira como os trabalhadores das hortas comunitárias recebem e interpretam as mensagens.

Palavras-chave: recepção; telejornais; meio ambiente; hortas comunitárias

Abstract

This dissertation is to study the reception of members at Botucatu's Communitarian Vegetable Garden Program in respect to the news articles about environment transmitted by the programs *Balanço Geral Tem Notícias*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Band*. For this, we adopted as referential theoretical studies of reception in Latin America, primarily considering the concepts and ideas of Jesus Martin-Barbero and Guillermo Orozco Gómez, and interpretations of these texts carried out by other authors as Nilda Jacks and Ana Carolina Escosteguy.

As methodology, the research included questionnaires, used the participant search method and the focal group. By this latter technique, we identify the perceptions and productions of meaning established by the participants in relation to the content they witnessed, as well as understanding and applicability of them in everyday affairs. Even we investigate if the basic knowledge about the steps involved in a television production has interference in how workers in communitarian vegetable gardens receive and interpret messages.

Keywords: reception; TV news; environment; communitarian vegetable garden

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação de hortas e locais onde funcionam	44
Quadro 2 - Perfil dos participantes da Horta da Vila Ema	62
Quadro 3 - Perfil dos participantes da Horta Comercíários	70
Quadro 4 - Perfil dos participantes da Horta do Jardim Ciranda	75
Quadro 5 - Perfil dos participantes da Horta do Asilo	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Proposta de novo mapa das mediações apresentada por Martín-Barbero	29
Figura 2 – Mapa do Estado de São Paulo	42
Figura 3 - Prédio do antigo matadouro	46
Figura 4 - Horta da Vila Ema	47
Figura 5 - Quitanda que fica na entrada do local	47
Figura 6 - Alguns dos produtos cultivados e comercializados na Horta da Vila Ema	47
Figura 7 - Uma das hortas do Comercíários. Ao lado, Centro Comunitário do bairro	48
Figura 8 - Horta que faz divida com a anterior	48
Figura 9 - Fruto conhecido popularmente como cruá	49
Figura 10 - Visão geral	49
Figura 11 - A horta possui canteiros de menor extensão e funciona ao lado do CRAS	50
Figura 12 - Lateral da horta que está localizada no cruzamento das ruas Sebastião Gonçalves da Cunha e Lázaro Ramos Nogueira	50
Figura 13 - Alface está entre os produtos mais cultivados no local	51
Figura 14 - Horta é próxima do centro de Botucatu	51
Figura 15 – Verduras são cultivadas terreno ao lado esquerdo da igreja do Asilo	51
Figura 16 - Localização de três das quatro hortas que compõem a pesquisa.....	52
Figura 17 - Localização Hortas Comercíários.....	53

SUMÁRIO

Introdução	12
 Capítulo 1 - Meios de comunicação e estudos de audiência	
1.1 Estudos culturais	20
1.2 Estudos de recepção latino-americanos	24
1.2.1 Mediações	27
1.2.2 Contratos	34
1.3 Panorama brasileiro	35
 Capítulo 2 - Programa de Horta Comunitária de Botucatu	
2.1 Principais características de Botucatu	39
2.2 Apresentação do Programa de Horta Comunitária	43
2.3 Horta Vila Ema	45
2.4 Horta Comercários	48
2.5 Horta Jardim Ciranda	49
2.6 Horta Asilo	50
 Capítulo 3 - Metodologias utilizadas na pesquisa de campo e suas aplicações	
3.1 Pesquisa Participante	54
3.2 Questionário	55
3.2.1 Programas preferidos, conteúdos gravados e veiculação	56
3.3 Grupo focal	58
3.3.1 Questões para orientação das discussões do grupo focal realizadas em cada bloco.....	60
3.3.2 Percepção e produção de sentido dos participantes na primeira etapa do estudo	61
3.3.2.1 Percepção e produção de sentido na Horta Comunitária Vila Ema	62
3.3.2.2 Percepção e produção de sentido na Horta Comunitária Comercários	69
3.3.2.3 Percepção e produção de sentido na Horta Comunitária do Jardim Ciranda	75
3.3.2.4 Percepção e produção de sentido na Horta Comunitária Asilo	80
 Capítulo 4 - Mediações, negociações de sentido e supertemas	
4.1 Horta Comunitária Vila Ema	87
4.2 Horta Comunitária Comercários	94
4.3 Horta Comunitária Jardim Ciranda	98
4.4 Horta Comunitária Asilo	103

Capítulo 5 – Conhecimento sobre a TV e possíveis interferências no processo de recepção

5.1 Visita à sucursal da Record de Botucatu	108
5.2 Gravação de reportagens e grupo focal	109
5.3 Primeira etapa	110
5.3.1 Mediações referentes a reportagens do 1º bloco	114
5.4 Explicação sobre as características de um telejornal	120
5.4.1 Mediações referentes a reportagens do 2º bloco	123
Conclusões	126
Referências	131
Anexos	135

Introdução

A televisão é um dos meios de comunicação mais predominantes no Brasil. Para se ter uma ideia, de acordo com o Plano Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2009, 95,7% dos domicílios brasileiros contavam com pelo menos um aparelho de televisão. Esse veículo, além entreter, também é muito utilizado como fonte de informação, principalmente se considerarmos os conteúdos exibidos pelos programas denominados jornalísticos.

Tal fator justifica, então, a necessidade da continuação de pesquisas acadêmicas relacionadas a esse meio de comunicação e ao público, ou seja, que não contemplem apenas o emissor, mas investiguem o processo como um todo, incluindo o receptor. A dissertação a seguir se encaixa dentro dessa óptica de aprofundar os estudos sobre a televisão relacionando o público com o veículo de comunicação.

Nessa relação, escolhemos uma das questões mais abordadas na atualidade como é o meio ambiente. A questão ambiental constitui um dos temas constantes na agenda dos programas jornalísticos de televisão na contemporaneidade. Passou a estar presente na mídia com maior intensidade após a década de 1990, impulsionada pela Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), realizada no período 3 a 14 de junho de 1992, a qual ficou conhecida como Rio-92.

Outros eventos que também podem ter contribuído para a maior popularização da questão ambiental foram a divulgação do relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPC) 2007 da Organização das Nações Unidas (ONU). O documento atribui o aquecimento global à ação do homem e prevê um cenário de catástrofe ambiental se medidas urgentes não forem adotadas. Ainda podemos salientar como incentivadores de pautas sobre os temas ambientais as Conferências das Partes sobre Clima (COPs), reuniões anuais que acontecem desde 1995 e são precedidas por diversos encontros e sessões. As deliberações se dão por meio de consenso entre os representantes dos governos de todos os países que ratificaram os acordos e repercutem amplamente na mídia.

Em Botucatu, município localizado a 90 Km de Bauru e a 230 km de São Paulo, desde 2004 existe uma atividade denominada Programa de Horta Comunitária de Botucatu que contempla moradores dos bairros periféricos da cidade. O objetivo seria a geração de renda e também alimentação saudável e de baixo custo tanto para seus integrantes como para a população de Botucatu, tendo em vista que a proposta consiste na produção de alimentos sem uso de agrotóxicos. Atualmente o Programa é coordenado pela Subsecretaria Municipal da

Agricultura e Abastecimento que oferece mudas, insumos e, esporadicamente, cursos de capacitação aos participantes além de contar com o apoio da Secretaria Municipal de Assistência Social.

Questionário¹ aplicado a integrantes de quatro das 14 hortas que compõem o projeto revelou que 87,5% das pessoas entrevistadas assistem TV e que esse também é o meio mais utilizado para se informarem, sendo que o *Jornal Nacional*, *Balanço Geral*, *TEM Notícias* e *Jornal da Band* estiveram entre os programas mais mencionados por esses trabalhadores.

Assim, procuramos compreender como se dá a recepção de reportagens que abordaram a temática meio ambiente por integrantes das seguintes hortas: Vila Ema, Comerciários, Jardim Ciranda e Asilo.

Além da percepção e produção de sentido estabelecidas pelos participantes e obtidas por meio da técnica de grupo focal, identificamos mediações que preponderaram no processo. Também investigamos se o conhecimento básico sobre as etapas envolvidas em um dos programas contemplados por este estudo e as funções desempenhadas por profissionais que atuam nessa produção tiveram interferência na recepção.

Levando em consideração os itens anteriormente apontados e procurando desvendar como se estabelece a relação entre o receptor e os conteúdos veiculados pelas produções televisivas, decidimos estabelecer cinco partes na elaboração da dissertação.

No Capítulo 1, é realizada revisão bibliográfica sobre os estudos e teorias que associaram meios de comunicação e audiência. O intuito nesse capítulo inicial foi de se aprofundar na teoria referente a essa área e também apresentar as escolhas, delimitações e compreensão relativa ao tema.

Optamos por utilizar como referencial teórico-metodológico os estudos de recepção latino-americanos, sendo adotados principalmente os conceitos dos autores Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez. Dessa maneira, já deixamos claro que a ênfase maior nas definições e trabalhos desenvolvidos nessa vertente permeiam nossa opção na presente dissertação. Outras classificações que relacionam mídia e público são apresentadas brevemente. A definição de mediação dos autores Martín-Barbero e Orozco e as categorias propostas por esses pesquisadores também são descritas, além de ser exposto o significado de contratos que podem ser estabelecidos pelo público e a nossa compreensão sobre o conceito de recepção.

¹ O referido questionário foi aplicado em novembro de 2009

Ainda compõe este capítulo um panorama dos estudos de recepção realizados no Brasil, a partir da década de 1970, com o intuito de compreender o caminho já percorrido, as influências teóricas e as lacunas a serem preenchidas. As informações nesse caso se basearam, principalmente, em pesquisa realizada por Nilda Jacks e Ana Carolina Escosteguy e ainda por Nilda Jacks, Daiane Menezes e Elisa Piedras.

Já no Capítulo 2, apresentamos as principais características de Botucatu, dados sobre o Programa de Horta Comunitária de Botucatu, incluindo breve histórico, localização, estrutura e seu funcionamento. Além de serem incluídas algumas imagens para ilustrar como são os locais que tiveram integrantes que participaram da pesquisa.

O terceiro capítulo aborda as metodologias utilizadas no desenvolvimento da dissertação. Assim, são apresentadas definições do método de pesquisa participante e como o mesmo se efetivou neste trabalho, conceitos relativos a grupo focal e a maneira como essa técnica foi realizada nas hortas que integraram o estudo. Também constam nesta parte da dissertação, questionários aplicados e respostas obtidas, escolha dos programas gravados e temas de reportagens veiculadas aos participantes.

Este capítulo mostra ainda os resultados dos quatro grupos focais tendo por base as questões que conduziram as discussões e que contemplaram, por exemplo, os vídeos que mais despertaram a atenção dos participantes, compreensão e aplicação dos conteúdos veiculados. São apresentados trechos das falas dos trabalhadores e comentários sobre observações realizadas pela pesquisadora.

No capítulo 4, identificamos as mediações presentes nas falas, reações e observações dos participantes dos grupos focais de acordo com classificação de Martín-Barbero e Orozco apresentadas no capítulo 1. Ainda formam parte desse capítulo as negociações estabelecidas na interpretação e produção de sentidos e os temas mais destacados pelos integrantes entre os conteúdos selecionados para serem veiculados.

O Capítulo 5, por sua vez, contempla a experiência de visita de integrantes da Horta Comerciários à sucursal da TV Record, instalada no município de Botucatu. Os participantes puderam ouvir explicações sobre a rotina de trabalho e esclarecer dúvidas por meio de conversa com o produtor, cinegrafista, repórter e editor de imagem. Neste capítulo, também descrevemos a atividade desenvolvida pela pesquisadora na referida horta que consistiu na apresentação das principais características da televisão, etapas envolvidas na produção e profissionais que atuam em um telejornal, além de dinâmica realizada pelos participantes após essa atividade.

Ainda integram este capítulo, os resultados de grupo focal que teve como objetivo

identificar se o conhecimento sobre o processo de produção de uma emissora teve interferência na percepção dos receptores e as mediações que predominaram nessa etapa.

Assim, esperamos que a presente dissertação traga contribuições às investigações sobre a relação entre produção e recepção, com destaque para a importância do estudo das mediações, e que os resultados e diretrizes apontados sejam úteis aos profissionais da área comunicação midiática e a futuros estudos do gênero.

Capítulo 1 - Meios de comunicação e estudos de audiência

Apesar de os estudos de audiência ganharem maior destaque a partir da década de 1980, nos anos 1920 já havia preocupação em compreender como o público recebia as mensagens veiculadas pela mídia.

Sousa (1995) considera que a recepção é estudada desde o início do século passado e que a inovação nessa área estaria na mudança de enfoque e posturas. Ainda na opinião desse autor, a recepção midiática não possui autonomia, mas está conectada à sua precursora, ou seja, a Comunicação Social.

Dentro do campo de pesquisa em Comunicação, para Miége (1990 apud SOUSA, 2006), os estudos de recepção se inserem na fase em que o pensamento é desenvolvido segundo problemáticas derivadas da economia política, da pragmática, da etnografia da comunicação e de sociologias da técnica e da mediação. Sousa ainda expõe que, também na opinião de Miége, a recepção foi vista como “a dimensão oculta e ignorada da comunicação”, já que as correntes fundadoras deste campo privilegiavam a emissão.

Para Lopes (1999), existe certo consenso entre os autores em reconhecer nos estudos que associam meios de comunicação e audiência as seguintes correntes: *pesquisa dos efeitos; usos e gratificações; estudos de crítica literária; estudos culturais; e estudos de recepção*.

Essa classificação é também utilizada por Jensen e Rosengren (1990) citados por Jacks e Escosteguy (2005), sendo que, na proposta deles, há uma pequena variação em termos de denominação, tendo em vista que na divisão realizada por esses pesquisadores os *estudos de crítica literária* são intitulados de *estudos literários* e os *estudos de recepção* de *análises de recepção*.

Segundo Jacks e Escosteguy (ibid.), McQuail (1997) é outro autor que considera essas tradições de Jensen e Rosengren, mas as reduz em três categorias e deixa de considerar os estudos literários. A *estrutural*, referente à relação entre sistemas dos meios e o uso individual dos mesmos; *comportamental*, que contempla pesquisas que se preocupam em avaliar os efeitos dos meios por considerar que a audiência está exposta a eles; e *sócio-cultural*, que se centra no contexto dos membros da audiência, no lugar a partir do qual dão significado ao conteúdo que os meios veiculam. (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 46-47)

Elas destacam também que McQuail não faz uma distinção entre estudos culturais e análises de audiência, as quais, na opinião dele, seriam um braço dos primeiros e não algo independente.

Ainda de acordo com Jacks e Escosteguy (ibid.), mais adiante, Jensen (2002) agrupou as tradições de estudo de audiências em duas divisões: quantitativa e qualitativa. Elas explicam também que, com essa nova reordenação, a categoria *análise de recepção* desaparece da classificação realizada por esse autor.

Já Porto (2003, p. 2), ao abordar o assunto, opta pela seguinte divisão: *estudo dos efeitos* (que inclui a pesquisa dos efeitos e o paradigma dos usos e gratificações) e a *pesquisa de recepção* (que inclui crítica literária, estudos culturais e análise de recepção).

Além dessas classificações expostas anteriormente, também consideramos que a teoria denominada *Two-Step Flow of Communication* ou *Duplo Fluxo de Comunicação* e a hipótese *Agenda Setting* integram a relação mídia e receptor.

Para Jacks e Escosteguy (2005), o estudo dos efeitos gerou as primeiras pesquisas em Comunicação produzidas na década de 1920 e que eram resultado da preocupação com os novos meios que surgiam naquele período. Na pesquisa dos efeitos, a audiência corresponde a um conjunto de pessoas em contato com a mensagem. Esse tipo de estudo analisa a percepção, duração da exposição e condições de contato, identificados por meio da psicologia experimental e social.

Nessa vertente, estaria enquadrada a *Teoria Hipodérmica* ou da “*Bala Mágica*”, segundo a qual, cada elemento do público é atingido diretamente pela mensagem. Essa teoria está baseada na psicologia behaviorista, ou seja, o fenômeno comunicacional é analisado por meio da relação estímulo e resposta. Seus estudos são centrados nos efeitos imediatos e a sociedade é considerada como uma massa homogênea, isto é, todos que estão submetidos à mídia sofreriam o mesmo tipo de efeito.

Segundo DeFleur e Ball-Rokeack (1993), essa teoria tenta responder a pergunta: “que efeito tem os *mass media* numa sociedade de massa?”, e foi muito utilizada para analisar as propagandas de guerras nas décadas de 1920 e 1930.

Ainda sobre as pesquisas desse período, Matellart e Matellart (2006, p. 37) comentam que:

A audiência é visada como um alvo amorfo que obedece cegamente ao esquema estímulo-resposta. Supõe-se que a mídia aja segundo o modelo da “agulha hipodérmica”, termo forjado por Laswell para designar o efeito ou impacto direto e indiferenciado sobre os indivíduos atomizados.

Em relação a esse tipo de estudo, Rodrigues (1999, p. 43) diz que:

Esta concepção positivista, fundamentada nos pressupostos teóricos behavioristas, foi, no entanto, com o tempo, objecto de múltiplas revisões. Os efeitos da comunicação de massa sobre o público depressa deixaram de ser encarados como respostas automáticas dos indivíduos às mensagens, pondo antes em relevo a capacidade humana de seleccionar, aceitar ou rejeitar, de reagir de maneira por vezes imprevisível às mensagens, em função de processos muito mais precisos e complexos, que fazem intervir tanto a experiência anterior dos indivíduos e os seus projectos pessoais, como a rede das interacções sociais que se estabelecem, no seio dos grupos de pertença e de referência.

Em 1933, estudos sobre mídia e violência apresentados pela Fundação Payne, por meio de relatórios, já apontaram a fragilidade do efeito direto e igual das mensagens. Psicólogos, educadores e sociólogos investigaram a influência do cinema na cultura estrangeira e no comportamento em relação à violência e à delinquência. Em seus resultados, eles destacaram que interferiam na recepção das mensagens aspectos como idade; meio social; sexo; experiências vividas; e família.

No ano de 1941, Lazarsfeld fundou o Bureau of Applied Social Research da Universidade de Columbia. Assim, teve início um projeto de pesquisa quantitativa sobre audiência, sendo que, inicialmente, os estudos foram focados no rádio. A pesquisa nesse caso se valia de meio mecânico, ou seja, a pessoa se manifestava por meio do aperto de botões os quais eram ligados a um cilindro rotativo de papel. Ao acioná-los, a aprovação ou descontentamento dos ouvintes sobre as mensagens a que estavam expostos eram registrados.

Em 1948, Harold Laswell apresenta a fórmula “Quem diz o quê por que canal e com que efeito?”. A partir daí se estabelece um corpo conceitual, sendo que dois aspectos se sobressaem: a análise dos efeitos e a análise do conteúdo.

A intenção nessa época era obter uma fórmula que fosse capaz de medir as reações do público para melhor conseguir transmitir as mensagens pretendidas pelos meios em detrimento à preocupação social.

Ainda nos anos 1940, é identificado o líder de opinião como elemento intermediário entre a emissão e o processo final de comunicação. Essa compreensão se dá com o estudo *The People's Choice*, desenvolvido por Lazarsfeld, Bernard Berelson e Halzel Gaudet, no qual eles procuraram analisar a influência entre eleitores de Erie Country em relação à campanha presidencial de 1940. Também com *Personal Influence: The Part Played by people in the Flow of Mass Communication*, realizado por Lazarsfeld e Elihu Katz. Nesse último caso, a pesquisa consistiu na investigação sobre a escolha de filmes pelo público feminino de uma cidade de Illinois.

Essa teoria foi denominada de *Two-Step Flow of Communication* ou *Duplo Fluxo de Comunicação*. Segundo essa corrente, em um primeiro degrau, estão as pessoas que se informam de maneira frequente por meio da mídia e, no segundo, o público não tão assíduo dos meios de comunicação, que se vale de informações obtidas junto a outras pessoas.

Sobre esse tipo de estudo, Wolf (1999, p. 53) expõe que: “O fluxo da comunicação a dois níveis (*two-step flow of communication*) é determinado precisamente pela mediação que os líderes exercem entre os meios de comunicação e os outros indivíduos do grupo”.

A *pesquisa de usos e gratificações* também teve suas origens nos anos 1940 e experimentou um maior incremento metodológico nos anos 1970 e 1980. Essa perspectiva teórica se interessa em descobrir as satisfações e benefícios obtidos pelo público por meio da interação com as mídias, a maneira como influenciam a atenção das pessoas em relação aos conteúdos dos veículos de comunicação e como as mesmas fazem uso das informações obtidas. Além de evidenciar vínculos entre conteúdos específicos e certos tipos de audiência como, por exemplo, mulheres e ficção.

McQuail (1997 apud JACKS e ESCOSTEGUY, 2005, p. 31) expõem que um dos trabalhos pioneiros de usos e gratificações foi o desenvolvido na década de 1940 por Herta Herzog, seguidora do programa de Lazarsfeld, e que consistiu na investigação das gratificações oferecidas pelo rádio entre seus ouvintes.

De acordo com as autoras: “Além do pressuposto de que audiência é ativa e faz escolhas motivadas pela experiência anterior com os meios, o modelo ainda explora a ideia de que o uso dos meios é apenas mais uma das necessidades satisfeitas no dia a dia”. (p. 32)

Sobre o diferencial dessa última teoria mencionada em relação aos estudos anteriores, DeFleur e Ball-Rokeach (1993, p. 206) afirmam que:

Foi uma mudança de uma visão da audiência como *passiva* para a percepção de seus membros serem *ativos* na escolha do conteúdo e mensagens preferidos da mídia. Teorias anteriores (p.ex., a formulação da bala mágica) consideravam a audiência como relativamente inerte, aguardando passivamente a mídia transmitir informações que eram então percebidas, recordadas, e (presumivelmente) utilizadas mais ou menos uniformemente. (grifo dos autores)

Katz (1975 apud MATTELART E MATTELART, 2006) também comentam a inovação desse estudo. Eles apontam que a teoria dos usos e gratificações se afastou dos efeitos diretos e tentou superar o dos efeitos indiretos e ilimitados.

Quanto aos *estudos de crítica literária*, eles são mais voltados ao aspecto estético da recepção. A intenção é perceber o que a estrutura dos textos literários pode fazer aos leitores.

Sobre a *agenda setting*, uma definição clássica é a de Shaw (1979, p. 96), citada por Wolf (1999, p. 144):

(...) em consequência da acção dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a assistir àquilo que esse conteúdo inclui sua importância que reflecte de perto a ênfase atribuída pelo mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas.

Assim consideramos que pela definição dessa hipótese pode haver interferência no processo de recepção dos conteúdos que a mídia coloca em relevo em detrimento de outros acontecimentos, tendo em vista que, segundo esse referencial, os temas presentes na agenda dos meios de comunicação também passam a ser destaques no cotidiano das pessoas. Dessa maneira, os assuntos divulgados pelos veículos de comunicação seriam, por exemplo, os que se sobressairiam nas conversas estabelecidas entre as pessoas.

Já com uma conotação mais sócio-cultural, uma outra vertente nessa relação mídia e audiência são os estudos culturais apresentados a seguir.

1.1 Estudos culturais

Os estudos culturais de origem britânica (cultural studies) estão ligados ao Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), que surgiu na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, em 1964, tendo como principais representantes e textos base Richard Hoggart, que escreveu *The Uses of Literacy*, em 1957; Raymond Williams, autor de *Culture and Society*, de 1958; e Edward Thompson, com *The Making of the English Working-class*, de 1963. Nessa vertente, as características sócio-culturais são incorporadas ao processo de recepção e há um deslocamento dos meios para os grupos sociais.

O texto de Hoggart é dividido em uma parte autobiográfica e outra que aborda a história cultural da metade do século 20. Sua proposta consiste em estudar a influência dos meios de comunicação de massa entre trabalhadores da periferia na Inglaterra, sendo que o termo *literacy* refere-se à educação, no sentido de alfabetização. O estudo de recepção realizado por esse autor acrescenta nas análises a resistência por parte dos consumidores, mais

especificamente a influência da imprensa popular em relação às atitudes e, até que ponto, as mesmas são capazes de resistir a esse processo.

A obra de Williams apresenta um histórico do conceito de cultura e suas interconexões. E o livro de Thompson reconstroi parte da história da sociedade inglesa sob o ponto de vista dos que pertencem à camada social inferior.

Escosteguy (2001, p. 25) expõe que há semelhanças entre esses autores: “É importante ressaltar, então, que os três autores citados como os fundadores deste campo de estudos, embora não tenham uma intervenção coordenada entre si, revelam um leque comum de preocupações que abrangem as relações entre cultura, história e sociedade”.

Porém, para Mattelart e Matellart (2006), essa corrente se originou dos estudos de crítica literária desenvolvidos por Frank Raymond Leavis, publicados em 1930. A sua obra *Mass Civilization and Minority Culture*, segundo eles, serviria como um guia de auxílio à defesa contra a cultura comercial. Dessa maneira, Leavis junto com um grupo da revista *Scrutiny*, criada em 1932, desejariam se valer da escola para difundir conhecimentos relativos aos valores literários.

Mattelart e Matellart (ibid., p. 103) explicam esse aspecto:

Mesmo habitado pela nostalgia da alta cultura e da grande tradição literária que supostamente contém os valores “superiores” da era pré-industrial, Leavis rompe com a posição conservadora que caracteriza a crítica literária da época. De origem modesta, é o primeiro teórico da literatura inglesa a penetrar nos bastiões da aristocracia que são Oxford e Cambridge. Opõe-se francamente ao capitalismo industrial como sistema e ao lugar que nele assumem os meios de comunicação de massa na Grã-Bretanha.

Sobre os estudos culturais, Escosteguy (2001, p. 21) afirma que: “As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação do CCCS”.

A autora alerta para o fato de a ascensão desses estudos coincidirem com a crise de identidade nacional. Ainda, segundo ela, eles não constituem apenas uma disciplina: “É um campo de estudos em que diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado”. (ibid., p. 28).

Escosteguy explica também que no período de maior notoriedade do CCCS estão inclusos nos interesses desse grupo as subculturas, as questões de gênero, classe e, logo em seguida, as que envolvem raça e etnia, além dos meios de comunicação.

Ainda na década de 1970, a temática da recepção e os consumos midiáticos despertam a atenção dos pesquisadores do CCCS, principalmente após o texto *Encoding and decoding in the television discourse*, de Stuart Hall, publicado em 1973, além de outras produções como *Texts, readers e subjects*, de David Morley.

Segundo Jacks e Escosteguy (2005), o ensaio de Hall trata o processo de comunicação televisiva em: produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução, que estão articuladas entre si e são determinadas por relações de poder institucionais.

Em *Codificação/Decodificação*, Hall (2003) comenta que o nível conotativo possui maior abertura e possibilidade de transformações mais ativas, embora em cada cultura e sociedade haja uma “ordem cultural dominante”.

Ainda segundo o autor: “(...) é no nível conotativo do signo que as ideologias alteram e transformam a significação. Nesse nível, podemos ver mais claramente a intervenção ativa da ideologia dentro do discurso e sobre ele: aqui o signo está aberto para novas ênfases”. (HALL, 2003, p. 395)

Ele também expõe três posições hipotéticas por meio das quais a decodificação do discurso televisivo pode ser construída. Uma delas é denominada de *posição hegemônica-dominante*. Sobre essa classificação Hall (ibid., p. 400) explica que:

Quando o telespectador se apropria do sentido conotado de, digamos, um telejornal ou um programa de atualidades, de forma direta e integral, e decodifica a mensagem nos termos do código referencial no qual ela foi decodificada, podemos dizer que o telespectador *está operando dentro do código dominante*. (grifo do autor)

A outra posição é a de *código negociado*. Nesse caso, ele diz que:

Decodificar, dentro da *versão negociada*, contém uma mistura de elementos de adaptação e de oposição: reconhece a legitimidade das definições hegemônicas para produzir as grandes significações (abstratas), o passo que, em nível mais restrito, situacional (localizado), faz suas próprias regras – funciona com as exceções à regra. (2003, p. 401) (grifo do autor)

E a terceira, denominada de *oposicional*, é quando o telespectador entende o discurso, mas decodifica a mensagem dominante de maneira contrária, de acordo com um referencial alternativo.

Nos anos 1980, começam a ser desenvolvidos trabalhos que associam análise de texto e pesquisa de audiência e há uma expansão para estudos de recepção, principalmente em relação à TV. *The Nationwide Audience* é considerada investigação de audiência pioneira na área dos estudos culturais. Essa teria sido uma tentativa de experimentação empírica do modelo de Hall.

Nesse trabalho, Morley argumenta que as leituras individuais são enquadradas pelas formações e práticas culturais. Trata-se de uma questão de como a posição social, articulada com discursos particulares, produz tipos específicos de leituras e estas podem ser entendidas na medida em que a estrutura de acesso aos diferentes discursos é determinada pela posição social, definido de acordo com estruturas de classe, raça, sexo ou nível de escolaridade.

Segundo Escosteguy (2001), nesse período, a atenção se volta à reflexão sobre as novas condições de constituição das identidades sociais e sua recomposição em uma época em que as solidariedades tradicionais estavam enfraquecidas.

Para Jacks e Escosteguy (2005), a pesquisa sobre a recepção midiática no âmbito dos estudos culturais teve vários momentos. As autoras acreditam que teriam contribuído para a trajetória desse estudo, o debate feminista em torno da centralidade da categoria do gênero, a redução do interesse em relação ao conteúdo dos programas e a concentração no cotidiano. Ainda na opinião delas, esse último fator é uma das motivações de crítica aos estudos culturais pelo fato de se constituir em uma análise mais centrada nas culturas de algumas comunidades e perder de vista os conteúdos dos meios.

Na opinião de Escosteguy (2001), o popular no espaço da comunicação é que foi o protagonista da emergência dos estudos culturais no contexto da América Latina. De acordo com a autora:

Ao contrário das trajetórias de estudos culturais que estabeleceram uma forte relação com análises de textos (a britânica, de certa forma, durante um período, e a norte-americana desde sua origem) e, portanto, uma relação mais intensa com outro grupo disciplinar, os latino-americanos tentam, num primeiro momento, gerar competências à mudança social. (p. 49)

Ela também faz uma distinção entre os estudos culturais britânicos e latino-americanos. A autora comenta que não houve somente uma apropriação, mas que foram produzidos conteúdos que se basearam nos estudos desenvolvidos em outros países, porém voltados à realidade latino-americana:

O que se observa na América Latina através das formulações de Martín-Barbero e García Canclini, é uma criatividade teórico metodológica profundamente enlaçada com a conjuntura latino-americana mas, ao mesmo tempo, em sintonia com um movimento intelectual maior, passível de ser associada aos estudos culturais. Uma afinidade teórica perpassa as observações de Hall, García Canclini e Martín-Barbero, embora cada uma delas esteja enraizada e levando em consideração condições históricas determinadas e percursos próprios. (ibid., p. 128)

Escosteguy, no entanto, acrescenta que os estudos culturais não devem ser considerados como uma fórmula teórica de valor universal:

Logo, o que estamos sugerindo é que os autores estudados nem se lançaram a uma transposição mecânica de uma teoria a uma realidade particular, subordinando a realidade a fórmulas teóricas, nem subordinaram uma teoria à realidade latino-americana – mesmo que a unidade da América Latina não possa ser tomada como evidente. (ESCOSTEGUY, ibid.p.189)

Em nossa opinião, alguns aspectos dos estudos culturais trouxeram importante contribuição aos estudos de audiência ao integrarem nas análises aspectos sócio-culturais e serviram de base para outros estudos como os de recepção latino-americanos, mas em cada caso houve adaptações e mudanças de enfoques que variaram de acordo com a situação específica.

1.2 Estudos de recepção latino-americanos

Para o desenvolvimento desta pesquisa, consideramos mais adequado os estudos de recepção latino-americanos. Esse referencial teórico é considerado por muitos pesquisadores como uma evolução dos *cultural studies*. Sobre esse aspecto, Escosteguy (2002), afirma que os estudos de recepção se detêm na pesquisa empírica da audiência, em especial, da televisão.

Já Sousa (2006, p. 24) destaca que: “Retomar os estudos culturais como eixo nos estudos sobre recepção mediática e confrontá-los com aqueles que buscam atualizar o debate sobre a esfera pública contemporânea do pensamento político e social traz novos vetores de aproximação entre, cultura, comunicação e política”.

Os estudos de recepção na América Latina começaram a se ampliar na década de 1980, período em que as teorias produzidas no campo da Comunicação passam a ser alvo de críticas. Até então predominava nas pesquisas a denúncia à supremacia dos meios, ao

imperialismo norte-americano, a visão de que o receptor era passivo e não conseguia ter uma posição crítica diante das mensagens midiáticas a que era exposto. Esse referencial se constitui, então, em um novo olhar sobre o processo de comunicação.

Os estudos de recepção latino-americanos tiveram entre seus precursores o filósofo espanhol Jesús Martín-Barbero, pesquisador que desloca as análises da centralidade dos meios para as mediações, que passam a ter papel fundamental no processo de recepção e, segundo ele, correspondem a “um conjunto de fatores que estrutura, organiza e reorganiza a percepção e apropriação da realidade por parte do receptor”.

Assim, é considerado que existe uma interrelação entre produção e recepção e que a mensagem não depende apenas do meio. Também que o processo comunicacional deve ser analisado como um todo, de forma mais ampla, o que o filósofo espanhol denomina de “análise integral do consumo” e que pode ser entendido como o conjunto dos processos sociais de apropriação dos produtos, ao invés da noção que se tinha de que os veículos de comunicação detinham o poder e o público se mantinha passivo, apenas assimilando o que lhe era imposto e reagia como esperavam os responsáveis pelos conteúdos midiáticos.

Jacks e Escosteguy (2005, p. 54) expõem a visão de Guillermo Orozco sobre o surgimento dos estudos de recepção latino-americanos. Segundo esse autor, eles têm início em um movimento pela “desideologização dos estudos em comunicação, principalmente na emergente corrente dos estudos empíricos onde se recupera o papel do sujeito nas suas múltiplas relações com os diferentes meios de comunicação”.

Ainda sobre os estudos de recepção, Martín-Barbero (1995) comenta que, embora tenha dito que seria necessário estudar não o que fazem os meios com as pessoas, mas o que fazem as pessoas com elas mesmas, as leituras em relação aos meios, isso não significa que o receptor tenha domínio total.

Escosteguy (2001, p. 37) também destaca esse aspecto:

Embora seja plausível a consideração de que a audiência estabelece uma ativa negociação com os textos mediáticos e com as tecnologias no contexto da vida cotidiana, esse posicionamento pode tornar-se tão otimista que perde de vista a marginalidade do poder dos receptores diante dos meios.

Esse limite do poder do receptor será mencionado ainda por Orozco, na obra *Televisión y audiencias: un enfoque cualitativo*, publicada em 1996. Para o autor, a capacidade de a audiência produzir significados, a criatividade e criticidade do público

possuem determinado limite. No caso da criatividade, ele acredita que essa aptidão é realizada dentro de parâmetros que tomam como referência a própria TV e a cultura do público.

Em relação a essa linha teórica, Brittos (1999, p. 1) menciona que:

Há um rompimento com as análises apocalípticas, que veem o receptor indefeso e apático diante do poder indefensável da mídia massiva, a qual muitas vezes é apresentada como constituindo uma esfera distinta da cultura. Por esta via, reestabele-se o bom senso de que, se os receptores não são mais considerados guiados pelas indústrias culturais, a sociedade não é só mídia, ou seja, há muito mais dados a serem observados, formando as mediações.

Nos estudos de recepção latino-americanos é considerada a ideia de hegemonia utilizada por Gramsci. A respeito do significado desse termo, Clarke, Hall et. al., (1975, p. 38 apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 73) citam que:

Gramsci usou o termo ‘hegemonia’ para referir-se ao momento em que uma classe dominante é capaz não somente de coagir uma classe subordinada a sujeitar-se aos seus interesses, mas de exercer uma ‘hegemonia’ ou ‘autoridade social total’ sobre as classes subordinadas. Isso envolve o exercício de um tipo especial de poder - o poder de conceber alternativas e incluir oportunidades para ganhar e forjar o consentimento, de tal forma que a outorga de legitimidade às classes dominantes aparece não somente como ‘espontânea’ mas, também, como natural e normal.

Mendonça (2006), por sua vez, aponta que, na interpretação gramsciana, a hegemonia equivale à capacidade das classes dominantes dirigirem por meio de consenso a vida intelectual, cultural e social de uma determinada sociedade e, dessa maneira, se manterem no poder, tendo em vista que as ideias que circulariam na sociedade seriam a dominante ou de frações que compõem o grupo dominante.

Isso equivale a dizer que, apesar de os dominantes procurarem transmitir as suas ideologias, esse processo não é realizado de forma autoritária. Escosteguy (2001, p. 99) lembra que, para Martín-Barbero, o que ocorre é um processo em que os dominadores procuram seduzir os dominados e estes entrariam nesse jogo pelo fato de que parte de seus interesses estariam no discurso do dominador.

Acreditamos que, mesmo com a tentativa de um discurso hegemônico reforçado pela linguagem e pelos aparatos, há uma abertura na qual aspectos inerentes ao indivíduo afloram, e que, portanto, não possibilitam controle total dos meios e das classes sociais dominantes, apesar de o público, algumas vezes, possuir um repertório que pode ter sido construído tendo por base referenciais de dominação.

1.2.1 Mediações

Martín-Barbero acredita que as pessoas reinterpretem o que leem, ouvem ou veem tendo por base conhecimentos próprios os quais são influenciados pelo bairro em que elas moram, pela escola, local de trabalho, associações das quais fazem parte, religião, o que significa dizer que há interferência de diversos fatores sociais, culturais, políticos e educacionais no processo comunicacional, ou seja, de mediações.

Segundo Escosteguy (2001), considerando o pensamento de Martín-Barbero, através das mediações, é possível entender, fundamentalmente, a interação entre produção e recepção ou entre as lógicas do sistema produtivo e dos usos, portanto o que se produz nos meios não responde unicamente ao sistema industrial e à lógica comercial mas, também, a demandas dos receptores, ressemantizadas pelo discurso hegemônico. (p. 101)

Para Sousa (2005) essas mediações e a negociação de sentido podem ser consideradas inovações na recepção.

Já Ferreira (2003, p. 267) afirma que:

O estudo da recepção enfatiza, normalmente, uma visão antropocêntrica em vez de uma visão midiocêntrica dos meios de comunicação, ou então, como declara Martín Barbero, tais estudos deixam os meios para passarem às mediações sociais. E é nessa migração em direção à recepção que os estudos de comunicação se ancoram em conceitos como hegemonia, negociação, hibridização entre outros, para darem conta de tais mediações, ou melhor, como ressalta o mesmo autor, dar conta das “mediações comunicativas da cultura”.

Esse conceito será apresentado por Martín-Barbero em uma de suas principais obras: *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, publicada, em espanhol, no ano de 1987. Inicialmente, ele propõe três tipos de mediações em relação à recepção televisiva: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

Ao abordar a cotidianidade familiar, o pesquisador comenta que “Se a televisão na América Latina ainda tem a família como *unidade básica de audiência* é porque ela representa para a maioria das pessoas a *situação primordial de reconhecimento*”. (2003, p. 305)

O autor explica que a cotidianidade não se limita ao âmbito da recepção, mas que as marcas relativas à família estão no próprio discurso da TV e se manifestam de duas maneiras: por meio da simulação de contato e do emprego da linguagem coloquial. Isso equivale a dizer

que, para adentrar ao espaço familiar, o personagem, que no caso de telejornais seria o apresentador (interlocutor), vale-se de uma linguagem que o aproxima do público, utilizando termos simples, clareza e economia de palavras.

Em relação a esse aspecto, ele menciona o seguinte: “Na televisão, a visão predominante é aquela que produz a sensação de *immediatez*, que é um dos traços que dão forma ao cotidiano”. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 307)

Sobre a cotidianidade nos estudos de recepção, Tufte e Jacks (1998) citam que para Santos (1989) esse aspecto pode ser analisado sob quatro dimensões, ou seja, a doméstica, do trabalho, da cidadania e mundial. Sendo que, segundo eles, essas vertentes interpenetram e se articulam de forma contínua.

Essa variedade de espaço-tempo mediaria então a comunicação com a cultura massiva, conforme pensado por Barbero e Orozco, porém com enfoque além da cotidianidade doméstica.

Por temporalidade social, Martín-Barbero entende o tempo cotidiano, das culturas populares, o qual é produzido por fragmentos, e não o tempo produtivo. Segundo ele, cada programa ou texto televisivo remete seu sentido ao encontro de gêneros e tempos.

Ao comentar a competência cultural, o autor aborda a relação TV/cultura e expõe que geralmente há os que denunciam a decadência cultural promovida pela TV e os que defendem que nesse meio haja espaço para a cultura do povo considerada pura e que ele denomina como a-histórica. Ainda segundo o estudioso, a televisão, a partir dos gêneros, ativa a competência cultural.

Para Wottrich, Silva e Ronsini (2009), a competência cultural está relacionada às experiências culturais que o indivíduo adquiriu ao longo da sua vida, não apenas por meio da educação formal, mas também refere-se ao que ele aprendeu em seu cotidiano. Assim, contemplaria a cultura étnica, de bairros e regiões.

Em 1990, Martín-Barbero propõe a transformação dessas mediações em três dimensões: sociabilidade, ritualidade e tecnicidade. No prefácio da 2ª edição do livro *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, publicado, em 2003, pela Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o estudioso apresenta um novo mapa referente às mediações, levando em consideração as novas complexidades das relações constitutivas entre comunicação, cultura e política. Dessa maneira, há um deslocamento das mediações culturais da comunicação para as mediações comunicativas da cultura.

A respeito desse processo, Jacks, Menezes e Piedras (2008, p. 39) comentam que com as novas mediações, o autor “(...) recoloca a necessidade formal de trabalhar os meios e todos

os recursos que os rodeiam de forma mais enfática para entender a cultura contemporânea, sem deixar, entretanto, de considerar todos os elementos da estrutura sociocultural que configuram a relação das pessoas com os meios de comunicação”.

O esquema proposto, então, por ele é o ilustrado a seguir:



Figura 1 - Proposta de novo mapa das mediações apresentada por Martín-Barbero.

Fonte: Extraído de MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003, p. 16

A respeito dessa classificação, ele esclarece que o esquema move-se sobre dois eixos: o diacrônico ou histórico de longa duração - entre Matrizes Culturais (MC) e Formatos Industriais (FI) - e o sincrônico, entre Lógicas de Produção (LP) e Competências de Recepção ou Consumo (CR). Por sua vez, as relações entre MC e LP encontram-se mediadas por diferentes regimes de institucionalidade, enquanto as relações entre MC e CR estão mediadas por diversas formas de socialidade. Entre as LP e os FI medeiam as tecnicidades, e entre os FI e as CR, as ritualidades. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 16)

O autor entende socialidade como algo que é gerado nas tramas das relações cotidianas que se dão entre os homens, como uma espécie de ancoragem do que ele denomina de práxis comunicativa e que, para Martín-Barbero, resultaria dos usos e modos coletivos da comunicação. Na opinião dele, observada sob essa óptica, a Comunicação se revela como constituição de sentido e construção e desconstrução da sociedade. Dessa forma, haveria uma apropriação cotidiana além das instituições, que consegue se sobressair em meio à hegemonia.

Já institucionalidade é apresentada por Martín-Barbero (ibid., p. 17) como: “uma mediação densa de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado, e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos que, da parte do Estado, buscam dar estabilidade à ordem constituída e, da parte dos cidadãos – maiorias e minorias –, buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer, isto é, re-constituir permanentemente o social”.

Nesse caso, o autor explica que a Comunicação “se converte em questão de *meios*, ou seja, de produção de discursos públicos cuja hegemonia encontra-se do lado dos interesses privados”. (MARTÍN-BARBERO, ibid., p. 18).

As ritualidades, por sua vez, mediarão os FI e as CR, figurando como um nexo simbólico que sustenta o processo de comunicação. A sua relação com os FI regulariam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam os meios. Já a partir das CR, as ritualidades remetem, de um lado, aos diferentes usos sociais dos meios e, do outro, às diversas trajetórias de leitura, que variam de acordo com gosto, nível de escolaridade, classe social, etc.

A tecnicidade também é outra mediação que passa a ser considerada pelo estudioso. Ela estaria entre os FI e as LP. Porém, ele salienta que esse tipo de mediação não deve ser pensado apenas do ponto de vista de produção e nem ser restringido a aparatos: “Confundir a comunicação com as técnicas, os meios, resulta tão deformador como pensar que eles sejam exteriores e acessórios à (verdade da) comunicação” (p. 18)

Ainda sobre essa mediação, Jacks, Menezes e Piedras (2008) afirmam que, para Martín-Barbero, a técnica extrapola a ordem instrumental e sedimenta os saberes e a constituição das práticas e, portanto, a tecnicidade seria responsável por dar visibilidade às formas de inovação que permeiam o âmbito da produção e interferem nos discursos e modos de sentir e perceber dos receptores.

A respeito das mediações, Ruótolo (1998, p. 157) destaca que:

As mediações são, portanto, rituais de negociação de significados que formam a base da cultura. As mediações atribuem ao receptor um grande poder de modificar (e até subverter) o conteúdo dos meios de comunicação para obter interpretações que satisfaçam às suas necessidades. Não existe interpretação única; cada receptor, cada comunidade encontra significados que se aproximam mais de si mesmos do que do emissor. E paradoxalmente quanto mais conteúdos a indústria cultural produzir maior será a facilidade do receptor de modificar os significados para se aproximar mais de sua própria percepção.

Já Nestor Garcia Canclini acrescenta às mediações propostas por Martín-Barbero a hibridização cultural, que equivale a uma interconexão entre culto, popular e massivo na qual se combinam lógicas do mercado e do público.

Orozco (1996, p. 74) expõe o seguinte ponto de vista sobre as mediações: “Por mediações na televidência entendo <<instâncias estruturantes da interação dos membros da audiência, que configuram particularmente a negociação que realizam com as mensagens e influenciam nos resultados do processo >>”. (tradução nossa)

Ainda segundo esse autor, as mediações que estão em jogo na televidência são quase sempre imperceptíveis e uma tarefa dos investigadores é revelá-las e torná-las explícitas.

Sobre as mediações propostas por Orozco, Santos e Nascimento (2006) explicam que o autor traz a teoria de Martín-Barbero para o nível empírico, tendo em vista que esse estudioso afirma que Barbero não elaborou um conceito de mediação mais concreto.

Orozco desenvolveu o modelo de enfoque integral ou das múltiplas mediações. Sobre a sua proposta, ele afirma que:

Em um esforço por resgatar a mediação para o terreno da televidência proponho que se entenda como um <<processo estruturante>> que configura e reconfigura a interação dos membros da audiência com a TV como uma criação por eles do sentido dessa interação. (1996, p. 84) (tradução nossa)

O autor ainda comenta que:

Nesta tipologia distingo, em primeiro lugar, as mediações como processos de estruturação derivados de ações concretas ou intervenções na televidência e, em segundo lugar, diferencio as mediações das <<fontes de mediações>> o lugar em que se originam estes processos estruturantes. A mediação, então, se manifesta por meio de ações e do discurso, porém nenhuma ação singular ou significado particular constitui uma mediação propriamente. A mediação parece ser um processo estruturante mas complexo e difuso, diferente da soma de seus componentes. (1996, p. 84) (tradução nossa)

Dorneles (2003) afirma que, na obra lançada por Orozco em 1991, o autor considera seis mediações ao estudar a audiência. São elas: videotecnológica; cognoscitiva; situacional; cultural; de referência; e institucional. Já na obra *Televisión y Audiencias: un enfoque cualitativo*, de 1996, ele divide as mediações em quatro grupos: individual; situacional; institucional; e videotecnológica.

O próprio autor explica essa divisão mais recente:

Para integrar a mediação múltipla que conforma a interação da audiência, sugiro quatro grupos de mediações, entendendo, primeiro, que a cultura impregna todas elas. E, segundo, que esta agrupação não é nem exaustiva nem excludente, mas basicamente analítica, a qual permitirá agrupações sucessivas distintas. (OROZCO, 1996, p. 84 - 85) (tradução nossa)

Quanto a essa classificação, a individual é a que parte do sujeito, enquanto indivíduo ou sujeito social, pertencente a uma cultura. Ela é subdividida em cognitiva, a qual contempla conjunto de fatores que influem na aquisição de conhecimento como valores, crenças, informações e emoções; e estrutural que envolve gênero, religião, nível de escolaridade, idade e etnia.

A situacional está relacionada à situação da interação e vai além do simples contato com a televisão. Sobre esse tipo de mediação, Orozco (1996, p. 87) expõe que:

A situação em que a interação TV - audiência se estabelece constitui também uma fonte importante de mediações. Porém na medida em que essa interação transcende o simples momento de contato direto com a TV a mediação situacional se multiplica de acordo com os diferentes cenários nos quais se desenvolvem a interação. (tradução nossa)

Ainda segundo o autor, portanto, estar só ou acompanhado constituem mediações situacionais e as mesmas também procedem de cenários específicos como escola, reunião com os amigos, bairro, local de trabalho, igreja.

A institucional está relacionada às instituições as quais o receptor pertence como escola, igreja, empresa, partido político, família.

Sobre o papel das instituições na mediação, Orozco (ibid., p. 88) comenta que:

Desde sua particularidade histórica cada instituição trata de socializar a seus membros. As instituições utilizam vários recursos para realizar a sua mediação. O poder e as regras são algumas estratégias, os procedimentos de negociação são outros, as condições materiais e espaciais também servem os objetivos institucionais. A autoridade moral e acadêmica são outros recursos. A atribuição da identidade e o desenvolvimento de classificações que dão sentido ao mundo, também são aspectos importantes das mediações institucionais. (tradução nossa).

Jacks e Escosteguy (2005) citam que esses três tipos de mediações estariam ligadas com a cultura e as subculturas a que pertence o sujeito-receptor. Já a videotecnológica se

refere às características próprias do meio televisivo como a programação, o gênero e a publicidade.

Para Dorneles (2003), no momento inicial, nota-se que as mediações propostas por esse autor também não possuem aplicabilidade, aspecto que se modificará quando, em 2001, Orozco apresenta como fatores relacionados à recepção as seguintes categorias analíticas: supertemas, comunidades de apropriação e estratégias televisivas.

Sobre essas alterações no modelo das múltiplas mediações, Dorneles (ibid. p. 6) afirma que: “As mudanças no modelo não são significativas, mas mostram a evolução sofrida por ele e a preocupação com que o modelo realmente dê conta de entender o processo televisivo”.

Orozco, inclusive, estudou as mediações e negociações da audiência em relação a noticiários em sete países e a maneira de apropriação das mensagens pelos televidentes, ou seja, os que integram o processo complexo que abrange múltiplas interações da audiência com a TV, para fins políticos, sociais e culturais na vida cotidiana deles.

Quanto aos supertemas que consideramos nas análises presentes em nossa dissertação, Orozco (1996, p. 75) destaca o seguinte:

Por supertemas entendo aqui aqueles universos temáticos que são cotidianamente importantes para a audiência. Como membros de uma audiência cada um dos sujeitos tem alguns temas como prioritários. Entre estes podem destacar-se, a maneira de exemplo, a da educação, o do trabalho, a da política, a da economia, a sexual e outros. Os membros da audiência, geralmente, estão dispostos a falar sobre temas os quais facilitam a troca de ideias, atitudes e opiniões ou assumem posições frente aos outros. (tradução nossa)

O estudioso também cita explicação de Jensen sobre os supertemas, o qual diz que: “Por exemplo, quando se assiste um noticiário na TV, aquelas notícias que se conectam com alguns destes supertemas são as que se presta maior atenção.” (p. 75)

Orozco ainda comenta que as notícias que são mais importantes para alguns, para outros podem não significar muito ou nada, e que isso é definido pelos supertemas.

Assim, por meio desse conceito, é possível identificar quais são os assuntos que mais despertam a atenção do público, as influências e modos de apropriação das mensagens.

Acrescentamos que, além dos aspectos sociais e culturais presentes no polo receptor, existem mediações no processo de produção dos programas que se refletem no conteúdo veiculado como a captação de informações, a linguagem empregada e edição das reportagens.

1.2.2 Contratos

Pode se ressaltar ainda em relação às pesquisas de recepção que, atualmente, a literatura produzida nessa área reconhece os contratos entre receptores e mídia, isto é, que o público tem o poder de negociar os significados simbólicos veiculados pelos meios. Lopes (2003) destaca que o uso desse termo na Comunicação é utilizado por autores como Eliseo Véron e Muniz Sodré, e que, apesar de cada estudioso dar um sentido diferente a essa ideia, provavelmente há convergência entre eles.

A respeito dos contratos, Lopes (ibid., p. 179) afirma que:

É possível vê-los como fenômenos de cultura, isto é, os acordos prévios que representam relacionam-se ao conjunto de crenças dominantes em determinado contexto. Também é necessário compreendê-los como fenômenos sociais, isso significa que fazem parte dos pactos sociais celebrados dentro e fora dos grupos em que se subdividem as classes.

No entanto, Martín-Barbero no prefácio da obra *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção e teleficcionalidade*, de autoria de Lopes, Borelli e Simões, observa que as pesquisas não têm levado em consideração esse fator:

Boa parte dos estudos de audiência, na atualidade, exclui do contexto analítico o que a teoria das mediações coloca no centro: os paradoxos e ambiguidades que mobilizam a recepção no processo de *negociação* de sentido - o que as pessoas veem, escutam, leem. Isso porque apenas misturam a observação etnográfica neutra com as análises sociopsicológicas de algumas interações bem controladas metodologicamente. A recepção é parte tanto de processos subjetivos quanto objetivos, de processos *micro*, controlados pelo sujeito, quanto *macro*, relativos a estruturas sociais e relações de poder que fogem ao seu controle. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 14) (grifo do autor)

A temporalidade também é salientada em relação aos contratos, ou seja, em épocas distintas os contratos se diferem, porém eles não deixam de ter reflexo do que foi acumulado ao longo do tempo. Determinado grupo sociocultural e cada indivíduo também estabelecem contratos particulares, mesmo que as mensagens sejam de caráter universal.

Esse estudo contempla as ideias apresentadas anteriormente e considera a recepção como um processo em que, apesar de a mídia desempenhar um papel de influência junto ao público, as interpretações variam de acordo com o repertório de cada indivíduo, o qual pode ser determinado por aspectos educativos (referente à questão formativa da pessoa), sócio-

culturais e políticos. Também considera que os receptores adaptam os conteúdos aos seus interesses, à realidade pretendida por eles, aceitando ou negando o que é apresentado pelos meios de comunicação e que esse comportamento vai depender da situação, ou seja, se os mesmos estiverem em acordo ou desacordo com seus ideais.

1.3 Panorama brasileiro

Julgamos importante estudar a trajetória brasileira nos estudos de recepção em Comunicação para que possamos compreender o caminho já percorrido, as influências teóricas e as lacunas a serem preenchidas, além de acrescentar informações obtidas sobre esse panorama nesta dissertação.

No Brasil, as pesquisas acadêmicas envolvendo práticas de recepção midiática começaram a partir da década de 1970, sendo que, naquela época, a maioria não foi realizada em programas de pós-graduação de Comunicação, os quais, nessa época estavam se iniciando.

O marco teria sido o programa de Leitura Crítica em Comunicação liderado pela União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC) e que tinha como objetivo estimular a criticidade em relação aos meios de comunicação por meio de cursos e da publicação de *Para uma Leitura Crítica*, pela Editora Paulinas, que consistiu em uma coleção de manuais.

Para Jacks e Escosteguy (2005), a trajetória brasileira assume um caráter de narrativa, principalmente entre 1970 e 1990 por causa da pequena bibliografia que aborde o estado de arte das pesquisas sobre práticas de recepção midiática no meio acadêmico.

Quanto às pesquisas da década de 1970, Jacks e Escosteguy (ibid.) destacam a dissertação *A noite da madrinha: ensaio sobre a indústria cultural no Brasil*, de Sergio Miceli, e que se transformou em livro publicado no ano seguinte. Também *A TV e o quadro de referência sócio-cultural: o público dos telepostos de São Luís do Maranhão*, tese de doutorado de Nely Camargo; a obra *Televisão e consciência de classes*, originada a partir de tese de doutorado de Sarah Chucid Da Viá; *Por trás das ondas da Rádio Nacional*, de autoria de Miriam Goldfeder. Ainda *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*, trabalho de Ecléa Bosi; e a obra *O paraíso via Embratel*, de Luiz Augusto Milanesi, que foi apresentada originalmente como dissertação de mestrado.

Nos anos 1980, é que foram produzidos trabalhos acadêmicos mais contextualizados de práticas de recepção midiática, influenciados pelo pensamento latino-americano. Um dos exemplos é *Leitura social da novela das oito*, de Ondina Fachel Leal, que consiste em um estudo de audiência que compara a recepção da telenovela em diferentes classes sociais.

Outro estudo foi realizado por Carlos Eduardo Lins da Silva, que desenvolveu pesquisa sobre a recepção do *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, por trabalhadores de duas comunidades: Lagoa Seca, localizada em Natal (RN), e Paicarará, pertencente ao Guarujá (SP).

Ainda são citadas por Jacks e Escosteguy (ibid.) como pesquisas brasileiras no âmbito da recepção midiática na década de 1980 *O Pica-Pau: Herói ou Vilão?* Representação social da criança e reprodução da ideologia dominante, de Elza Dias Pacheco; *O mito na sala de jantar*, de Rosa Maria Bueno Fischer; *O rádio dos pobres*, de Maria Immacolata Vassalo de Lopes; *A TV Globo em duas comunidades rurais de Paraíba*, que tem como autor Osvaldo Trigueiro; e *Rosa Púrpura de cada dia*: trajetória da vida e do cotidiano de receptores de telenovela. (p. 83-86)

O que se percebe, no entanto, é que apesar do reconhecimento de novos componentes seja em relação às mediações ou contratos, a maioria dos estudos se centraram na comprovação do poder de reação do público frente aos conteúdos televisivos.

Sobre a produção acadêmica nos anos 1980, Jacks e Escosteguy (ibid.) afirmam que a constatação é de que em algumas pesquisas não há reflexão metodológica ou esse fator aparece de maneira fragmentada.

Lopes (1999, p. 3) cita texto produzido por ela, em 1989, sobre as pesquisas de recepção no início dos anos 1980:

(...) identifiquei nas pesquisas de recepção no Brasil uma espécie de “teorização atrasada” em relação à reflexão “avançada” que se fazia através da teoria das mediações. Eram teorizações “atrasadas” porque marcadas por um forte esquema dualista: ou se privilegiava exclusivamente os modos de reelaboração/resistência/refuncionalização dos conteúdos culturais das classes populares ou se tomava esses conteúdos como completamente moldados pela ação ideológica das classes dominantes, via meios de comunicação de massa.

Consideramos que a identificação da predominância de mediações que interferem na apropriação dos conteúdos midiáticos e também da utilização das mensagens no cotidiano dos receptores em nível familiar, social ou profissional, são importantes pontos que deveriam integrar as pesquisas de recepção.

Jacks, Menezes e Melo (2006) realizaram um trabalho no qual identificaram a produção dos estudos de recepção desenvolvidos nos programas de pós-graduação em Comunicação do Brasil, durante a década de 1990. Elas avaliaram trabalhos que tomam a identidade cultural como mediação nos processos de recepção. Segundo essa pesquisa, a

produção científica que teve como objeto os estudos de recepção representou apenas 2,5% das teses e dissertações do período analisado.

Já no livro *Meios e audiências* – a emergência dos estudos de recepção no Brasil, Jacks, Menezes e Piedras (2008) constataram que a TV foi o meio de comunicação mais estudado na década de 1990, registrando 136 trabalhos sobre esse veículo, sendo que 22 se dedicaram à recepção e, deste total, 16 adotaram o que elas denominam de “abordagem sociocultural”, cinco foram considerados com enfoque comportamental, ou seja, como um estímulo que provoca reações ao público, e uma pesquisa como “outras abordagens”, que não se enquadra em nenhuma das classificações anteriores.

Quanto à metodologia empregada, elas identificaram a utilização dos conceitos de mediações expostos por Martín-Barbero e o modelo de multimediações de Orozco, sendo que alguns estudos contemplaram os dois referenciais.

Em relação aos limites, elas avaliaram que nem todas as pesquisas que se propuseram a ser interdisciplinares conseguiram atingir esse objetivo e que a metodologia esteve ausente na maioria dos estudos analisados.

A análise das falas dos receptores foi um dos pontos que elas consideraram inadequado: “As falas foram tomadas sem a necessária articulação com seu mundo simbólico e social, ou seja, não há processo analítico e interpretativo dos discursos, apenas a transcrição das respostas às questões feitas pelo pesquisador”. (JACKS, MENEZES E PIEDRAS, 2008, p. 118)

A repetição de temas e a não consideração de estudos já desenvolvidos foram outros fatores apontados como deficitários nas pesquisas.

Nos anos 1990 e 2000, também é possível constatar estudos de recepção mais centrados na TV a cabo. Sobre esse recorte, Jacks, Nunes e Franke (2005) produziram um artigo, sob a forma de relato, onde analisaram quatro dissertações que abordam o assunto.

Em relação à recepção de programas televisivos por comunidades, que é nosso objeto de estudo, Bonin (1996) realizou pesquisa que teve como objetivo investigar as percepções dos pequenos produtores da comunidade de Rio Fortuna em relação às mensagens veiculadas por um programa rural, evidenciando as mediações participantes do processo de recepção. Para tal, ele utilizou como fundamento teórico-metodológico os conceitos de mediações desenvolvidos por Orozco.

Outro trabalho no sentido de investigar a aplicabilidade das mensagens foi o de Ronsini (1993). Ela desenvolveu uma pesquisa que teve por objetivo compreender os mecanismos de apropriação e/ou resistência da mulher rural frente às mensagens televisivas.

No caso, foi estudada a relação do melodrama com as práticas produtivas e culturais de uma comunidade rural.

Também pode ser destacada a dissertação de mestrado *O Telejornal que fala pra gente, mas não fala da gente* desenvolvida por Fagner Carniel no município de Dois Vizinhos, localizado no sudoeste do Paraná, e que visou investigar como o telejornalismo rural, mais especificamente o *Globo Rural*, atua no processo de promoção da modernização agrícola, significações e reformulações que configuram a agricultura familiar no contato com o que se “vê” e “aprende” por meio dessa produção televisiva.

Ainda podemos destacar dissertação de mestrado realizada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) por Patrícia Kolling, na qual ela apresenta os sentidos produzidos sobre o meio ambiente por agricultores familiares do município de Santa Rosa (RS), a partir da audiência ao programa *Globo Rural*. O trabalho busca compreender o processo de comunicação articulado a partir das mediações do cotidiano familiar, posição social de classe, situacional e institucional.

Nosso estudo pretende dar um passo a mais porque, além de compreender a percepção e aplicabilidade dos conteúdos veiculados no cotidiano dos receptores, tem como objetivo identificar as mediações propostas por Martín-Barbero e Orozco que são predominantes e o papel delas no processo, incluindo a explicação sobre conhecimentos da estrutura de produção dos programas.

Capítulo 2 - Programa de Horta Comunitária de Botucatu

2.1 Principais características de Botucatu

O município de Botucatu está localizado na região Sudeste do Brasil, no interior do Estado de São Paulo, distante cerca de 90 Km de Bauru e 230 Km da capital paulista (ver mapa). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município possui 127.328 habitantes.

A elevação de freguesia à categoria de vila e a emancipação político-administrativa de Botucatu aconteceram no dia 14 de abril de 1855.

O povoamento do município teve início entre o Ribeirão Lavapés e a Praça Coronel Moura, onde se concentrava parte da tribo dos índios Caiouás. Quanto à origem do nome, Botucatu vem de “Ybitu Katu” que em tupi significa “bons ares”. A cidade possui clima com temperaturas médias de 22° C e altitude relativamente elevada, que varia de 756 m a 920 m no ponto mais alto: o Morro de Rubião Júnior.

No passado, Botucatu chegou a representar um quarto da extensão territorial do Estado de São Paulo. A ferrovia, que foi um dos marcos da cidade e contribuiu para seu desenvolvimento, teve início em 1889.

A produção de café era destaque na área agrícola e hoje há predomínio de citricultura, cana-de-açúcar e plantação de eucalipto. A agricultura orgânica se faz presente no município. Um dos impulsionadores do cultivo de alimentos sem utilização de agrotóxicos em Botucatu foi o trabalho de agricultura biodinâmica iniciado na Estância Demétria, em 1974, e pioneiro no país. Dez anos depois, foi criado o Instituto Biodinâmico, responsável pela certificação dos produtos orgânicos.

Em 2000, foi criada a Associação de Produtores Orgânicos da Região de Botucatu que realiza a Feira de Agricultura Natural todos os sábados no Espaço Cultural “Dr. Antônio Gabriel Marão” e conta com cerca de 30 associados. Os produtos dos integrantes da Associação ainda são comercializados em uma quitanda localizada no centro da cidade.

Nas primeiras décadas dos anos 1900, no setor comercial havia vários armazéns e, mais tarde, algumas pequenas fábricas chegaram a funcionar no município como de despulpadores de café, chapéu e outras de alimentos e bebidas, além da instalação de fábrica de ônibus e acessórios em 1950. Segundo a subsecretaria de Comércio e Indústria, em 2010, a

cidade possuía cerca de 10 mil estabelecimentos entre indústrias, comércio, setores de serviços e agronegócios.

Pelo fato de Botucatu ter sido referência na área de ensino no início do século 20, também passou a ser denominada de “cidade das boas escolas”. Em 1962, foi autorizada a instalação da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB), que começou a funcionar no ano seguinte. Em 1976, foi criada a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e a FCMBB foi dividida em quatro unidades hoje denominadas de Faculdade de Medicina, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Faculdade de Ciências Agrônômicas e Instituto de Biociências.

Atualmente, além da Unesp, a cidade possui uma unidade da Fatec e outras três instituições de nível superior particulares, além de polos de faculdades que oferecem ensino a distância.

Como atrativos turísticos, o município conta, por exemplo, com várias cachoeiras, prédios históricos e o Museu do Café, localizado na Fazenda Lageado.

Sobre a imprensa, o primeiro jornal botucatuense foi o Gazeta que começou a circular em 1889. No final dos anos 1800 também surgiram o Correio de Botucatu e Folha de Botucatu. Atualmente, há os seguintes jornais semanais: A Gazeta de Botucatu, fundado no dia 19 de novembro de 1957; Universo Feminino; e Mais Botucatu. Já de terça a domingo circula o Diário da Serra, que iniciou as atividades em 1992 e, no início, era denominado de Correio da Serra.

Quanto ao rádio, a primeira estação inaugurada foi a Rádio Emissora de Botucatu, no dia 30 de outubro de 1939, e que ficou conhecida como PRF-8. Já no dia 27 de maio de 1962, teve início a Rádio Municipalista de Botucatu. Ambas operam na frequência de Amplitude Modulada (AM).

A primeira emissora de Frequência Modulada (FM), a Rádio Cultura FM, teve início em 1979. Sua concessão pertencia a mesma família que, na época, era proprietária da PRF-8. Desde 2004, ela está arrendada para a Rede Aleluia pertencente à Igreja Universal do Reino de Deus. Em 1989, o município passou a contar com mais uma FM: a Rádio Clube. Em abril de 1994, entrou no ar a Rádio Criativa FM.

Além dessas emissoras comerciais, o município possui duas estações de rádio comunitárias: A Resgate FM, administrada pela Associação de Rádio Comunitária de Botucatu, e a Educadora FM, que está sob responsabilidade da Associação Educativa e Social do Distrito de Rubião Júnior.

Em relação ao meio televisão, Botucatu possui uma emissora classificada como educativa, que tem como responsável pela concessão a Fundação Lanhoso de Lima. Ela é conhecida como TV Serrana. A maioria do conteúdo veiculado é gerado pela EBC e parte da programação exibida é local. Também conta com sucursais da TV Tem, afiliada da Rede Globo, e da Record Paulista, da Rede Record. Há ainda a TV a cabo Alpha.

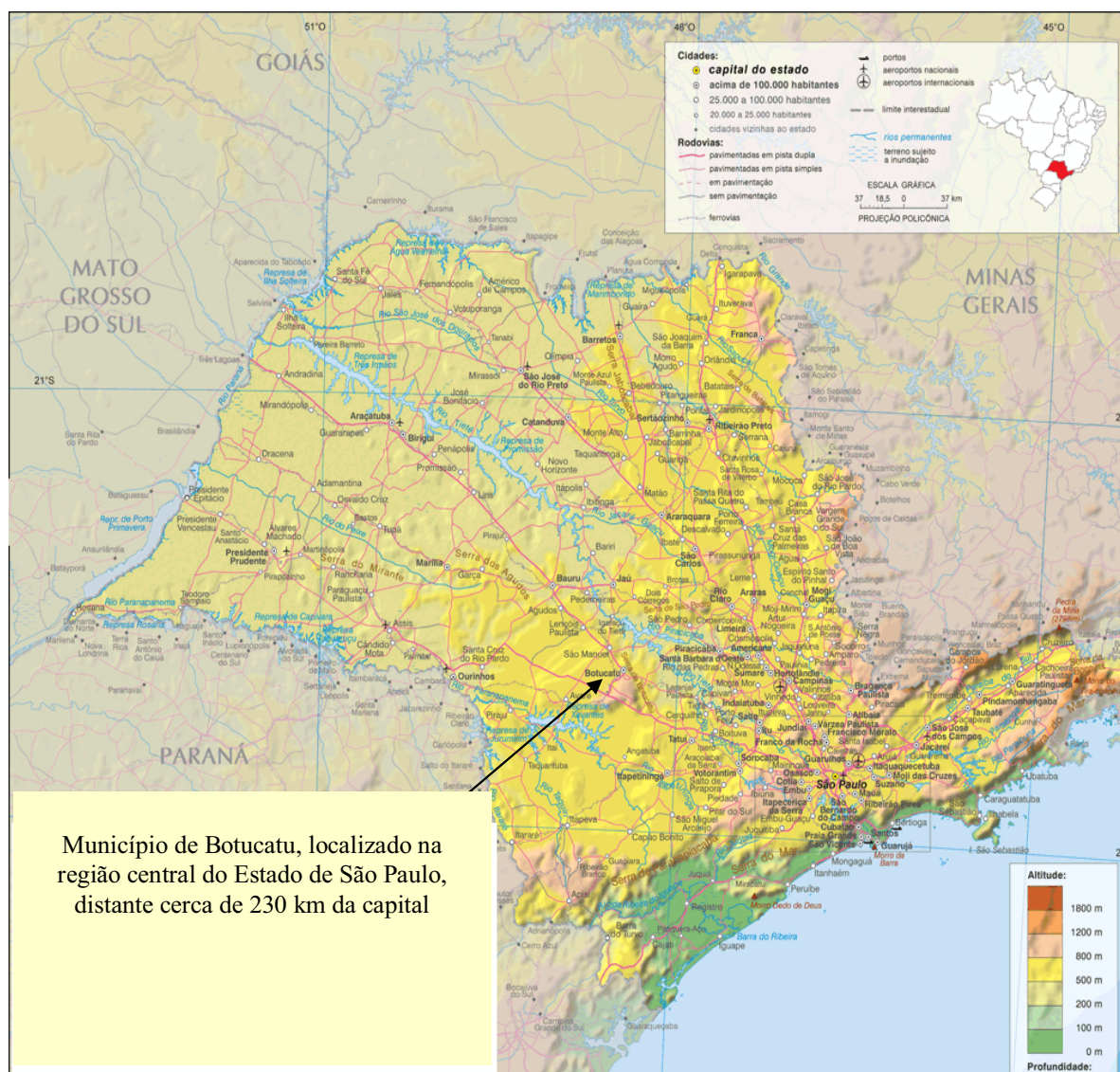


Figura 2 – Mapa do Estado de São Paulo. No detalhe, indicação de localização de Botucatu. Fonte: IBGE.

2.2 Apresentação do Programa de Horta Comunitária

O Programa de Horta Comunitária de Botucatu é um projeto da Prefeitura Municipal que teve início em abril de 2004² destinado a moradores dos bairros periféricos da cidade. O objetivo seria a geração de renda e também alimentação saudável e de baixo custo tanto para os integrantes do projeto como para a população de Botucatu, tendo em vista que a proposta consiste na produção de alimentos sem uso de agrotóxicos e a atividade possui subsídio do poder público.

Atualmente é coordenado pela Subsecretaria Municipal da Agricultura e Abastecimento que oferece insumos e, esporadicamente, cursos de capacitação aos participantes e também conta com o apoio da Secretaria Municipal de Assistência Social. Além de mudas, adubos utilizados nas hortas, custeio de contas de água e luz, os integrantes recebem uma cesta básica. Na fase inicial, de acordo com a referida Subsecretaria, são disponibilizados materiais como tela; arames; mangueira; registros; torneiras; esterco; calcário; cariola; enxada; rastelo; cavadeira; entre outros, que somam um valor de cerca de R\$3.800,00. (ANEXO 1)

Ao todo são 14 hortas que ocupam áreas pertencentes à Prefeitura de Botucatu e, em cada um dos locais, existe um líder, papel geralmente desempenhado pelos que participam do projeto há mais tempo. Em média, cada horta conta com quatro trabalhadores.

Segundo Arnaldo Mesquita Sampaio³, ex-secretário de Agricultura de Botucatu e que atuou na implantação do projeto, a ideia surgiu da Secretaria de Assistência Social a qual, na época, havia constatado que em diversos bairros havia carência de geração de renda e considerou que a criação de hortas comunitárias poderia minimizar o problema. Assim, estabeleceu-se uma parceria entre as duas secretarias. De acordo com Sampaio, inicialmente manteve-se contato com pessoas desempregadas, identificadas a partir de mapeamento realizado pela Secretaria de Assistência Social. Outro aspecto mencionado por ele foi a participação na fase inicial dessa atividade de pessoas com problemas de saúde.

As primeiras hortas foram implantadas no Jardim Santa Elisa e no Bairro 24 de Maio, esta em parceria com a Associação de Moradores do local. As instalações das demais ocorreram de forma gradativa.

² Informação fornecida pela Subsecretaria de Agricultura e Abastecimento

³ Depoimento concedido em jan. 2010. Entrevistadora: A. Donini

Horta	Endereço	Setor
Asilo	Rua Visconde do Rio Branco s/n (ao lado do Asilo Padre Euclides) Vila Rodrigues Alves	Leste
Cambuí	Rua C s/n	Norte
Centro de Referência em Assistência Social Rubião Júnior	Rua Caetano Vidotto, 231	Oeste
Cohab I	Ao lado da Escola Municipal	Sul
Cohab IV/Jardim Bandeirantes	Rua Gentil de Castro	Leste
Comerciários	Em frente à Escola de Educação Infantil Maria de Lurdes T. Sardenberg	Sul
Convívio Residencial Park	Rua das Camélias	Sul
Itamaraty	Rua Josias Pires do Amaral	Norte
Jardim Ciranda	Rua Lázaro Ramos Nogueira s/n	Leste
Marajoara	Adegar de Alencar Sabóia (em frente ao Projeto Caminho da Luz)	Oeste
Monte Mor	Avenida Cláudio Ferreira Cesário s/n	Norte
Rubião Júnior	Rua Vicente Pimentel s/n	Oeste
Santa Elisa	Avenida 2 s/n	Oeste
Vila Ema	Rua Franklin de Mattos, 10	Leste
24 de Maio	Final da Rua 7	Sul

Quadro 1 - Relação de hortas e locais onde funcionam. Fonte: Subsecretaria de Agricultura e Abastecimento da Prefeitura Municipal de Botucatu

O ex-secretário ainda destacou que, com a consolidação das hortas, foi possível perceber melhoria na alimentação da população ao entorno. “Como os produtos eram vendidos mais baratos pelo subsídio, quando as hortas se estabeleceram a população ao redor das hortas começou a se alimentar melhor. Muitas famílias iam às hortas aos finais de semana”.

As mudas das plantas distribuídas são produzidas em viveiro localizado na Faculdade de Ciências Agrônômicas do câmpus de Botucatu da Unesp por um funcionário da Prefeitura Municipal. Entre os alimentos mais cultivados nas hortas estão acelga, alface, almeirão, beterraba, brócolis, cebolinha, cenoura, chicória, repolho, salsa, além de banana.

Quanto à divisão dos lucros, o dinheiro arrecadado durante a comercialização é dividido entre os participantes. Os critérios podem variar de local para local, mas geralmente se dá de forma igualitária. Verduras como alface e chicória têm sido comercializadas por R\$0,50 a unidade.

Em algumas hortas, existe a opção de o próprio consumidor colher os produtos que deseja adquirir. Na Horta da Vila Ema, por exemplo, além dessa possibilidade, há vendedores que saem às ruas para comercializar as verduras e legumes.

O horário de atendimento e de trabalho também depende do sistema adotado pelos integrantes. Há locais que permanecem abertos o dia todo e outros em que os integrantes optam por ficar na horta até por volta das 11h30 e retornar depois das 16h, como é o caso da Horta dos Comerciantes. Por causa do horário mais flexível, em alguns lugares, existem pessoas que também desempenham outras atividades trabalhistas. Percebe-se ainda grande rotatividade de integrantes. Poucos permanecem por longo período na atividade.

O secretário adjunto da Subsecretaria de Agricultura Márcio Campos⁴ explicou que, além de manter o incentivo a geração de renda e alimentação mais saudável, entre as metas para esse Programa estaria a implementação de quitandas nas hortas com o intuito de que, no futuro, elas pudessem se tornar auto sustentáveis.

Diante do número de hortas existentes e a dificuldade de poder desenvolver a pesquisa em todas, para a presente dissertação realizamos a escolha de algumas delas, que por suas peculiaridades representam uma amostra bastante significativa do objeto de estudo. A seleção se deu a partir de informações preliminares obtidas junto à Subsecretaria de Agricultura e Abastecimento. A Horta da Vila Ema, por exemplo, foi contemplada por ser uma das mais conhecidas no município, apresentar maior produtividade e possuir a primeira quitanda do Programa. A do Asilo, por sua vez, incluímos pelo fato de ela estar no início da fase de reestruturação quando começamos a pesquisa. Já as demais hortas foram eleitas por serem de regiões que estão mais próximas entre si e também pela maior facilidade de acesso nosso a esses locais.

A seguir, realizamos uma breve apresentação das hortas que compuseram esta pesquisa.

2.3 Horta Vila Ema

Essa horta possui 13 mil m² de área ocupada pela plantação de 16 tipos de verduras e legumes e está localizada no terreno onde no passado funcionou o extinto matadouro municipal (foto), ponto de referência de localização daquele bairro até os dias de hoje.

Implantada há cerca de cinco anos, é coordenada por um integrante que antes de atuar nessa atividade trabalhava na área de pecuária, conforme declarou em entrevista concedida

⁴ Informação fornecida em jul. 2009

em 2009. “Antes eu trabalhava com pecuária, mas a horta dá mais lucro”, comentou. “Eu comecei a estudar orgânicos, então, convidaram para eu ser o coordenador”, acrescentou.

A Horta da Vila Ema foi a primeira a abrigar uma quitanda, construída com o intuito de melhorar a comercialização no próprio local de produção. A conclusão das obras ocorreu em maio de 2009. Segundo o coordenador, na época em que a quitanda entrou em funcionamento houve um aumento de cerca de 30% nas vendas.

De acordo com a agência de Botucatu do IBGE, quatro setores podem ser considerados como área de entorno da horta, sendo classificados pelo órgão pela seguinte numeração: 41, 42, 64 e 96.

Quanto à população, a estimativa baseada em número de domicílios que responderam ao questionário do Censo 2010 do IBGE é que a população próxima à horta corresponda a cerca de 1.500 pessoas.



Figura 3 - Prédio do antigo matadouro. No detalhe, data (1899) revela que é um imóvel tradicional do município de Botucatu. Fotos: Sidney Trovão – Arquivo Diário da Serra



Figura 4 - Horta da Vila Ema



Figura 5 – Quitanda que fica na entrada do local



Figura 6 - Alguns dos produtos cultivados e comercializados na Horta da Vila Ema

2.4 Horta Comerciários

Está localizada no Bairro conhecido como Comerciários 1, próximo à Cohab 6. Fica em frente à Escola de Educação Infantil Maria de Lurdes T. Sardenberg e ao lado do Centro Comunitário do bairro. O local, na verdade, conta com duas hortas nas quais atuam grupos diferentes de pessoas e também há um líder em cada uma delas. Os terrenos são divididos por cerca e portão. Além de verduras, legumes e algumas ervas, em umas das hortas também há banana e frutos como o Cruá, em determinadas épocas do ano, que costuma atrair a atenção das pessoas por ser um produto pouco comum.

As hortas foram implantadas por volta de 2005 e as duas trabalhadores que são responsáveis permanecem no Programa desde aquela época.

Em relação aos setores que o IBGE considera como próximos a essas hortas estão os de número 51,75, 76, 105, 186, 187, 188, 192 e uma parte do 193, o que, de acordo com levantamento preliminar do IBGE Botucatu, equivaleria a aproximadamente 7.000 pessoas. Ao todo foram visitados 1.490 domicílios pertencentes a esses setores no Censo 2010.



Figura 7 - Uma das hortas do Comerciários. Ao lado, Centro Comunitário do bairro



Figura 8 - Horta que faz divisa com a anterior



Figura 9 - Fruto conhecido popularmente como cruá

2.5 Horta Jardim Ciranda

Localizada ao lado do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) do Jardim Ciranda, em frente à Indústria Petrac, a cerca de 300 metros da Escola Estadual Paulo Guimarães e a 100 metros da pracinha do bairro. Possui plantas como alface, chicória e cebolinha. Seus integrantes residem próximo à horta.

Nesse caso, a agência do IBGE do município considera três setores ao entorno da horta. São eles: 131, 132 e 156. A estimativa é que 3.000 pessoas residam nessa região



Figura 10 – Visão geral



Figura 11 - A horta possui canteiros de menor extensão e funciona ao lado do CRAS



Figura 12 - Lateral da horta que está localizada no cruzamento das ruas Sebastião Gonçalves da Cunha e Lázaro Ramos Nogueira

2.6 Horta Asilo

Inicialmente essa horta foi planejada para que moradores da Casa Pia São Vicente de Paula, o Asilo Padre Euclides, atuassem no local, mas, após reestruturação, hoje a horta é uma parceria entre a instituição que abriga idosos e a Prefeitura Municipal e os trabalhadores não são internos da Casa Pia. Porém, parte dos alimentos cultivados na horta também é fornecida para alimentação dos moradores do Asilo.

Ela está localizada na Vila Rodrigues Alves, próximo ao centro de Botucatu. Os setores mais próximos são 24, 26, 27 e 49, segundo classificação do IBGE. A estimativa é de que, aproximadamente, 1.700 pessoas residam na região situada perto da horta.



Figura 13 – Alface está entre os produtos mais cultivados no local



Figura 14 – Horta é próxima do centro de Botucatu



Figura 15 – Verduras são cultivadas no terreno ao lado esquerdo da igreja do Asilo



Figura 16 - Localização de três das quatro hortas que compõem a pesquisa. Fonte: Extraído de mapa da cidade de Botucatu publicado em 2006.



Figura 17 - Localização hortas Comerciais. Fonte: Mapa da cidade de Botucatu publicado em 2006.

Capítulo 3 - Metodologias utilizadas na pesquisa de campo e suas aplicações

3.1 Pesquisa Participante

Segundo Peruzzo (2005), foi na década de 1980 e começo de 1990 que a Pesquisa Participante (PP) ganhou destaque nos estudos de comunicação brasileiros, por influência de trabalhos que utilizaram essa metodologia nas áreas de sociologia e educação. Quanto à origem desse método, ela cita que o mesmo se iniciou em estudos sobre comunidades realizados por antropólogos e denominados de investigação etnográfica. A autora explica que a PP consiste na inserção do pesquisador no ambiente em que o fenômeno ocorre e na interação do mesmo com a situação a qual ele está investigando.

Esse método é denominado por alguns estudiosos como técnica de “observação participante”, termo mais presente em pesquisas antropológicas ou etnográficas. Apesar de haver várias definições e denominações em relação à PP, de maneira geral, o seu diferencial é que ela é utilizada para que haja maior aproximação com o grupo ou a situação que compõe determinado estudo, facilitando o desenvolvimento do trabalho, melhor compreensão da realidade por parte do pesquisador e podendo gerar ações e resultados que não fiquem restritos apenas ao meio acadêmico.

Em nosso estudo, consideramos a PP no sentido atribuído por Michel Thiollent (1987). Para esse autor, na PP os pesquisadores possuem certa participação junto aos pesquisados a fim de se facilitar a obtenção de informações e maior interação, conforme explica: “Os pesquisadores são levados a compartilhar, pelo menos superficialmente, os papéis e hábitos dos grupos observados para estarem em condição de observar fatos, situações e comportamentos que seriam alterados na presença de estranhos”. (p. 83)

Ele também distingue a PP da Pesquisa Ação, a qual acontece quando há uma ação entre pesquisadores e pesquisados: “Na PP, a preocupação participativa está mais concentrada no polo pesquisador do que no polo pesquisado. Além disso, não se trata de ‘ação’ na medida em que os grupos investigados não são mobilizados em torno de objetivos específicos e sim deixados às suas atividades comuns”. (p. 83)

Nesse trabalho, foram realizadas algumas visitas às hortas comunitárias, estabelecidos diálogos para compreender o cotidiano dos trabalhadores desses locais, também para que eles conhecessem os objetivos do trabalho e, com isso, de certa forma, incentivar as participações.

3.2 Questionário

Na fase exploratória do trabalho de campo, inicialmente mantivemos contato com participantes das hortas da Vila Ema, do Bairro Comerciais, do Asilo e do Jardim Ciranda, sendo que a primeira visita foi feita junto com o secretário adjunto da Subsecretaria de Agricultura e Abastecimento que apresentou a pesquisadora aos grupos. Em seguida, aplicou-se questionário com o intuito de obter informações sobre os meios de comunicação que os integrantes desses locais citados acompanhavam, a periodicidade, qual programa jornalístico de TV assistiam com maior frequência e a concepção dessas pessoas sobre meio ambiente (Anexo 2). Dezesesseis trabalhadores responderam às perguntas.

Quanto aos veículos, 14 (87,5%) das pessoas disseram assistir TV. Duas afirmaram que escutavam rádio, sendo que, uma delas, relatou ouvir esse meio até às 12 horas e depois assistir TV. E uma das participantes disse não ter o hábito de acompanhar nenhum meio de comunicação presente no questionário, no qual, além de rádio e TV, também constava a opção jornal. Durante observação nas hortas, constatou-se que, apesar da mobilidade do rádio, a maioria das pessoas realmente não têm o costume de ouvir esse veículo de comunicação.

Conforme já mencionado, por meio do questionário também se procurou identificar o programa jornalístico a que os trabalhadores mais assistiam. Diversas pessoas não conseguiram apontar apenas uma produção porque acompanham diariamente mais de um telejornal com a mesma frequência.

Nesse caso, obteve-se o seguinte número de citações para os programas: *Jornal Nacional* (6); *Balanço Geral* (5); *Tem Notícias 1ª edição* (4); *Tem notícias 2ª edição* (3); *Jornal da Band* (3); *Jornal da Record* (2); *SP Record* (2); *Globo Rural* (2).

Em relação à pergunta sobre como eles definiam meio ambiente, percebeu-se dificuldade da maioria dos participantes em explicar, sendo que dois disseram não saber conceituar. De maneira geral, associaram essa expressão a lixo, plantas, animais, destruição, como notamos nas seguintes respostas: “Alguma coisa que destrói, destruição. Acho errado. Destroí as plantas, os bichinhos, que mata os bichinhos”; “Tanto homens como crianças estão destruindo tudo. Tudo destruído. O ser humano não tem mais respeito pelo meio ambiente. Muita queimada, destruição das plantas, dos animais”; “Cuidar do meio ambiente, praça. Cuidar das árvores, não jogar lixo, conservar limpo. Por exemplo, se tem praça a gente cuida. O lixo tudo é catado”; “Associa com a natureza. Meio ambiente é a natureza”; “Sobre árvores, plantações, rios”; “Uma árvore, um lago. Vai lá acaba com o peixe”; “Destruído. Só vê gente acabando com tudo”; “Desmatamento, poluição”; “Roubando madeira, jogando lixo no rio, na

estrada. Passa aquelas enchentes em São Paulo. Sábado passei ali na estrada tava cheio de lixo”.

Porém, houve quem relacionasse o termo a algo mais amplo: “Significa praticamente tudo. Meio ambiente é onde a gente vive”; “Muita coisa. Respeito pelos outros”; “A gente trabalha com orgânico. A estrutura do meio ambiente hoje precisa ter uma adaptação viável ao meio ambiente. Controle biológico é meio ambiente. Não existe doença na horta por ter harmonia para o meio ambiente. No começo tinha praga, hoje não existe mais. Conseguimos uma harmonia”.

Quanto à frequência, 13 (81,25%) pessoas disseram assistir TV todos os dias ou quase diariamente; duas (12,5%) revelaram acompanhar esse meio de comunicação três vezes por semana; e uma, conforme já relatado, disse não ter o hábito de ver TV.

3.2.1 Programas preferidos, conteúdos gravados e veiculação

Considerando o hábito televisivo, optou-se por gravar os programas mais mencionados. Tendo em vista que diversas reportagens dos jornais regionais são repetidas nas duas edições, resolveu-se gravar apenas uma delas e incluir, então, o *Jornal da Band*. Dessa maneira, contemplaram-se dois telejornais de âmbito nacional e outros dois regionais. O período escolhido foi logo em seguida à aplicação dos questionários, sendo que gravamos as reportagens veiculadas pelo *Jornal Nacional* entre os dias 20 a 30 de novembro de 2009. No caso do *Tem Notícias*, *Balanço Geral*, *Jornal da Band*, gravou-se o conteúdo exibido pelas emissoras entre os dias 1º e 10 de dezembro de 2009.

Para a seleção das reportagens, considerou-se a visão dos participantes sobre o tema meio ambiente, a tentativa de estabelecer pluralidade de assuntos em cada canal e conteúdos que se repetiram em diferentes emissoras. Dessa maneira, foram apresentados aos trabalhadores das hortas comunitárias sete vídeos do *Jornal Nacional*; cinco do *Balanço Geral*; cinco do *Tem Notícias*; e dois do *Jornal da Band*.

Descrição dos programas e temas abordados nos conteúdos gravados:

Balanço Geral - Programa pertencente à Record Paulista. Na época da gravação ia ao ar de segunda à sexta-feira, das 12h às 13h15. Atualmente também é veiculado aos sábados. Seu formato se diferencia da maioria dos telejornais pelo fato de o apresentador comandar o programa sozinho e em pé.

Temas das reportagens/notícias: envenenamento de gatos em Botucatu; assinatura de contrato para remoção de amianto no município de Avaré; chuva na cidade de Jaú; apreensão de pássaros em Sorocaba; e raio que atingiu trabalhadores rurais em Monte Alto, região de Ribeirão Preto.

Tem Notícias 1ª edição - Veiculado pela TV TEM, afiliada da Rede Globo, e que abrange a região do município de Bauru, o que inclui Botucatu. Esse telejornal vai ao ar de segunda a sábado, às 12h10.

Temas das reportagens/ notícias: doação de óleo à Apae que vende a empresas de re-refino; chuvas em Duartina, Bofete e Botucatu; maus tratos a galos utilizados em rinhas; lista de municípios que receberam certificado verde e azul do Governo do Estado de São Paulo; jacaré capturado em Botucatu, e notícia sobre tamanduá encontrado em residência de São Manuel, veiculada aos participantes junto com a reportagem anterior.

Jornal Nacional – Telejornal veiculado pela Rede Globo, que vai ao ar de segunda a sábado, às 20h15.

Temas das reportagens: animais que vivem na mata e apareceram em residências em Vitória (ES); seca da Lagoa do Abaeté, em Salvador; mortandade de peixes na Amazônia anúncio da China sobre corte na redução de gases; chuva no Rio Grande do Sul; produção de lixeira falante para auxiliar deficientes visuais; e evento de educação ambiental para crianças e adultos em São Paulo.

Jornal da Band – pertencente à Rede Bandeirantes. Segundo a emissora, esse programa possui uma linha analítica e participativa de toda equipe que integra a produção, dos repórteres aos comentaristas (<http://www.band.com.br/jornaldaband/sobre.asp?ID=27>). Esse telejornal é veiculado de segunda a sábado, às 19h20.

Temas das reportagens: abertura da Conferência do Clima, COP - 15, realizada em Copenhague, na Dinamarca, e aluno de 16 anos que desenvolve projeto para reduzir impacto ambiental de uma escola e de uma loja.

Em relação à ordem de veiculação das reportagens e notícias, procurou-se acompanhar o período normal de veiculação dos programas, portanto a sequência adotada foi *Balanço Geral*, *Tem Notícias 1ª edição*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Band*, o qual apesar de ter início antes do *Jornal Nacional* foi exibido por último pelo fato de ter sido menos citado que o

Jornal Nacional. Para a veiculação, utilizamos um notebook e projetor multimídia emprestado pela Secretaria de Assistência Social ou pela de Descentralização e Participação Comunitária, com exceção do Jardim Ciranda em que fizemos uso de aparelho de DVD e televisor do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) daquele bairro.

As reportagens foram exibidas em quatro blocos, ou seja, um para cada programa.

3.3 Grupo focal

Para procurar compreender a percepção e produção de sentido dos integrantes do Programa de Horta Comunitária que integram esta pesquisa em relação às reportagens e notícias televisivas sobre meio ambiente veiculadas optou-se pela aplicação da metodologia do grupo focal.

Sobre essa técnica, Costa (2005, p. 181) expõe que: “Grupos focais são um tipo de pesquisa qualitativa que tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular. São na verdade uma entrevista coletiva que busca identificar tendências”.

A origem do grupo focal é atribuída a estudos de Paul Lazarsfeld e Robert Merton. Este último autor mencionado publicou um trabalho pioneiro utilizando *focus group*. Na década de 1950, essa técnica foi empregada pelos que utilizavam a Teoria de Gestalt e também suscitou o interesse da área de marketing. No entanto, sua aplicação intensificou-se a partir da década de 1970, quando se firmou como uma metodologia na área de pesquisa.

A respeito dessa ferramenta, Gatti (2005, p. 11) afirma que:

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o reconhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado.

Para Marques e Rocha (2006, p. 42) por meio de grupos focais é possível “*recriar situações de conversação cotidiana*, de ocasiões sociais em que as habilidades críticas dos participantes emergem no momento em que se encontram reunidos para trocarem experiências, pontos de vista, argumentos acerca de um determinado tema ou assunto”. (grifo dos autores)

Neto, Moreira e Sucena (2002, p. 5) comentam que:

A principal característica da técnica de Grupos Focais reside no fato de ela trabalhar com a reflexão expressa através da “fala” dos participantes, permitindo que eles apresentem, simultaneamente, seus conceitos, impressões e concepções sobre determinado tema. Em decorrência, as informações produzidas ou aprofundadas são de cunho essencialmente qualitativo.

Já Gomes e Barbosa (1999) acrescentam que “o grupo focal é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade”.

Em relação ao número de participantes, Krueger (1996 apud NETO, MOREIRA E SUCENA, 2002) afirma que uma sessão de grupo focal deve ser formada por no mínimo quatro e no máximo doze pessoas.

Quanto à composição do grupo, é recomendada certa homogeneidade no sentido de apresentarem características comuns. Essas semelhanças podem ser de gênero, idade, escolaridade, frequentadores de mesmo local, tipo de trabalho. No entanto, além de um ponto em comum entre os integrantes, pode-se escolher uma variável para que haja opiniões diferentes.

Neste estudo, a homogeneidade adotada foi referente ao trabalho, ou seja, todos os participantes pertencem ao Programa de Horta Comunitária de Botucatu. Não incluímos critérios de equidade em termos de faixa etária, gênero e nível de escolaridade.

Em relação à estrutura, inicialmente elabora-se um roteiro de perguntas, as quais não devem ser seguidas, necessariamente, à risca, mas utilizadas como uma forma de se guiar a atividade. As questões devem ser adaptadas ao longo das discussões, ou seja, é preciso estar atento ao fato de que algumas das perguntas norteadoras que estavam programadas mais para o final já podem ter sido suficientemente respondidas anteriormente pelos participantes. No entanto, é necessário que, na medida do possível, o roteiro seja seguido para que se mantenha o objetivo da pesquisa.

O grupo focal é composto por um moderador, responsável por conduzir os trabalhos, além de atuar como facilitador. Ainda integra essa técnica o documentador, denominação dada por Costa (2005), ou relator, conforme é chamado por Gatti (2005). Essa pessoa fica a cargo de observar e realizar anotações sobre aspectos verbais e não verbais. No caso deste

trabalho, a moderadora foi a pesquisadora autora da dissertação e a documentadora uma relações públicas, pós-graduanda em Comunicação.

Autores que abordam grupos focais ressaltam a necessidade de o moderador não interferir de forma que as respostas dos entrevistados sejam direcionadas, deixar claro que não há certo ou errado, e que ele apenas está intermediando as discussões. Também deve haver uma interação entre o grupo e não apenas os participantes direcionarem as respostas ao responsável por coordenar as atividades. No entanto, o moderador deve estar atento para conduzir os trabalhos de uma maneira que o objetivo não seja alterado e que haja participação de todos.

Quanto à dinâmica, inicialmente deve ser realizada apresentação e explicação de como será desenvolvida a atividade. A gravação em áudio é recomendada para que se obtenha maior fidelidade das falas, porém é necessário perceber se a utilização desse recurso não inibirá os participantes.

Ainda sobre o emprego desse recurso, Gatti (ibid., p. 25) comenta que:

Deve-se cuidar da qualidade dos microfones e dos aparelhos de gravação, com verificações anteriores e testes, alguns momentos antes de o grupo começar as atividades. A preparação da gravação deve ser objeto de tratamento especial porque, se não se obtiver falas audíveis, todo o trabalho de elaboração do projeto, de constituição e adesão do grupo, estudo de roteiro, etc, estará perdido. Ou seja, não haverá material suficiente ou confiável para as análises.

Nessa pesquisa, realizamos gravação em áudio e vídeo. Ao final da exibição e comentários sobre as reportagens, foram oferecidos aos participantes salgados e refrigerante, momento em que também houve interação entre a moderadora, a relatora e os trabalhadores.

3.3.1 Questões para orientação das discussões do grupo focal realizadas em cada bloco

- Gostaria que comentassem sobre os conteúdos que acabamos de assistir
- Dessas reportagens e notícias qual mais chamou a atenção de vocês? Por quê?
- Como avaliam as informações veiculadas em relação à compreensão do que foi apresentado? Elas foram de fácil entendimento ou vocês ficaram com dúvidas?
- O que vocês não sabiam e passaram a conhecer melhor após assistir essas reportagens?
- Desses conteúdos que nós acompanhamos agora qual vocês acham que será possível aplicar no dia a dia?

- Quais são as sugestões em relação às reportagens e notícias que assistimos?

Após a conclusão da atividade, se dá a transcrição do material. Caso o grupo focal tenha sido filmado, é aconselhável assistir ao conteúdo várias vezes. Ainda é importante reunir anotações e gravações para que a análise seja mais completa. Fizemos cópia textual das gravações em áudio e vídeo, escrevendo, inclusive, observações referentes aos aspectos não verbais, além de agrupar informações redigidas pela mediadora e documentadora sobre os grupos focais.

Em relação às declarações dos participantes, optamos por não alterar as frases, mas apenas fazer adaptações de algumas palavras da forma oral para a escrita, ou seja, quando a pessoa falou, por exemplo, “plantá”, ao vertermos para o formato escrito, registramos como plantar. Essa escolha se deu porque nas conversas geralmente a forma de se expressar é mais espontânea, tendendo à coloquialidade. Também porque não priorizamos aspectos como o nível de escolaridade em nosso estudo e nem temos como intuito uma análise linguística. Assim, consideramos que essa opção se enquadra em nosso objetivo principal que é o de identificar as produções de sentidos estabelecidas pelos participantes e as mediações prevalentes.

3.3.2 Percepção e produção de sentido dos participantes na primeira etapa do estudo

A seguir, são apresentados conteúdos de quatro grupos focais realizados na primeira fase da pesquisa. No Capítulo 5, será exposto conteúdo de um novo grupo focal desenvolvido com o intuito de compreender se o conhecimento de etapas envolvidas em produção televisiva e conhecimento básico desse meio de comunicação teve interferência no processo de recepção.

As datas e horários das atividades foram agendados de acordo com disponibilidade dos participantes das hortas. A identificação dos integrantes se deu por meio de letra e número, ou seja, participante 1 (P1); participante 2 (P2); participante 3 (P3); participante 4 (P4); e participante 5 (P5).

Como nosso estudo não teve como objetivo priorizar faixa etária e nível de escolaridade, não colhemos essas informações na fase inicial das atividades. Primeiro estabelecemos um contato maior com os participantes para que fosse possível compreender melhor o trabalho desempenhado pelos mesmos, a vivência nas hortas. Também não

quisemos solicitar esses dados para que não houvesse possíveis constrangimentos, tendo em vista que havia informação da Subsecretaria de Agricultura que existiam alguns integrantes que eram analfabetos. Pelo fato de as pessoas estarem sempre próximas nas hortas, não quisemos individualizar as conversas para que não ocorresse interferência na proposta de nosso estudo. Assim, optamos por obter esses dados de maneira oficial junto à referida Subsecretaria, que informou a maioria do perfil dos integrantes. Apenas quando não foi possível essa alternativa, perguntamos aos participantes nos momentos que julgamos mais adequados.

3.3.2.1 Percepção e produção de sentido na Horta Comunitária Vila Ema

No caso da Vila Ema, o grupo focal realizou-se no dia 23 de fevereiro de 2010, entre 13h45 e 16h15 e contou com quatro participantes, sendo dois casais. O grupo focal ocorreu no local em que funciona a quitanda, ou seja, no mesmo terreno da horta.

Participante	Faixa etária	Nível de escolaridade
Participante 1 (P1)	45-49 anos	1º ciclo Ensino Fundamental completo (4ª série)
Participante 2 (P2)	25-29 anos	Ensino Médio completo
Participante 3 (P3)	30-34 anos	1º ciclo Ensino Fundamental completo (4ª série)
Participante 4 (P4)	50-54 anos	1º ciclo Ensino Fundamental completo (4ª série)

Quadro 2 - Perfil dos participantes da Horta da Vila Ema

Balanço Geral

Quanto a esse programa, P1 e P4 comentaram que a reportagem sobre o envenenamento de gatos despertou mais a atenção deles. Após revelar sua preferência, P4 pareceu concordar com o apresentador do programa ao dizer “Está certo ele”:

A do gato. Não gosta de gato não compra, né? Não compra gato. Agora quem gosta. Quem tá matando gato? Vamos supor vão saber que tá matando gato. Se não gosta de gato, não compra. Está certo ele. Se não gosta, dá para quem gosta. Ele quer gato. Eu gosto de gato, ela gosta... Se não gosta de

gato, dá pra quem gosta. Mas só que não pode matar o bichinho, né? O bichinho também é inocente. Eles querem viver igual a gente. É isso aí!

Esse participante também comentou sobre vizinho que era proprietário de um gato e teve problemas. “O gato dele (conhecido do participante) ia na casa do outro, ficou com raiva, com tiro de chumbo, de espingarda, matou o gato”.

Já P2 destacou a reportagem das chuvas e disse que os moradores têm culpa do problema: “Foi a parte que tem a sujeira. Dá pra ver que a maioria dos lugares onde dá enchente, é culpa deles mesmo. Tá cheio de sujeira. Eles mesmos que estão enchendo de lixo. Tem muita sujeira. Ou tem alguns que já moram na beira de rio, então enche de água ou enche de sujeira, né?”.

Essa fala demonstra certa concordância com um dos entrevistados, tendo em vista que o Diretor do Serviço de Água e Esgoto de Jaú (Saemja) atribui a culpa pela enchente ao descarte inadequado de lixo pela população, conforme podemos notar neste trecho:

Nós estivemos andando aí em vários pontos de alagamento, eu com o Valdir da Defesa Civil, e nós vínhamos até limpando até as galerias, sacolas de lixo, sofás, cadeiras, é assim, uma coisa assim bem lamentável, né? De tá essa falta de educação da população, precisaria, assim, ter uma conscientização melhor para que eles cuidassem mais, separassem o lixo, uma coleta de lixo legal pra que não acontecesse isso.

Nesse momento, P1 aproveitou e citou que “Na Bocaina, onde passa o rio lá diz que tá cheio de lixo. Diz que tem um monte de roupa. Diz que vai tudo pra água, né? Tudo pro rio”. A Bocaina é uma estrada rural do município de Botucatu.

No início das discussões desse bloco, P3 mencionou que o *Balanço Geral* apresenta reportagens mais próximas deles:

Eles dão mais atenção para o povo, né? Porque você vê na Globo se eles vão dar notícia de matança de gato? (ri). Eles não dão importância para essas coisas, entendeu? É...então, o que deu pra perceber que eles dão um pouquinho mais de atenção, pra região, né? Não corre atrás de notícia de fora ou internacionalmente. Então, dá nível mais local mesmo, da região deles. Você passa a ver problemas do próprio município, como dos gatos.

Esse participante destacou a reportagem sobre amianto e disse, ainda, que a mesma não foi divulgada em outros meios de comunicação. Também falou que não conhecia esse assunto: “Interessante foi a reportagem daquele lixo tóxico. Isso não foi divulgado nos outros jornais, nenhum. É uma coisa interessante de tá... de tá pensando, né? porque, porque não foi

divulgado se é uma coisa que dá polêmica, é polêmica. Eu vi agora, nem imaginava que tinha esse problema aí na nossa... nossa região”.

Em relação à compreensão dos conteúdos, P3 comentou o seguinte quando foi feita essa pergunta: “É bem expressiva, né? Consegue se expressar bem. Até a pessoa mais simples, ela consegue entender o que tá tentando passar. Pelo menos esse é o meu ver”.

Esse participante ainda perguntou ao P4 se o mesmo entendeu tudo o que foi dito nas reportagens. E P4 disse ter compreendido melhor “a do gato e do lixo”.

Quando foram estimulados a falar sobre a aquisição de novos conhecimentos por meio das reportagens, P3 justificou que não as havia assistido porque o horário de trabalho não possibilita acompanhar esse programa. “É o que eu comentei com você. Não é que nós estamos desfazendo de jeito maneira. Mas, por nós, o nosso grupo trabalhar nesse sistema, então, eu não vi nenhuma, eu não assisti nenhuma dessas reportagens. Não é que eu não tenha acesso a isso”.

E P3 ainda fez o seguinte questionamento ao P4: “Na questão do gato, se o senhor ver isso, o que o senhor vai fazer?” E P4 respondeu que: “vou avisar a polícia”. Ao ser questionado, se ele não sabia que poderia agir dessa maneira, esse trabalhador afirmou que não. Enquanto P1 disse que não sabia desse acontecimento: “Eu também não sabia. Não tava sabendo não. Aqui em Botucatu?”. E P3 confirmou: “É, aqui em Botucatu foi”.

Quanto à aplicabilidade no cotidiano do material apresentado, P3 afirmou que:

Então, trabalhando em cima do meio ambiente, nós temos vários temas: desmatamento, lixo, coleta seletiva e alimentação mais saudável. Então, acho que em cima de uma palavra você tem várias opções. É uma coisa acho que de você trabalhar bem legal. Pra nós aí só de tá divulgando já é super interessante. O que vai servir disso aí? É... essas coisas que passou antes aí nas reportagens seria a questão do lixo e material tóxico, né? Seria o que tem aí mais acessível. A questão dos venenos você não tem como controlar isso, não tem. Acho que quanto mais ilegal, mais a pessoa corre atrás. Você acho que já percebeu isso. Tudo que é ilegal parece que... fica atrativo pra pessoa. Então, é gente sem consciência que passa a fazer essas coisas. Não tem, vamos dizer, amor a Deus, vamos colocar em cima disso. Por que você fazer uma matança para o consumo é uma coisa.

E P4 fez sinal de concordância. A moderadora instigou outros participantes a falarem e P2 respondeu: “Ele já falou tudo, né”?

Ainda sobre sugestões em relação às reportagens veiculadas neste bloco, P3 disse achar importante que houvesse maior divulgação:

A questão que teria que ser lembrada, estar mais é a questão do meio ambiente. Agora eles falam bastante por causa da chuvarada... mas vão lembrar só na hora que... Teria que ser lembrado diariamente eu acho. Vamos dizer... tentar colocar, introduzir na cabeça do povo, da população que, se tiver um ambiente conservado, ele vai viver melhor, né? Isso é uma coisa que poderia tá acrescentando, eu não sei, num jornal ou num programa. Porque mídia hoje faz a cabeça do povo não é dizer não, mas é isso mesmo. Eu acho que a questão do meio ambiente teria que ser introduzida diariamente pra tentar assim, vamos dizer, abrir a cabeça da pessoa e tentar colocar lá. Eu acho que seria interessante.

Tem Notícias

Durante a veiculação, quando foi dito que o município de Itararé havia ficado em último lugar na classificação de certificação ambiental promovida pelo Governo do Estado, P3 comentou: “Esses daí não devem ter plantado nem uma árvore”.

Em relação às reportagens, P2 fez o seguinte comentário:

O fato de muita chuva já é o fato já de meio ambiente. Na outra parte também tava falando das áreas verdes, né? Eu acho que eles acreditam que preservando mais não vai acontecer essas coisas, né? Aqui mesmo do lado tem uma área verde. Aqui do nosso lado já tem um exemplo, tem um enorme buraco ali, no rio, mas como eu não era moradora daqui ... mas dizem que esse rio foi mudado o curso dele. Ele passava era aqui aí ó. Aí eles jogaram ele pra lá por causa que já acontecia enchente. Ele só tá tomando o lugar dele, que já era dele, né?

E P1, então, interrompeu: “Eles vinham pegar as carnes, os bois...”. Provavelmente está referindo-se a um antigo matadouro que funcionava no local. O P4 também comentou que “o jacaré ficava aqui. Atrás da ponte ficava o jacaré. Eles conheceram”. Vale destacar que a horta está localizada perto de um córrego em que um jacaré era visto e que foi mostrado na reportagem.

Em relação à compreensão, P2 falou que considerou que não ficou bem elucidado um dos assuntos: “Mas ali eles mostraram que eles estavam reciclando o óleo, mas não passou a explicação, dá onde vinha, né? Não explicou o que eles fazem com esse óleo. Eu conheço pessoas que já fazem esse trabalho, mas depois da coleta, eles fazem sabão com óleo”.

O P4, então, perguntou: “Que óleo? Óleo combustível?” e P2 disse: “óleo de cozinha”. E P4 continuou: “Faz sabão, né? Se quer por alguma coisa, põe o cheiro, né?”

Sobre a aplicabilidade, P1 e P4 disseram que o conteúdo mais fácil de utilizar no cotidiano é o da reportagem sobre reuso de óleo, sendo que P1 assim se referiu: “Do óleo, se

só foi usado uma vez, acho que dá pra usar”. E P2 comentou: Do óleo dá pra fazer sabão. Luz também. Onde não tem luz elétrica, põe numa garrafa e usa o óleo pra iluminar a casa. Tem vários jeitos de usar o produto”.

Jornal Nacional

A reportagem sobre a lixeira voltada para deficientes visuais parece ter despertado mais a atenção dos participantes do grupo focal.

Ao comentar esse tema, P2 disse: “as crianças tão se preocupando mais com o meio ambiente que os adultos, né? Até mesmo os cegos, que não veem, estão mais preocupados. Enquanto muitos que enxergam não estão nem aí”.

E P3 complementou: “Estão mais cegos que eles”. Em seguida, P2 retomou: “O verdadeiro cego é o que não quer enxergar”.

Nesse bloco, P3 também comentou que a TV está mais “tecnológica” e que o Jornal Nacional foi um dos primeiros telejornais que surgiu no Brasil:

Hoje a televisão tá bem mais tecnológica, né? Então, tudo que se acontece hoje em nosso país e, até no mundo, imediatamente é passado nos jornais. E o Jornal Nacional acho que foi o primeiro, né? da TV Tupi. Acho que foi o primeiro jornal que começou fazendo notícias. E de lá pra cá o que mudou muito foi a questão das catástrofes. O que acontece agora o povo passa a ver... A turma tá meio que deixando de assistir um pouco ele porque é muita... muita coisa... Ele mostra muita coisa ruim. Tem que mostrar, mas eu também não tenho que ver.

Ele ainda expôs que “o jornal se modernizou tanto que tem acesso a todos os locais. Tudo que se acontece ele tem como tá noticiando. Também lá da enchente no Amazonas. Quem que imaginava que acontecia isso no Amazonas?”.

Esse participante ainda acrescentou que “a Rede Globo fala sobre ecologia em um programa interessante aos domingos de manhã” e que deveria haver mais programas nas outras emissoras sobre meio ambiente.

Jornal da Band

O P3 criticou a COP-15: “A reunião em Copenhague não chegou em nada, fizeram todo aquele gasto e não chegou a acordo nenhum, nada, nada, nada. Não vamos dizer uma

perca de tempo. Mas um dinheiro bem mal investido. Isso deixa a gente meio que triste. Tá na mão deles”. Já P1 falou que não compreendeu nada do que foi apresentado.

Após exibição desse telejornal, P2 questionou:

Você falou que essas reportagens foram gravadas praticamente tudo no mesmo período. Interessante porque todos mostraram num período só, depois que uma pára, nenhuma mais mostra, depois quando uma vai mostrar tudo mostra no mesmo tempo. Se uma mostrasse um dia e outra mostrasse outro dia, ninguém esqueceria, né? Só passam aquela época que tá mostrando o que está acontecendo ou vão fazer alguma coisa. Depois o povo esquece e acha que já tá resolvido.

Sugestões

Ao final da exibição, foi perguntado aos participantes se eles teriam sugestões sobre as reportagens exibidas, inclusive, para que as mesmas fossem mais elucidativas e que os conteúdos pudessem ser aplicados em seus cotidianos.

O P3, então, explicou o trabalho realizado por eles e comparou a agricultura orgânica com a convencional:

Uma coisa que já se trabalha, que nós assumimos é os orgânicos. Os orgânicos não são assumidos. Os orgânicos não são assumidos. Vamos dizer... Ainda tem aquele tabu [...] então, tem muita gente que... não é uma vergonha, mas não tem [...] aquela naturalidade de falar que trabalha com orgânicos. Então, o nosso trabalho é interessante. O nosso trabalho é muito em cima de controlar o ecossistema. [...] Quanto mais plantas, mais bichos, mais praga, você tiver, mais o ecossistema vai estar em harmonia. Os assumidos mesmo trabalham muito em cima disso. Se você tiver um ecossistema mais populoso, mais fácil vai ser para controlar uma ou outra coisa diferente que entre dentro dele.

Se mostrasse toda a logística, é... toda aquela cadeia que se envolve em cima de um orgânico. Porque hoje para ser um orgânico... com certificação existe normas. E hoje se existe normas mais brasileiras, não é internacional porque antes era da Alemanha, americanos e da Inglaterra que era as normas que nós tinha... E é difícil até pra nós que já tem um conhecimento [...] O nosso aqui é clima tropical, né? Os que têm clima diferente, eles conseguem lidar com mais facilidade.

Após esses comentários, ele disse que deveria haver uma divulgação mais aprofundada sobre o cultivo orgânico, o que, na opinião desse trabalhador, contribuiria para desmistificar um pouco a ideia que se tem desse tipo de alimento.

A sociedade, ela vê o orgânico assim: ‘Ah, eu como coisa que não vai veneno’, mas não sabe como que é feito pra acontecer aquilo lá, pra não ter

veneno. Eu acho que agregaria mais valor, assim da pessoa dar mais valor àquele alimento que ela tá tendo. Se você não der um certo carinho a mais, não sai. Se não tiver olhando todo dia, não vai. Você pega... uma monocultura, vai desseca, vai e planta, vai limpa e daí você vai controla os bichos que você imagina que pode dar e depois você vai e só colhe. Então, o produtor vai quase que diariamente. Mas assim só pra ver se não tem algum bicho lá, mas não tem aquela de chegar, olhar, ver planta por planta, não existe. E outra: são extensões grandes. O nosso não. Nós não conseguimos fazer extensões grandes [...] O nosso plantio é mais familiar mesmo [...] Se eles divulgassem melhor como que é o nosso trabalho em cima disso, eu acho que teria mais aceitação da sociedade.

Já P2 sugeriu que a temática ambiental fosse mais enfocada:

O meio ambiente teria que falar praticamente todo dia, né? Nem que fosse uma coisinha. Se tivesse lembrando, já estaria ajudando. Ou se alguém mostrasse que alguém tá fazendo alguma coisa para incentivar o outro a fazer também, mas que passasse todo dia, tivesse alguma coisa assim.

Em seguida, P3 expôs que, em um certo período, começou a haver divulgação da horta: “Nós têm como exemplo nós mesmo. [...] o governo estadual começou a investir um dinheiro legal em orgânico[...] Eles viram que tinha uma porta, aí começaram a divulgar. Vieram aqui, fizeram umas par de reportagens sobre horta e isso e aquilo”.

Ele também comentou sobre gravação realizada pelas emissoras Record e TV TEM na Horta da Vila Ema. Quando se questionou qual foi sua opinião em relação a essa matéria, o integrante da horta disse que deveriam ter sido incluídas pelo menos outras quatro hortas e mostrar que, além deles, mais pessoas têm conseguido sobreviver com esse tipo de trabalho:

Porque não seria mostrar só a nossa, teria que tá mostrando todo o resto. O nosso é mais organizado? Tá. É a maior? Também. [...] Teria que ter fechado toda a rede. Tinha mais 15 pra colocar. [...] É uma coisa só de momento. É... eles viram que tinha uma notícia ali, foram lá, correram, preencheram lacunas.

Eles preencheram espaço que eles tinham lá, vago. Isso não é interessante. Isso é dia a dia. A nossa é maior, mas são 15 hortas, teria que mostrar três ou quatro para o povo falar que tá sobrevivendo disso. Eles só preencheram lacuna, o espaço que tinha lá.

Comentários

Apesar de o líder dessa horta comunitária possuir um conhecimento mais aprofundado sobre agricultura e meio ambiente e maior facilidade de se comunicar, ele respeitou o espaço permitido aos demais integrantes. Também, inclusive, estimulou a participação das outras pessoas.

Uma das trabalhadoras teve maior dificuldade em se expressar e apresentou certo cansaço a partir da metade das atividades. Ela justificou que, pelo fato de levantar muito cedo e por morar distante da horta, naquele horário já não estava motivada, além de não ter o hábito de assistir TV.

A associação das reportagens aos conhecimentos que os participantes já possuíam e à realidade deles foi notável várias vezes e se deu de forma espontânea como no caso em que uma participante comentou que mudaram a curva do rio próximo à horta e que o mesmo estava retomando o lugar dele. Também quando outro integrante mencionou que o gato de um conhecido havia sido envenenado, e na fala de participante, a qual citou que determinada estrada do município estava cheia de lixo.

Percebemos que, durante a veiculação de alguns assuntos mais distantes do cotidiano deles, houve menor atenção. Um exemplo foi em relação às reportagens sobre a Conferência do Clima.

Pelas discussões, observou-se ainda que os participantes apresentaram questionamentos e críticas referentes à ênfase de algumas reportagens exibidas como a do refinamento de óleo e sobre matérias realizadas na horta a qual pertencem, embora não estivessem entre os vídeos gravados para veiculação.

Consideramos que conseguimos atingir os objetivos pretendidos com esse grupo focal e, embora esses trabalhadores se demonstrassem mais cansados que os das outras hortas, esse fator não impossibilitou a atividade.

3.3.2.2 Percepção e produção de sentido na Horta Comunitária Comerciantes

Esse grupo focal foi realizado no dia 17 de março de 2010, das 14h30 às 16h30, no Centro Comunitário, localizado ao lado das hortas. No local, há dois grupos: um que trabalha no terreno pertencente à Prefeitura Municipal de Botucatu e outro em um espaço da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU).

No início da atividade, havia seis participantes, sendo cinco mulheres e um homem, mas uma pessoa precisou ir embora assim que fosse finalizada a exibição de reportagens do primeiro bloco, sob alegação de ter habitualmente compromissos particulares no período da tarde. Dessa maneira, cinco integrantes permaneceram até o final do grupo focal.

Participante	Faixa etária	Nível de escolaridade
Participante 1 (P1)	75-79 anos	Analfabeto (Apenas assina o nome)
Participante 2 (P2)	60-64 anos	1º ciclo Ensino Fundamental completo (4ª série)
Participante 3 (P3)	50-54 anos	1º ciclo Ensino Fundamental completo (4ª série)
Participante 4 (P4)	45-49 anos	1º ciclo Ensino Fundamental completo (4ª série)
Participante 5 (P5)	65-69 anos	1º ciclo Ensino Fundamental completo (4ª série)

Quadro 3 - Perfil dos participantes da Horta Comerciairos

Balanço Geral

Inicialmente, os participantes comentaram sobre as reportagens e notícias e disseram quais mais despertaram a atenção. Nesse item, P1 falou que foi a que abordou a enchente. Já P3 e P4 destacaram a “do lixo”. Na verdade, não havia uma reportagem específica sobre lixo, mas, como no caso de participante da Horta da Vila Ema, a fala de um entrevistado veiculada na matéria sobre chuva no município de Jaú parece ter sido considerada pelos participantes.

E P3 comentou sobre o descarte inadequado de lixo. Com isso, a discussão referente a esse assunto ganhou força. Citaram que diversos produtos são colocados no lixo e que também não há como guardar porque não existe quem recolha esse tipo de material. Um exemplo mencionado por P4 foi sobre caixinha de leite:

Se junta dois, três sacos de caixinha, o que acontece? Caixinha de leite aquele cheiro horrível, junta rato. Você acaba colocando no lixo. Você vai fazer o quê? Você acaba colocando no lixo porque não tem como guardar. Não tem como armazenar. Então, esse é um problema do lixo. Agora o lixo, que é lixo mesmo não tem como, né? Lixo orgânico.

Nesse caso, poderia se entender que estão respondendo a comentário feito por entrevistado da reportagem sobre chuvas em Jaú.

Um fato curioso é que nas hortas vive um gato semelhante ao apresentado na reportagem referente a envenenamentos desse tipo de animal, inclusive da mesma raça e cor, que é cuidado pelos integrantes dos locais e estava na sala no momento da apresentação dos vídeos. No entanto, eles não destacaram essa reportagem, apenas percebemos comentários durante a exibição da mesma.

Quanto ao entendimento desse bloco, P3 falou que considerou de fácil compreensão os conteúdos mostrados. Já P2 disse: “É importante, acho que vai aprendendo a fazer melhor, a limpar melhor da rua, do quintal, não jogar”.

Sobre a obtenção de novos conhecimentos, após assistir às reportagens, P2 e P3 afirmaram que não sabiam da mortandade de gatos antes de terem acompanhado a exibição do conteúdo ao grupo. Em seguida, a moderadora perguntou se elas sabiam como era o procedimento em casos como esse de possível envenenamento de gatos e disseram que sim.

Em relação à utilidade e aspecto educativo, P4 considerou que as reportagens foram importantes, mas que a população não coloca em prática o conteúdo apresentado. “É importante, mas o povo não respeita”. E P4 emendou “Tá vendo que vem chuva e vai mexer com terra. Tem que ficar esperto. [...] O povo precisa ter consciência”.

Quanto a sugestões sobre as abordagens feitas pelas emissoras, novamente a questão do lixo apareceu na discussão. Dessa vez, P4 disse que seria necessário passar um caminhão para recolher produtos que podem ser reciclados ou que não são recolhidos pelos lixeiros: “O lixo que eu tava falando, precisa ter caminhão uma vez por semana. Ter caminhão, não tem”.

Após esse comentário, P1 afirmou que os animais deveriam ser retirados das ruas porque, na sua opinião, os cachorros é que espalham o lixo. “Sabe o que eu acho que tinha que fazer? Passar uma carrocinha catando tudo, cachorro que tira”. E P5 fez sinal de concordância com a ideia de P1. O P4, no entanto, pareceu não pensar dessa maneira e atribuiu às pessoas a culpa pelo problema: “mas o povo também [...] o lixeiro passa terça, quinta, e tem gente que coloca o lixo na rua no domingo. O cachorro tá pela rua. Coloca às oito horas, ele passa sete e meia. Custa pôr o lixo na hora certa?”.

E P3, então, revelou que coloca o lixo às 7h porque o lixeiro passa às 7h30. Alguns integrantes começaram a conversar sobre cachorros abandonados, velhos, que ficam nas ruas, ao invés de estarem nos quintais.

Em seguida, P5 comentou: “Aqui vive cheio de sofá e de colchão”. E também falou que “todas essas matérias que passaram são importantes. Do galo, passarinho, vai na cadeia mesmo”.

Tem Notícias

Durante a exibição de reportagem sobre maus tratos a galos, P2 se mostrou indignada. O vídeo em que apareceu um jacaré foi motivo de comentário entre eles.

Nesse bloco, P2 destacou a reportagem sobre o re-refino do óleo. Já P1, ao fazer uso da palavra para comentar a matéria que mais teria despertado sua atenção, primeiro disse achar melhor o telejornal da Record.

Em seguida, outros participantes revelaram seus hábitos, como foi o caso de P3: “Na hora do almoço eu assisto a Globo, TV TEM, e, à noite, sim eu assisto a Record, [...]. Agora à noite não. À noite, é Record mesmo”. Já P2 justificou da seguinte maneira o fato de não assistir à TV no período da noite: “Porque, à noite, quando chego, tô moída, né? Tem janta pra fazer”.

Quanto aos conteúdos, P3 disse: “Bem explicado. Dá pra entender bem.” E P2 falou o seguinte: “Põe o bichinho pra brigar lá pra eles ganhar dinheiro”.

Já P3 comentou também que as crianças, atualmente, aprendem na escola sobre horta e verdura orgânica. E P4, que havia se ausentado um pouco durante as discussões desse bloco para atender cliente da horta, ao retornar não se lembrava mais das reportagens. Daí as outras pessoas foram citando os temas com o intuito de colaborar para que ele recordasse. Disseram: “do galo, do óleo”.

Em seguida, esse participante falou:

A das chuvas... acho que é complicado, esse negócio das chuvas aí. Os grandes empresários não querem nem saber, eles num pensam no meio. E o pessoal vem lá do sítio, sem informação nenhuma, compra um pedacinho de terra lá na beira do rio... constrói... lá na encosta, sem dinheiro, sem estrutura. O governo não quer nem saber. Esse pessoal que vem constrói em lugar de risco, sem estrutura, daí vem a chuva, desbarranca. É isso! Falta de estrutura!

Jornal Nacional

Os participantes 1, 2 e 3 abordaram o assunto da vinda de animais da mata para a cidade. Sobre esse assunto, P5 disse o seguinte: “Esses animais que apareceram aí nas casas,

por que eles apareceram? Desmatamento, é... queimada... É um bicho que não tem nada a ver com residência. Por que eles apareceram lá? Desmatamento, queimada. Então, eles apareceram lá pra se esconder, pra não morrer, né?

No aspecto da compreensão, um deles comentou que não entendeu a reportagem sobre mortandade de peixes na Amazônia: “Não fala a morte do peixe”. E P3, então, tentou explicar: “É porque faltou oxigênio, né?”.

Em relação à aquisição de novos conhecimentos por meio dos conteúdos veiculados, P1 falou que já havia assistido a todas as matérias porque é um programa que costuma acompanhar. Já P3 afirmou que não conhecia o que foi abordado na reportagem relacionada à mortandade de peixes. Nesse momento, P4, que anteriormente revelou não ter compreendido essa matéria, disse: “Tinha muitos peixes e pouca água, né?”.

Sobre possíveis sugestões, P4 mencionou que: “A chuva no Rio Grande do Sul precisa explicar a causa, né? O que tá acontecendo. Falou não sei quê, não sei quê, mas não tá explicando. Quem estuda isso aí sabe as causas, né? Mas 90% num sabe o que causou isso daí”.

Jornal da Band

Ao falar sobre as reportagens desse telejornal, P4 disse que costumava assistir a esse programa, mas não recordava de já ter visto as matérias exibidas ao grupo. Ele afirmou que é importante o fato de um menino que apareceu na reportagem plantar árvores e disse ainda ser difícil encontrar quem atue dessa maneira. “Ninguém pensa de plantar uma árvore, só de cortar”. Já P2 comentou que isso é “um exemplo, um incentivo” e P1 lembrou que as crianças, atualmente, estão mais preocupadas com o meio ambiente e lembrou ainda de ter escutado uma criança falar à mãe que, como ela cortou uma árvore, precisaria plantar muitas para compensar aquela que extraiu.

Para eles, o hábito de andar de bicicleta, que é comum em Copenhague e foi apresentado em uma das reportagens, é difícil de ser implantado no Brasil, apesar de ser benéfico à saúde e ao meio ambiente. Eles acreditam que as pessoas não trocariam o carro pela bicicleta.

Sugestões sobre as reportagens

No final do bloco de discussões sobre a *TV TEM*, P1 disse que as crianças estão aprendendo na escola a importância de uma horta comunitária e, na opinião, de P3 falta à TV mostrar essa atividade. “Eu acho que deveria mostrar como é feito o trabalho da gente. Existem vários lugares que têm horta”.

Já P5 falou que participava de um curso de economia solidária, mas que os meios de comunicação não faziam uma reportagem sobre o assunto e que abordasse como é tratada a terra.

Após a mediadora questionar se havia sido realizada alguma reportagem na horta em que eles trabalham, os participantes explicaram, então, que foi feita uma gravação pela Record, mas que, naquela oportunidade, a TV teria utilizado o local para fazer filmagens com crianças de uma escola que fica em frente às hortas e, durante a simulação, apenas mostrado uma muda sendo plantada e, em seguida, já focalizado o resultado final, em estágio de colheita. Com isso, para eles, a emissora não apresentou toda a etapa do trabalho: “Ela veio na escola... Daí deu as mudas pras crianças plantar. As crianças subiram aqui pra ver a horta. Viram que a cenoura dá embaixo da terra” (P1).

E P2 complementou: “Deveria mostrar como é feito, como é tratada a terra, desde o começo. Eles podiam fazer num lugar só, depois vai num lugar que já tá bom”. Então, P1 continua: “Daí vai na outra que tá grande, explica que antes planta”

Considerações

Os cinco integrantes que permaneceram no grupo focal até o final tiveram grande participação. Embora, se percebesse que houve identificação de cada um deles com alguns temas, momento em que utilizavam mais a fala. Notou-se que as reportagens que mais chamaram a atenção foram as que abordaram animais e chuvas.

O enquadramento dado pelo telejornal quanto ao descarte inadequado de lixo em reportagem sobre enchente em Jaú interferiu nas discussões, estendendo-se, inclusive, ao espaço destinado ao comentário de outros programas veiculados.

Um aspecto a ser destacado foi a discordância de opiniões em alguns momentos, o que não demonstrou forte influência de um participante sobre o outro.

3.3.2.3 Percepção e produção de sentido na Horta Comunitária do Jardim Ciranda

A atividade nesse caso foi realizada no dia 23 de março de 2010 em uma sala emprestada pelo Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), que funciona ao lado da horta do Jardim Ciranda. O grupo focal teve início às 14h30 e terminou por volta das 15h30. A reunião contou com a participação de três mulheres e um homem, sendo que dois deles são irmãos.

Participante	Faixa etária	Nível de escolaridade
Participante 1 (P1)	50-54 anos	Ensino Fundamental incompleto (3ª série)
Participante 2 (P2)	40-44 anos	Não foi possível determinar porque a pessoa não integrava mais a horta quando essa informação foi solicitada
Participante 3 (P3)	25-29 anos	Ensino Fundamental completo
Participante 4 (P4)	25-29 anos	Ensino Médio incompleto

Quadro 4 - Perfil dos participantes da Horta do Jardim Ciranda

Balanço Geral

Quando questionados qual reportagem destacariam entre as veiculadas, a sobre envenenamento de gatos foi a apontada. A participante 3, além de se mostrar inconformada com o ocorrido, também associou o fato a situações próximas à ela:

É uma judiação, Não quer, não pega gato, né? se não vai tomar conta. Na casa da minha irmã tem 14 gatos, mas ela adora, sabe o que eles faz? Eles pegam um monte de cabeça de peixe e jogam no quintal. Assim, aquele monte de gatinho. É gatinho cego, aleijado. [...] Pra quê matar o bichinho, né? E eu acho bonito cuidar dos animaizinhos, né?

E P1 confirmou: “Ah, ali é bastante mesmo. O povo vai solta, eles vai e trata”. Já P3 continua:

Solta, ele vai, pega, põe no quintalzinho, trata. Precisa ver que bonito que é, né? Que ele faz pros animaizinhos. Tem uns gatos enormes. Eu fico com os meus dois só, né?

Quanto tirei foto no celular assim fiz questão de ele dá cabeça de peixe pros gatos. Aquele montão assim ó, sabe? Tem gatinho tudo cego, sem patinha, sabe? É incrível o que eles faz pros gatos. E cuida, hein?

P4 também se posicionou sobre esse assunto e associou à sua realidade:

Eu não gosto de gato, mas eu não judio de gato não. Não pego. Eu não gosto de gato. Matar animal pra quê matar? Ele não faz nada pra ninguém. Por que fazer isso, dar veneno? Na minha rua aqui também acontece isso. Tem um homem que dá veneno pros animais. Dá vontade de pegar ele e, em vez de dar o veneno pros animais, dar pra ele, não pros animais, eles são inocentes.

O P3 concordou e P4, então, continuou: “Por que acontece umas par de vez do gato morrer em cima da casa, joga carne com veneno. Isso acontece direto aqui na nossa rua. Mas eu não tenho nada contra. Eu não gosto de animal, mas eu não tenho coragem de fazer isso.”

Ainda referente a reportagens desse bloco, P1 disse que aconteceu problema de descarga elétrica com um colega dele ao enfocar reportagem sobre raio no município de Monte Alto. Também disse que “agora a pouco mesmo eu tava assistindo”, referindo-se ao hábito de acompanhar o programa.

E P2, ao ser questionada sobre qual reportagem mais teria despertado sua atenção, respondeu que foram todas as exibidas.

Quando se estimulou o grupo a falar sobre aquisição de novos conhecimentos por meio das reportagens, P3 novamente utilizou exemplos de seu cotidiano:

Ah, a do gato eu sabia. Ontem mesmo minha patroa estava falando assim pra gente né? ‘Ai, mataram o Tubinho, envenenaram. A menina chorou muito’. Porque ali tem três, né? ‘Ai mataram, ela chorou muito’.

Aí eu falei pra ela: vai procurar a justiça, alguma coisa. Não pode ficar judiando do bichinho. Já é o segundo gato dela que matam. Da outra vizinha também já mataram uns par deles. Não tem como. Agora o marido dela falou: ‘se matar esses outros dois aqui pode esquecer porque a turma só pensa em matar os bichinhos’. Por que matar o coitadinho, né? Dar veneno. É ser cruel, né? Tem que procurar uma lei pra isso, né? Aí a menina dele ainda falou: ‘é alguém irresponsável, né?’

Acho que ela sabe quem é, entendeu? Mas pensou: ‘se eu for lá eu vou contar a verdade, eles não vão gostar’. Ela sabe quem foi que tá matando os gatos lá nos Comerciais. Lá morre gato direto.

E P3 também destacou a reportagem sobre amianto, sendo que mais uma vez associou o assunto à realidade dela. “Da telha, aquele negócio lá, né? Então, eu escutei falar que, sabe aquele negócio lá? é as telhas tudo arruinada, que fica velha. A Eternit ela fica muito velha,

ela fica feia, né? Contaminada pela essa doença e transmite na gente, né? Passa né? Que nem eu falei, na minha casa tá tudo velha. Vai ter que trocar tudo. Tem que trocar”.

Essa participante também disse que já tinha visto essa reportagem, mas a do gato, não. Já P4 falou que havia assistido a todas as reportagens: “Eu já tinha visto todas. É porque na minha casa nós somos viciados no Balanço Geral. Nesse horário, nossa!”. E P2 também disse já ter acompanhado todas as reportagens exibidas ao grupo.

Ao serem questionados se teriam sugestão em relação a algum conteúdo que não consideraram bem explicado, P1 disse que: “Não, tá muito bem explicado” e, em seguida, revelou preferir acompanhar televisão: “É porque eu assisto direto, né? 24 horas, entrou dentro de casa é televisão. Rádio... (ri)”.

A moderadora, então, perguntou se ele não acompanhava rádio e o participante respondeu que: “É muito difícil”. Ao ser questionado porque não possuía esse hábito, a explicação foi que: “É mais televisão. Eu sou chegado em televisão”. Nesse momento, P4 comentou: “Rádio é só pra limpar a casa, né?”. Em seguida, P1 afirmou: “E olha lá ainda!”.

Já P3 expôs opinião de sua patroa sobre programas televisivos como o apresentado. “Fica assistindo muito. Acaba ficando doente, ela fala. Ela acha que não é muito bom, entendeu? Porque muita reportagem que acontece isso, acontece aquilo, mexe com a mente, né? Mas se a gente não tá assistindo como que a gente vai saber? Nós não temos meio que saber tudo?”.

Nas discussões desse bloco, P3 também comentou a reportagem das chuvas em Jaú: “Aquele da enchente lá, ah, o homem devia mudar daquela cidade. Se deu uma vez, duas vezes, porque não sai do lugar? Tem que ser esperto. Agora ficar lá no mesmo lugar? Porque insistir, né? Devia sair de lá. Não tá certo não”.

Tem Notícias

Durante exibição, P4 riu quando apareceu bombeiro que ministrou um curso em que ela participou e comentou: “Ah, eu tive aula com ele”. O assunto mais enfocado nesse bloco foi sobre animais que apareceram na cidade. A esse respeito, P1 afirmou: “Taca fogo o bicho sai do lugar dele. Por causa da enchente, muita chuva, ele sai do lugar dele e procura outro destino”. E P4 também expôs sua opinião: “Um pouco a gente que faz isso porque a gente joga lixo em qualquer lugar. Joga lixo, entope, daí vai juntando água”.

Em seguida, P1 retomou: “tamanduá, não é da água, é do seco, mas é tudo problema onde faz queimada”.

E P4 continuou:

Porque pode ver, vai lá no rio tem um monte de sacola de lixo, daí aquilo lá vai aumentando a sujeira. Tem bueiro ali entupido. Achei certo porque entope, né? Tá tudo entupido. Aí conforme vem a chuvona, se a gente planta a muda do outro lado, ela leva tudo. Isso a gente tinha que aprender não jogar mais. Dá enchente porque pode ver em vários rios um monte de sacola de lixo, daí aquilo lá vai aumentando a sujeira e daí vai e forma isso também. Um pouco é nós mesmos que causa isso.

Já P3 comentou: “Dá enchente, né? Daí destroi, né?”. Quanto à reportagem do refinamento do óleo, P4 disse: “Minha mãe faz sabão com óleo, então, ela nem joga. Enquanto P3 falou de uma outra forma de reaproveitamento dessa substância:

[..] onde a gente vai lá no depósito de reciclagem. Eles vão colhendo óleo lá com a gente. A gente leva óleo lá. Quando tem bastante a gente faz isso, né? Senão a gente dá para quem faz sabão, né? Daí aproveita. Minha patroa mesmo dá pra mim fazer sabão. E meu marido troca o óleo sujo por um litro limpo. Leva um litro de óleo sujo ou dois, que seja, e traz um litro fechadinho, chique, né? Isso aí é chique. E aproveita pra bastante coisa, né? Não pode jogar no tanquinho, enche de bicho, barata. Isso daí infesta também, joga na pia... Vem com cheiro daquele negócio do óleo, infesta, barata, essas coisas, né?

Quanto à compreensão das reportagens, P2, por exemplo, afirmou que a das chuvas, na qual uma ponte caiu, ela entendeu. Em relação à aplicabilidade, houve uma demora para responderem, depois P3 começou a falar: “Eu acho que seria útil assim para nós que trabalha na horta, seria útil aquele da enchente lá. Aí a gente aprende um pouquinho. Aquele negócio tudo entupido, mato essas coisas. Esse seria, entendeu? Porque daí a gente já aprende um pouquinho”.

Jornal Nacional

A participante 3 disse achar as reportagens muito rápidas: “Não dá nem pra pensar. No Balanço Geral eles explicam todos os detalhezinhos, explica tudo como que é. Lá não”. E P1 complementou: “É, fica repetindo várias vezes”. Já P4 mencionou: “Eu gosto do Datena. Ele explica bastante naquele programa de manhã”.

Nesse bloco, P3 também disse não ter compreendido a reportagem que versou sobre anúncio da China relativo ao corte de emissão de gases poluentes. “Aquele negócio de gás, o

que significa? O que é isso. Eu conheço só o gás de cozinha”. Já P4 comentou que aprendeu em um curso, mas que não lembrava mais o significado.

Vale ressaltar que, nesse caso, além da explicação do objetivo de Conferência mencionada que seria realizada no mês seguinte, também foram mostrados alguns trechos abordados no vídeo como, por exemplo, “Substâncias como gás carbônico, o metano e o óxido nitroso são os maiores responsáveis pelo chamado efeito estufa, o aquecimento do planeta; “A geração de energia, a indústria, o desmatamento, a atividade agrícola e os transportes são os setores que mais produzem esses gases, segundo o Painel de Mudanças Climáticas da ONU”. Ainda como recurso complementar, foram apresentadas informações escritas na tela.

Porém, essa tentativa de elucidação pareceu não ter surtido efeito na recepção dessas pessoas.

Jornal da Band

Houve comentários sobre o trecho da reportagem que abordou a COP-15 e que mostrou a utilização de bicicletas na Dinamarca. Fato que se deu após estímulo da moderadora. Nesse caso, uma das participantes expôs: “Parece que em Rio Claro tem, né? Em Rio Claro, a maioria vai trabalhar de bicicleta. Lá é assim”.

E P4 destacou a reportagem de projeto desenvolvido por um estudante. “A do menino tá ensinando também, né?”

Considerações

Três dos membros do grupo tiveram maior participação, e uma das integrantes opinou aos poucos. A reportagem sobre o envenenamento de gatos foi bastante comentada. Eles também procuraram associar os conteúdos veiculados aos problemas ambientais e sociais presentes no entorno deles como, por exemplo, os bueiros entupidos, drogas.

De modo geral, deixaram bem claro que preferem assistir reportagens que expliquem detalhadamente o assunto, que repita várias vezes o que está sendo enfocado como acontece no *Balanço Geral*.

Demonstraram certa apatia pelo *Jornal Nacional* e desentendimento por algumas reportagens como, por exemplo, sobre a questão do efeito estufa.

3.3.2.4 Percepção e produção de sentido na Horta do Asilo

Esse grupo focal realizou-se no dia 24 de junho de 2010 na própria Horta Comunitária do Asilo, no local em que estava praticamente finalizada a obra da futura quitanda. A atividade teve início por volta das 14h e foi encerrada às 15h30.

Pelo fato de haver uma variação no número de integrantes, demorou-se mais tempo para conseguir agendar uma data para a execução do trabalho nesta horta. Apesar de, quando foi acertada a atividade, haver quatro trabalhadores no local, no dia combinado, existiam apenas três homens.

Participante	Faixa etária	Nível de escolaridade
Participante 1 (P1)	45-49 anos	1º ciclo Ensino Fundamental completo (4ª série)
Participante 2 (P2)	Não foi possível determinar porque a pessoa não integrava mais a horta quando essa informação foi solicitada	Não foi possível determinar porque a pessoa não integrava mais a horta quando essa informação foi solicitada
Participante 3 (P3)	Não foi possível determinar porque a pessoa não integrava mais a horta quando essa informação foi solicitada	Não foi possível determinar porque a pessoa não integrava mais a horta quando essa informação foi solicitada

Quadro 5 - Perfil dos participantes da Horta do Asilo

Balanço Geral

A reportagem sobre raio que atingiu trabalhadores rurais foi comentada por dois dos participantes que, inclusive, associaram o assunto a fatos que já conheciam, como foi o caso de P1 que disse:

Matou um colega meu na porta do barraco no Aeroporto. Encostou na porta, o raio veio e matou na hora. No meio de uma fazenda deu um raio na casa, pegou fogo na casa, conseguiram apagar e matou um senhor. Depois nós tava morando nessa casa, deu um raio a 50 metros longe numa árvore. Por

isso que eu tava brincando, o raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Pode não cair no mesmo lugarzinho, mas cair por perto, né? O jacarandá que três homens não abraçava, ficou só o toco, espatifou inteirinho no meio.

E P2 destacou: “O dia que eu tava trabalhando lá caiu num rapaz, matou na hora”. Em seguida, P1 continuou: “Por isso que eu falo isso daí, essa do raio é a natureza, né? A natureza não adianta você querer falar que vai cair aquilo lá, não adianta”.

O participante 1 ainda ressaltou as enchentes e, no momento, da exibição da reportagem mostrou discordância quando um dos entrevistados expôs sua opinião sobre as chuvas, além de antecipar em seus comentários fala de outra pessoa ouvida na reportagem a qual enfatizou a culpa da população em relação ao problema de enchentes. Esse participante falou que a enchente é por falta de conscientização das pessoas: “Elas são culpadas”.

Os trabalhadores também afirmaram que são contrários a maus tratos de animais como no caso de gatos envenenados. O P1 salientou que não cria pássaros em gaiolas, não usa inseticidas na horta, que respeita a natureza e se surpreende com ela, além de mencionar que uma espécie de pássaro tem ido à horta para se alimentar de planta chamada pimenteira e que isso é fruto do desequilíbrio ambiental, mas que ele deixa a ave à vontade.

Sobre o entendimento, os integrantes dessa horta consideraram as informações de fácil compreensão. Quanto à aplicabilidade, P1 disse que ele já procura colocar em prática no cotidiano os conteúdos apresentados e que o grupo pretende melhorar a estrutura da horta para que “respeitem mais o meio ambiente”, mas que, em parte, isso depende do poder público. E P2 também afirmou que busca realizar ações que não prejudiquem o meio ambiente.

Tem Notícias

Inicialmente, P1 falou sobre reportagem que abordou chuvas, disse conhecer o Rio do Peixe mostrado pela TV e teceu o seguinte comentário: “As pessoas só pensam em dinheiro, por isso acontece isso daí”. Por meio dessa fala, percebemos pensamento que se distancia da abordagem presente na reportagem, o que não configura hegemonia por parte da TV.

Já P3 explicou que foi à Bofete, município que também apareceu na reportagem, e viu várias chácaras. Segundo ele, muitas propriedades não respeitam a natureza. Ele ainda disse se preocupar com o futuro. “Eu não penso em mim, penso na minha filha que tem 12 anos”.

E P2 destacou o assunto de reaproveitamento de óleo e associou à experiência que já teve: “Eu já participei de campanhas de reciclagem do óleo, trabalhei numa cooperativa de reciclagem”. Ele acrescentou também que não há organização na arrecadação de óleo.

Esse participante ainda afirmou ter visto pessoalmente o jacaré apresentado em uma das reportagens. Assim, notamos interpretação do trabalhador tendo por base observação dele sobre o local e também que o participante dá um sentido que se difere do conteúdo exposto pela TV.

O P3 falou ainda sobre a vinda de animais para a zona urbana: “Eles vêm para a cidade porque encontram um lugar melhor para ficar, já que seu habitat natural foi destruído”.

Sobre o entendimento, os participantes disseram ter compreendido o que foi apresentado, e que, conforme, iam sendo exibidas as reportagens, eles se recordavam do que já haviam assistido.

O P1 considerou que as reportagens desse bloco podem ser colocadas em prática: “Dá para aplicar, mas não pode depender dos políticos”. Para P2, a responsabilidade é de cada um e P1 continuou a criticar a classe política: “Promete muito, mas os políticos não fazem nada”.

Em relação às sugestões, P1 avaliou que “as coisas devem ser apresentadas do jeito que são. Pode ser que alguém mude seu modo de pensar se assistir as reportagens”.

Jornal Nacional

Após acompanhar às reportagens desse bloco, P3 disse que as pessoas estão causando destruições: “Como que se diz... o próprio ser humano, acabou-se com tudo”.

P1 destacou a reportagem sobre a mortandade dos peixes: “Vê a reportagem dos peixes, é a natureza, né? Eu vi essa reportagem. É normal todo ano acontecer isso aí, só que não nessa quantidade dessa vez, né?”.

E P2, por sua vez, associou a reportagem sobre lixeira para deficientes a realidade do município onde mora, mais especificamente ao fato do descarte de panfletos: “Agora aquela lata do lixo vai ser colocado na Rua Amando e na Curuzu, hein? Ali põe aquilo, que você tá passando na rua, tão dando papel, tão jogando fora. Devia proibir esse negócio na Rua Amando”.

Eles afirmaram que acharam de fácil compreensão os conteúdos e se recordaram de diversas reportagens que já haviam assistido. Sobre esse aspecto, P1 comentou: “Teve

bastante que eu já tinha assistido, mas tem que passar pra lembrar. Dos peixes, da aranha, eu vi. Agora da lata de lixo eu não tinha visto não”.

Sobre a aplicabilidade, P1 assim se referiu:

Tudo, tudo que você viu aí, tudo é diferencial. Aquilo que eu te falei já: se cada dez, um pensar diferente, muda muita coisa. Muda muita coisa. Porque a mortandade dos peixes? Desmatamento. Tem a parte da natureza que a gente não tem como controlar né? A falta de chuva, mas por que já isso daí? Já vem de outras coisas que vai fazendo. Você destroi hoje, amanhã, depois, você vai ser cobrado daquilo lá.

Já P2 disse: “Ficou bem explicado o que o rapaz falou: não faça nada errado para natureza que ela vai cobrar. Tá cobrando deles lá, a areia, destruiu. Agora a areia tá entrando pra dentro da casa. Vai fazer o quê?”. Esse rapaz que ele menciona é um dos entrevistados da reportagem sobre a seca da Lagoa do Abaeté, em Salvador.

Em relação à forma de abordagem, P1 achou que “tá dentro do que deve ser falado mesmo”. Enquanto P2 comentou que: “Coisa boa foi mostrado e ruim também, né? A desgraça de outras pessoas”.

Jornal da Band

Após a veiculação das reportagens desse telejornal, P1 disse que entendeu as reportagens, mas é difícil reverter os danos causados ao clima e ao meio ambiente e também ponderou sobre o fato de ser citado que o Brasil não aceitou imposição de metas de redução na emissão de gases poluentes.

E P3 falou que: “São poucos que fazem atitudes de preservação, a maioria não quer nem saber”. Ele também se manifestou sobre o descarte inadequado de sacolas plásticas.

Ainda nesse bloco, P3 mencionou que: “É que nem a reciclagem. Diz que o Brasil é campeão em reciclagem, é o mais rico. Só que tem uma coisa, gente, se você vai andar na beira de pista, aí chegando na cidade, o que você vê de sacolinha. Pelo amor de Deus, isso daí”.

Nesse momento, P1 interferiu: “O lixeiro passa na porta da casa”. E P3 continuou: “É, o que você vê de sacolinha. Agora fala pra mim 30, 40 anos pra desfazer um baguinho desse aí. Quantas mil sacolinhas não tem nessa cidade?”.

E P1 acrescentou: “Por hora, né?” O participante 3 retomou a fala: “Aí que tá. Não adianta nada você plantar mil árvores, três mil sacolinhas tão sendo jogadas”. Enquanto P2 também comentou esse assunto: “O caminhão de lixo tá levando mais sacolinha do que lixo”.

Em seguida, P1 citou um exemplo particular. “Eu trabalhei naquele aterro sanitário um ano e meio. Ali você vê o que é a coisa”. Já P2 confirmou: “É, eu visitei lá um dia!”. E P3 falou: “Um absurdo, um absurdo esse lixo! Aí o cara falou: ‘eu tô jogando no lixo não tem nada a ver’. Só que passa uma enxurrada ali pra onde vai esse lixo?”. E P2 respondeu: “Vai pro rio”.

O participante 3 também lembrou de uma reportagem que assistiu: “Vai pro leito do rio. Igual aquela reportagem da tartaruga lá, você viu? O tanto de tranqueira que tiraram do estômago do bichinho e em alto mar ainda. Tudo quanto é tranqueira que não prestava tinha dentro da bichinha. Aí sacolinha vai lá pro fundo do mar, o que ela pensa que é?”

E P2 disse: “alga, né?” Já P3 continuou: “Pensa que é alga marinha, né? Vai lá come aquilo lá. Leva 30 anos na natureza pra desfazer. Leva quarenta anos no estômago dela”.

Sobre possível coincidência entre os assuntos mostrados nas reportagens, P3 assim se referiu: “A Band, a Record, a Globo, fica uma pegando o que a outra faz”. E P1 acrescentou: “Às vezes distorce um pouquinho alguma reportagem. Mas como a turma fala: troca só o terno, mas o sujeito é o mesmo”.

Quando questionados se teriam alguma sugestão, P3 falou o seguinte: “Deixa eu fazer uma pergunta pra você? O que você acha daquele lixo que trouxeram para o Brasil?”. Daí a moderadora disse: “Qual lixo?”. E ele responde: “Eu sei lá da onde que é aquilo”.

E P2 interveio: “Vão forçar a troco de... para fazer aquela tal bomba lá que você tá falando”. Daí P3 continuou: “Não, um lixo tóxico que trouxe pra cá”. O participante 2, então, afirmou: “Mas já levaram de volta, não levaram?”. E P3 prosseguiu: “Sei lá eu. Levaram, mas só que o resíduo dele ficou aí, né? O resíduo dele tá aqui. Agora fala pra mim, o que nós tem a ver com o lixo lá da casa... , não sei, veio oito contêineres, sei lá eu”.

Sugestões

Ao final do grupo focal, perguntamos se os participantes teriam alguma sugestão, se gostariam de saber como é produzida uma reportagem, as etapas envolvidas no processo, interesse em possível presença de um repórter no local, e também se percebem que falta divulgação da atividade deles. E P2 comentou que se a ação fosse semelhante a de um

repórter de um jornal local que esteve na horta, não resolveria. Nesse momento, ele aproveitou para criticar a atuação dessa pessoa. “Vem aqui tira uma foto da gente, nem pergunta nada e... (faz sinal com a mão de quem vai embora rápido)”. Já P1 disse que o conteúdo publicado no jornal teria ficado “só na promessa”.

Considerações

Apesar de um integrante sair com bastante frequência para atender ao público que compareceu à horta para adquirir verduras, as três pessoas do grupo foram participativas e demonstraram conhecer assuntos relacionados à questão ambiental. Também, algumas vezes, se posicionaram de maneira crítica sobre os vídeos exibidos.

Notamos que eles procuraram associar os temas a situações que já vivenciaram ou conhecem. Dois dos participantes enfatizaram bastante que as pessoas têm culpa por problemas ambientais, como no caso de enchentes e do crescimento desordenado. Um deles, inclusive, considera que existem fenômenos naturais que fogem ao controle, mas ainda assim, ele acredita que a ação humana é o principal fator de degradação ambiental.

Quanto às abordagens feitas por esses programas apresentados, perceberam similaridade entre as emissoras e um deles considerou que está correta a forma como os conteúdos foram apresentados.

Capítulo 4 - Mediações, negociações de sentido e supertemas

Orozco (1996) acredita ser necessário adotar uma metodologia para interpretar a recepção. Em sua opinião, aplicar apenas as fórmulas socioeconômicas tem se mostrado insuficiente na compreensão dos processos de televidência e na interpretação das mediações. O autor apresenta dois tipos de critérios para entender a atividade da audiência televisiva e as mensagens. Os *gerais* que permitiriam explorar as coordenadas dentro das quais se realizam os processos específicos de interação com os meios, e os que ele intitula de *comunicacionais*, que possibilitariam mostrar as interações comunicativas particulares dos membros da audiência. Orozco destaca que esses parâmetros têm menos a ver com condições estruturais e muito mais com elementos culturais e situacionais do mesmo processo de comunicação.

Dando continuidade ao seu pensamento, Orozco ainda aborda quatro critérios comunicacionais que desde seu ponto de vista servem de eixos analíticos para explicar tanto o processo de ver TV como seus resultados particulares. Sobre esse aspecto, Orozco (ibid. p. 70) sustenta que:

<<No jogo da mediação>> em que as distintas mediações configuram televidências particulares, a construção de <<estratégias de recepção>> por parte dos membros da audiência, <<os supertemas>> que inquietam a audiência e filtram o que parece importante do que é transmitido na tela, e as <<comunidades de apropriação>> as quais pertence e por meio das quais transcorre sua produção comunicativa são quatro critérios comunicacionais, que por sua vez servem de <<eixos analíticos>> necessários para explicar tanto o processo de ver TV como seus resultados particulares. (Tradução nossa)

Jacks, Menezes e Piedras (2008, p. 118) também constataram que estudos voltados para a investigação e interpretação dos dados obtidos em pesquisas de recepção não receberam um tratamento e interpretação adequados:

A análise das falas dos receptores, em nenhum caso, mereceu uma técnica mais acurada. As falas foram tomadas sem a necessária articulação com seu mundo simbólico e social, ou seja, não há processo analítico e interpretativo dos discursos, apenas a transcrição das respostas às questões feitas pelo pesquisador.

Em nosso estudo, optamos por apontar as mediações que predominaram, os contratos, os supertemas e as negociações de sentido estabelecidas tendo por base os

resultados obtidos por meio dos grupos focais já apresentados no capítulo anterior. A identificação das mediações seguiu as classificações propostas por Martín-Barbero e Orozco descritas no Capítulo 1. Para fins desta dissertação, optamos por escolher as mais preponderantes, motivo pelo qual algumas indicadas no Capítulo 1 não aparecem nas nossas análises.

Embora Martín-Barbero não apresente um modelo de aplicação prática nas pesquisas de recepção e atualize suas concepções de acordo com as mudanças, principalmente em relação às novas tecnologias de comunicação e configuração da sociedade, não fornecendo, portanto, uma definição mais acabada, optamos por utilizar as interpretações que fizemos por meio da leitura de seus conceitos e também de obras e autores a maioria expostos no Capítulo 1 como JACKS, N e ESCOSTEGUY, A. C. *Comunicação e recepção*; MENEZES, D. JACKS, N; e PIEDRAS, E. *Meios e audiências – a emergência dos estudos de recepção no Brasil*; e SIGNATES, L. Estudos sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação. In: Sousa, M. W. (org.). *Recepção mediática e espaço público: novos olhares*; além de consultas a artigos científicos, dissertações e teses que contemplaram mediação em suas análises.

Nas páginas seguintes, portanto, faremos uma explanação detalhada das diversas mediações encontradas nas nossas observações na pesquisa de campo, notadamente no desdobramento dos grupos focais. Para fins didáticos, apresentaremos os resultados encontrados em cada horta.

4.1 Horta Comunitária Vila Ema

Na Horta da Vila Ema, constatamos que as mediações predominantes na recepção das reportagens e notícias veiculadas foram as seguintes:

Martín-Barbero

Cotidianidade familiar

Identificamos essa mediação durante o grupo focal no momento em que um dos participantes concordou com a opinião do apresentador ao dizer: “Se não gosta de gato, não compra. Está certo ele. Se não gosta, dá para quem gosta”. Ao falar: “Está certo ele” podemos entender que, ao apresentador estabelecer uma “conversa” com o telespectador, esse aspecto

refletiu no discurso do participante e essa seria uma das vertentes incluídas por Martín-Barbero na mediação cotidianidade familiar, ou seja, o interlocutor conseguiu uma interação com o telespectador.

Competência cultural

Por meio do contato com as reportagens e notícias, notamos que os integrantes do grupo ativaram os conhecimentos adquiridos de várias maneiras ao longo de suas vidas.

Ao comentar o vídeo sobre refino de óleo, por exemplo, P4 enfocou elementos de seu repertório sobre maneiras de reaproveitamento dessa substância: “Do óleo dá pra fazer sabão. Luz também. Onde não tem luz elétrica, põe numa garrafa e usa o óleo pra iluminar a casa. Tem vários jeitos de usar o produto”.

Sobre esse mesmo assunto, P2 também demonstrou o conteúdo que sabia em relação ao tema, inclusive, questionando a abordagem realizada pela emissora. “Mas ali eles mostraram que eles estavam reciclando o óleo, mas não passou a explicação, da onde vinha, né? Não explicou o que eles fazem com esse óleo. Eu conheço pessoas que já fazem esse trabalho, mas depois da coleta, eles fazem sabão com óleo”.

O P3 também participou da discussão afirmando:

Os orgânicos não são assumidos. Vamos dizer... Ainda tem aquele tabu [...] então, tem muita gente que... não é uma vergonha, mas não tem [...] aquela naturalidade de falar que trabalha com orgânicos. Então, o nosso trabalho é interessante. O nosso trabalho é muito em cima de controlar o ecossistema. [...] Quanto mais plantas, mais bichos, mais praga, você tiver, mais o ecossistema vai estar em harmonia. Os assumidos mesmo trabalham muito em cima disso. Se você tiver um ecossistema mais populoso, mais fácil vai ser para controlar uma ou outra coisa diferente que entre dentro dele.

Assim, avaliamos essa interpretação como mediação competência cultural por percebermos associação dos assuntos apresentados ao conhecimento que os participantes possuíam, aos seus repertórios sobre as abordagens.

Martín-Barbero (2003) ao falar sobre competência cultural ressalta que a cultura pode ser adquirida além da educação formal. Sob essa ótica, a televisão deve ser vista não apenas como vilã, deformadora da sociedade.

Ao questionar os participantes sobre possível aplicabilidade dos conteúdos veiculados a eles, essa mediação também se fez presente na fala de P3:

Então, trabalhando em cima do meio ambiente, nós temos vários temas: desmatamento, lixo, coleta seletiva e alimentação mais saudável. Então, acho que em cima de uma palavra você tem várias opções. É uma coisa acho que de você trabalhar bem legal. Pra nós aí só de tá divulgando já é super interessante. O que vai servir isso aí? É... essas coisas que passou antes aí nas reportagens seria a questão do lixo e material tóxico, né? Seria o que tem aí mais acessível. A questão dos venenos você não tem como controlar isso, não tem. Acho que quanto mais ilegal, mais a pessoa corre atrás. Você acho que já percebeu isso. Tudo que é ilegal parece que... fica atrativo pra pessoa. Então, é gente sem consciência que passa a fazer essas coisas. Não tem, vamos dizer, amor a Deus, vamos colocar em cima disso. Por que você fazer uma matança pra consumo é uma coisa.

Socialidade

Ao comentarem as reportagens, também se sobressaíram cenários onde os participantes atuam. No caso da matéria sobre envenenamento de gatos, P4 falou sobre um vizinho dele que teve um animal morto por outro morador por meio de espingarda. Ele ainda chegou a mencionar o fato de algumas pessoas terem observado o jacaré, animal mostrado em outra reportagem, e disse que o animal ficava próximo da horta.

P3, após assistir reportagens da TV TEM, associou ao local onde vive o assunto “municípios verdes” citado em abordagem sobre certificado verde e azul, conforme pode ser notado neste trecho:

Na outra parte também tava falando das áreas verdes, né? Eu acho que eles acreditam que preservando mais não vai acontecer essas coisas, né? Aqui mesmo do lado tem uma área verde. Aqui do nosso lado já tem um exemplo, tem um enorme buraco ali, no rio, mas como eu não era moradora daqui ... mas dizem que esse rio foi mudado o curso dele. Ele passava era aqui aí ó. Aí eles jogaram ele pra lá por causa que já acontecia enchente. Ele só tá tomando o lugar dele, que já era dele, né?

E P4 também recordou como era o local após fala dessa integrante do grupo. Esses depoimentos mostram ainda a criatividade que pode ser estabelecida pelo receptor não prevalecendo as intenções da instituição televisão, um discurso hegemônico, mas sim uma negociação de sentidos, perceptível quando trouxeram os conteúdos apresentados para a realidade dos telespectadores.

Ritualidade

Durante as discussões do grupo focal, algumas pessoas revelaram seus hábitos, rotinas em relação aos programas. O P3, por exemplo, explicou porque os trabalhadores do local em que ele atua não costumam assistir ao programa *Balanço Geral*, após a moderadora justificar o motivo de ter incluído essa produção:

Nas outras hortas moram próximo aos seus trabalhos, né? Que nem é o meu caso. Mas na questão da Record, eu creio que à noite eles (trabalhadores da Horta da Vila Ema) assistem alguns programas da Record sim. De manhã eu tenho tempo de assistir o Globo Rural, mas é porque até dar o horário de eu entrar.

Uma das pessoas, em determinado momento, expôs que não assistia TV, item confirmado por outros dois integrantes.

O P3, em outra oportunidade, reforçou que o grupo não possuía o hábito de ver esse programa e não havia acompanhado nenhuma das reportagens exibidas: “É o que eu comentei com você. Não é que nós estamos desfazendo de jeito maneira. Mas, por nós, o nosso grupo trabalhar nesse sistema, então, eu não vi nenhuma, eu não assisti nenhuma dessas reportagens. Não é que eu não tenha acesso a isso”.

Tecnicidade

Conforme já exposto no Capítulo 1, Martín-Barbero (ibid.) considera que a tecnicidade não diz respeito apenas a aparatos tecnológicos.

Já Jacks, Menezes e Piedras (2008, p. 38) expõem que, para Martín-Barbero, como categoria, essa mediação “é a responsável por tornar visíveis todas as formas de inovações que permeiam o âmbito da produção, as quais indubitavelmente irão afetar seus discursos e formas – sua gramática –, além dos modos de perceber e sentir dos receptores”.

Consideramos essa mediação a partir do momento em que um dos enfoques do programa é trazido para debate, conforme pode ser notado nesse depoimento. “Dá pra ver que a maioria dos lugares onde dá enchente, é culpa deles mesmos. Tá cheio de sujeira. Eles mesmos que estão enchendo de lixo”. Ou seja, o próprio gênero televisivo mostrou relevância na interpretação realizada pela integrante do grupo focal, sendo que, nesse caso, o discurso da TV influenciou a percepção dessa participante e seu posicionamento diante do conteúdo mostrado.

Notamos também que essa mediação foi revelada em momentos nos quais os integrantes comentaram sobre os conteúdos e formas de produção da TV, conforme percebemos nos depoimentos seguintes:

Eles dão mais atenção para o povo, né? Porque você vê na Globo se eles vão dar notícia de matança de gato? (ri). Eles não dão importância para essas coisas, entendeu? É... então, o que deu pra perceber que eles dão um pouquinho mais de atenção, pra região, né? Não corre atrás de notícia de fora ou internacionalmente. Então, dá nível mais local mesmo, da região deles. Você passa a ver problemas do próprio município, como dos gatos. (P3)

Você falou que essas reportagens foram gravadas praticamente tudo no mesmo período. Interessante porque todos mostraram num período só, depois que uma pára, nenhuma mais mostra, depois quando uma vai mostrar tudo mostra no mesmo tempo. Se uma mostrasse um dia e outra mostrasse outro dia, ninguém esqueceria, né? Só passam aquela época que tá mostrando o que está acontecendo ou vão fazer alguma coisa. Depois o povo esquece e acha que já tá resolvido. (P2)

Agora eles falam bastante por causa da chuvarada... mas vão lembrar só na hora que ... Teria que ser lembrado diariamente eu acho. Vamos dizer... tentar colocar, introduzir na cabeça do povo, da população que, se tiver um ambiente conservado, ele vai viver melhor, né? (P3)

Hoje a televisão tá bem mais tecnológica, né? Então, tudo que se acontece hoje em nosso país e, até no mundo, imediatamente é passado nos jornais. E o Jornal Nacional acho que foi o primeiro, né? da TV Tupi. Acho que foi o primeiro jornal que começou fazendo notícias. E de lá pra cá o que mudou muito foi a questão das catástrofes. O que acontece agora o povo passa a ver... A turma tá meio que deixando de assistir um pouco ele porque é muita... muita coisa ruim. Ele mostra muita coisa ruim. Tem que mostrar, mas eu também não tenho que ver. (P3)

No momento em que um dos integrantes comenta a proximidade e amplitude na área de cobertura da TV, se evidencia explicação de Hall (1982) citada por Orozco (1996, p. 90) sobre o papel da televisão:

Por exemplo, as notícias como um gênero conduzem mecanismos particulares de mediação sobre a audiência, tais como <<fazer um televidente testemunho presencial dos acontecimentos>> e legitimar seu significado <<ante a evidência de seus próprios olhos>>. (tradução nossa)

Ainda em relação a essa mediação, vale destacar que, durante o grupo focal, os integrantes também comentaram sobre reportagem realizada pelas emissoras *Record* e *TV TEM* na Horta da Vila Ema. O participante 3 disse que deveriam ter sido incluídas pelo menos outras quatro hortas e mostrar que, além deles, mais pessoas têm conseguido sobreviver com

esse tipo de trabalho. Na próxima transcrição fica evidente como para esse telespectador funciona a seleção de notícias:

Porque não seria mostrar só a nossa, teria que tá mostrando todo o resto. O nosso é mais organizado? Tá. É a maior? Também.
[....] Teria que ter fechado toda a rede. Tinha mais 15 pra colocar. Umas três ou quatro pra falar que tá conseguindo sobreviver com isso. É uma coisa só de momento. É... eles viram que tinha uma notícia ali, foram lá, correram, preencheram lacunas.

Houve sugestão de que os orgânicos fossem melhor explorados pela mídia. Na opinião de um dos participantes, a inclusão dessa temática contribuiria para desmistificar um pouco a ideia de algumas pessoas em relação a esse tipo de alimento. Ele falou ainda sobre a importância da divulgação do funcionamento da logística dos produtos orgânicos. Nessa declaração, percebe-se a confiança depositada no formato televisivo.

A sociedade, ela vê o orgânico assim: “Ah, eu como coisa que não vai veneno”, mas não sabe como que é feito pra acontecer aquilo lá, pra não ter veneno. Eu acho que agregaria mais valor, assim da pessoa dar mais valor àquele alimento que ela tá tendo. [...] Se eles divulgassem melhor como que é o nosso trabalho em cima disso, eu acho que teria mais aceitação da sociedade.

Assim, analisando essa fala e outras já apresentadas e ditas por esse participante, percebemos que, para ele, a TV possui poder e, inclusive, em sua opinião, esse meio poderia ser utilizado para mostrar o trabalho das hortas.

Institucionalidade

A mediação institucionalidade foi perceptível quando P3 justificou que o grupo não assiste ao programa *Balanço Geral* porque o sistema de trabalho deles não possibilita que estejam em suas casas no horário da veiculação dessa produção. “Não é que estamos desfazendo, mas, por nós, o nosso grupo trabalhar nesse sistema, não dá para assistir”.

Durante conversas com o grupo também obtivemos informações como o fato de que um dos integrantes já realizou cursos na área de agricultura, inclusive orgânica. Acreditamos que conhecimentos obtidos por esse meio, associados à sua experiência sobre cultivo, possam ter interferido em suas falas.

Orozco

Individual

Nessa categoria se encaixa a lembrança de como era o local que fica ao lado da horta, ou seja, o matadouro. Ainda podemos destacar o aspecto emotivo notado nas falas de dois dos participantes em relação à reportagem de envenenamento de gatos: “Se não gosta de gato, dá pra quem gosta. Mas só que não pode matar o bichinho, né? O bichinho também é inocente. Eles quer viver igual a gente, eles querem viver igual a gente” (P2); “Então, é gente sem consciência que passa a fazer essas coisas. Não tem, vamos dizer, amor a Deus, vamos colocar em cima disso”. (P3)

Também estariam abrangidos nessa classificação, conhecimentos alcançados pelos participantes que parecem ter influenciado nos comentários referentes aos vídeos como no caso de P3, que explicou, durante conversa com a moderadora, ter realizado cursos sobre agricultura orgânica.

Institucional

Essa mediação na classificação de Orozco está relacionada a instituições as quais o sujeito pertence. Notamos que a mesma pode ser constatada ao ser citado o regime de trabalho deles, ou seja, a relação da instituição trabalho com a forma de interação em relação à TV.

Ainda quando é dito por P3: “Não tem, vamos dizer, amor a Deus”. Nesse caso, pode se considerar que a instituição religião teve interferência.

Situacional

Em relação à mediação situacional, contemplada no modelo de multimediações de Orozco, acreditamos que o fato de assistirem às reportagens no local de trabalho e junto com outros colegas já tenha interferido, mas, nos comentários a percebemos de maneira mais evidente quando P3 fez o seguinte questionamento: “Na questão do gato, se o senhor ver isso, o que o senhor vai fazer?” E P4 responde: “vou avisar a polícia”. Ainda quando P2 diz “Ele (participante 3) já falou tudo, né?”.

Também ao destacarem quais reportagens mais despertaram a atenção, P1 se demonstra influenciada pelos outros ao focar o vídeo referente a envenenamento de gatos.

Observamos ainda que, quando uma das participantes associa reportagem exibida à realidade dela, P4 comenta o local mencionado por essa trabalhadora em detrimento ao conteúdo apresentado pelo programa a que assistiram.

E P2, por sua vez, que afirmou não assistir TV, mas aceitou participar do grupo focal, apesar de estar no local de trabalho, com colegas e esposo, apresentou pouco interesse em relação aos vídeos e baixa participação.

O cansaço dos trabalhadores também foi perceptível em alguns momentos e essa situação de recepção pode ter interferido ao comentarem algumas reportagens, ou seja, determinadas matérias podem ter parecido ser mais monótonas e pouco abordadas pelos trabalhadores pelo estado físico e mental que se encontravam quando assistiram as mesmas. O P3 precisou se ausentar em alguns momentos para resolver questões relacionadas à horta.

Supertemas

Quanto aos supertemas, constatamos que, nesse grupo, predominou o interesse pela reportagem sobre envenenamento de gatos e pelas matérias que abordaram chuvas, enchentes e reaproveitamento de óleo. Acreditamos que isso ocorreu porque, além de serem temas mais próximos dos participantes, foi dedicado um espaço maior a essas reportagens pelas emissoras e também porque, no caso das mortes de gatos, eles demonstraram já ter vivenciado situações semelhantes.

4.2 Horta Comunitária Comerciários

Por meio da análise do grupo focal da Horta dos Comerciários, identificamos, principalmente, as mediações apresentadas abaixo na leitura das reportagens e produção de sentido dos participantes.

Martín-Barbero

Temporalidade social

Percebemos que em comentários de alguns participantes em relação à reportagem realizada na horta por uma emissora de TV, houve uma contraposição entre o tempo cotidiano e o do meio de comunicação. Uma integrante explicou que o local teria sido utilizado para

filmagens com crianças de uma escola localizada em frente às hortas e, durante a gravação, apenas mostrado uma muda sendo plantada e, em seguida, já focalizado o resultado final, em estágio de colheita. Com isso, para eles, não foi mostrada toda a etapa do trabalho. Quando questionados se achavam que as filmagens deveriam ser realizadas de acordo com o crescimento das plantas, eles sugeriram que a equipe da TV poderia ir em locais diferentes e captar imagens da planta em vários estágios de produção.

Competência cultural

Em explicação realizada por P5, esse tipo de mediação ficou evidente. Ela procurou justificar as causas da vinda de animais tendo por base seu repertório sobre o assunto: “Esses animais que apareceram aí nas casas, por quê eles apareceram? Desmatamento, é... queimada. É um bicho que não tem nada a ver com residência. [...] Então, eles apareceram lá pra se esconder, pra não morrer, né?”

Socialidade

Sobre a socialidade, Jacks, Menezes e Piedras (2008, p. 36) comentam que:

(...) permite analisar os cenários onde os receptores atuam e interatuam, onde exercem suas práticas e seus *habitus*, onde a subjetividade e as identidades constroem-se e reconstroem-se, com o fim de entender o que se passa no mundo da recepção e do consumo, ou seja, no mundo dos atores sociais e suas vinculações com o mundo social.

Assim, notamos essa mediação quando os participantes se valeram de observações de situações próximas à realidade deles ao comentarem as reportagens veiculadas, revelando, dessa maneira, alguns costumes. Esse foi o caso da questão de horário em que o lixo é recolhido do bairro em que moram e também do descarte inadequado de móveis próximo ao local. Ainda quando falaram sobre ações realizadas por alunos de uma escola que fica em frente à horta ou que conhecem, após assistirem reportagens que mostram crianças e jovens desenvolvendo atividades relacionadas ao meio ambiente, conforme destacado, por exemplo, por P1 que lembrou ter escutado uma criança falar à mãe que, como ela cortou uma árvore, precisaria plantar muitas para compensar aquela que extraiu.

Ritualidade

Ao enfocarem as reportagens, os hábitos televisivos também foram expostos. Segundo P3: “Na hora do almoço eu assisto a Globo, TV TEM, e, à noite, sim eu assisto a Record, porque não dá tempo ... Agora à noite não. À noite, é Record mesmo”. Já P2 revelou o seguinte sobre o fato de não acompanhar TV à noite: “porque, à noite, quando chego, tô moída, né? Tem janta pra fazer”.

E P1, por sua vez, disse que já havia assistido todas as matérias do *Jornal Nacional* porque é um programa que costuma acompanhar.

Assim, se evidencia o que Martín-Barbero (2003) diz sobre essa mediação, ou seja, que em sua relação com os Formatos Industriais, que equivale aos discursos, gêneros, programas e grades, e palimpsestos, as ritualidades constituem *gramáticas da ação* – do olhar, do ver, do escutar que regulam a interação entre espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conformam os meios.

No caso de comentário sobre coleta de lixo, consideramos também que a mediação ritualidade interferiu, tendo em vista que ao falarem sobre um produto televisivo, os participantes expuseram a rotina do local em que o grupo vive, como P3, que revelou colocar o lixo para ser recolhido às 7h porque o lixeiro costuma passar às 7h30.

Tecnicidade

Como ocorreu na da Horta da Vila Ema, ao sugerirem uma possível cobertura para a TV podemos também subentender uma lógica que alguns participantes têm em relação ao formato televisivo, como pode ser notado nas seguintes falas: “Deveria mostrar como é feito, como é tratada a terra, desde o começo. Eles podiam fazer num lugar só, depois vai num lugar que já tá bom” (P2); “Daí vai na outra que tá grande, explica que antes planta” (P1)

Institucionalidade

Para Martín-Barbero (2003, p. 17), a institucionalidade pode ser vista como “uma mediação densa de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos que, da parte do Estado, buscam dar estabilidade à ordem constituída e, da parte dos cidadãos – maiorias e minorias –, buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer, isto é, re-constituir permanentemente o social”.

Uma pessoa comentou, durante o grupo focal realizado na Horta dos Comerciários, que a TV deveria mostrar o trabalho desenvolvido por eles na horta. Já outra disse participar de um curso de economia solidária e que os líderes não eram entrevistados, ou seja, há uma intenção em obter visibilidade das atividades das quais participam, de ocupar esse espaço que é o meio televisivo.

Orozco

Individual cognitiva

A mediação individual, ou seja, que parte do sujeito enquanto membro de uma cultura, foi notada em discussão do grupo sobre coleta de lixo, provocada após exibição de reportagem sobre chuva em Jaú. Os seguintes discursos mostram essa situação: “Sabe o que eu acho que tinha que fazer? Passar uma carrocinha catando tudo, cachorro que tira” (P1); “mas o povo também [...] o lixeiro passa terça, quinta, e tem gente que coloca o lixo na rua no domingo. O cachorro tá pela rua. Coloca às oito horas, ele passa sete e meia. Custa pôr o lixo na hora certa?”. (P4)

Situacional

Dois dos participantes se ausentaram por alguns minutos. Em um dos casos isso aconteceu porque um deles foi atender um consumidor e, quando voltou, não recordava sobre as reportagens para comentar, daí os demais integrantes ajudaram essa pessoa a lembrar por meio de citação de alguns assuntos veiculados.

Institucional

Ao focar a mediação institucional proposta por Orozco, Signates (2006, p. 68) diz que ela “se faz presente quando as instituições sociais medeiam a agência do sujeito”.

No trecho de fala apresentada abaixo, consideramos a mediação institucional, tendo em vista que a pessoa integrante do grupo focal menciona segmentos sociais. De certa forma, defende “o pessoal que vem lá do sítio” e critica os grandes empresários e o governo.

Os grandes empresários não querem nem saber, eles num pensam no meio. E o pessoal vem lá do sítio, sem informação nenhuma, compra um pedacinho de terra lá na beira do rio... constrói... lá na encosta, sem dinheiro, sem estrutura. O governo não quer nem saber. Esse pessoal que vem constrói em lugar de risco, sem estrutura, daí vem a chuva desbarranca. É isso! Falta de estrutura!

Videotecnológica

Um dos aspectos que caracteriza essa mediação é o fato de a TV apresentar mecanismos expostos por meio dos vários gêneros como o jornalístico, o qual pode transmitir às pessoas ideia de aproximação com o real, com o testemunho dos fatos. Sob essa perspectiva, acreditamos que trechos de declarações escolhidas para serem veiculadas atuaram na interpretação dos receptores. Esse aspecto se evidenciou em reportagem sobre chuva em Jaú, conforme já destacamos anteriormente, e que uma das vertentes apresentadas foi alvo de comentários entre o grupo e pautou as discussões.

4.3 Horta Comunitária Jardim Ciranda

Nesse local, observamos que se sobressaíram nos comentários em relação aos vídeos veiculados as mediações apresentadas abaixo.

Martín-Barbero

Cotidianidade familiar

Uma das participantes se valeu de exemplo de membro da família para abordar a questão de maus tratos a gatos: “Na casa da minha irmã tem 14 gatos, mas ela adora, sabe o que eles fazem? Eles pegam um monte de cabeça de peixe e joga no quintal. Assim, aquele monte de gatinho. É gatinho cego, aleijado. Eu acho que pra quem gosta de gatinho. Pra quê matar o bichinho, né? E eu acho bonito cuidar dos animaizinhos, né?” (P3)

Temporalidade social

A respeito da temporalidade social, para Martín-Barbero (2003) o tempo produtivo é o que se pode medir, enquanto a cotidianidade é constituída por um tempo repetitivo. Ele

também faz o seguinte questionamento ao comentar essa mediação: “E não seria ao se inserir no tempo do ritual e da rotina que a televisão inscreve a cotidianidade no mercado?” (p. 308)

Considerando essa reflexão, é possível dizer que essa mediação pode ser relacionada a diálogos nos quais os participantes fazem uma comparação entre o *Jornal Nacional* e o programa *Balanço Geral*: “No *Balanço Geral* eles explicam todos os detalhezinhos, explica tudo como que é. Lá não” (P3); “É, fica repetindo várias vezes”. (P1)

Competência cultural

A competência cultural pode ser notada quando trabalhadores expõem o conhecimento deles para tentar explicar o motivo da vinda de animais para os centros urbanos: “Taca fogo o bicho sai do lugar dele. Por causa da enchente, muita chuva, ele sai do lugar dele e procura outro destino” (P1); “Um pouco a gente que faz isso. Aquele jacaré, joga lixo, daí vai acumulando água” (P4).

Ainda nessa fala: “Da telha, aquele negócio lá, né? Então, eu escutei falar que, sabe aquele negócio lá, é as telhas tudo arruinadas, que fica velha. A Eternit fica muito velha, ela fica contaminada pela essa doença e transmite na gente, né? Passa. Que nem eu falo: na minha casa tá tudo velha. Vai ter que trocar. Tem que trocar”. (P3)

A criatividade da receptora é outro aspecto constatado nesse trecho citado acima e demonstra negociação de sentido entre o que foi apresentado e o conhecimento que possuía sobre o assunto, além de aproximação à sua realidade.

A competência cultural também pode ser notada nessa outra fala da mesma participante: “Não pode jogar no tanquinho, enche de bicho, barata. Isso daí infesta também, joga na pia... vem com cheiro daquele negócio do óleo, infesta, barata, essas coisas”.

Socialidade

A mediação socialidade esteve presente quando participantes associaram a questão das mortes dos gatos a situações próximas envolvendo pessoas conhecidas: “Por que acontece umas par de vez do gato morrer em cima da casa, jogar carne com veneno. Isso acontece direto aqui na nossa rua”. (P4)

Ainda nesse outro trecho:

Ah, a do gato eu sabia. Ontem mesmo minha patroa estava falando assim pra gente né? ‘Ai, mataram o Tubinho, envenenaram. A menina chorou muito’. Porque ali tem três, né? ‘Ai mataram, ela chorou muito’.

Aí eu falei pra ela: vai procurar a justiça, alguma coisa. Não pode ficar judiando do bichinho. Já é o segundo gato dela que matam. Da outra vizinha também já mataram uns par deles. Não tem como. Agora o marido dela falou: ‘se matar esses outros dois aqui pode esquecer porque a turma só pensa em matar os bichinhos’. Por que matar o coitadinho, né? Dar veneno. É ser cruel, né? Tem que procurar uma lei pra isso, né? Aí a menina dele ainda falou: ‘é alguém irresponsável, né?’

Acho que ela sabe quem é, entendeu? Mas pensou: ‘se eu for lá eu vou contar a verdade, eles não vão gostar’. Ela sabe quem foi que tá matando os gatos lá nos Comercários. (P3)

A aproximação dos conteúdos ao cotidiano evidenciada em vários momentos reforça o que foi afirmado por Mendonça (2005, p. 34) sobre os estudos de recepção latino-americanos:

Aos receptores é dada a possibilidade de assumir um perfil mais ativo que passivo e de se apropriar criativamente dos conteúdos dos meios. Nesta perspectiva ganham relevo a questão da experiência cotidiana e os aspectos relativos à produção de sentido e à luta pela hegemonia, pois é na esfera da elaboração e circulação dos discursos e dos sentidos que se produzem as representações sociais que vão fixar os sentidos e servir de modelo para a construção de identidades.

(...) Seguindo esse ponto de vista a recepção aos meios é considerada ela mesma um processo, dentro do qual sobressaem a pluralidade da vida cotidiana e a multiplicidade de instâncias microsociais como fatores importantes na (con)formação dos indivíduos, no modo em que se inserem no mundo, suas possibilidades, suas maneiras de perceber, interpretar e dar sentido ao mundo e à vida.

Essa mediação também é demonstrada quando um dos integrantes comenta a reportagem das chuvas em Jaú: “Aquele da enchente lá, ah, o homem devia mudar daquela cidade. Se deu uma vez, duas vezes, porque não sai do lugar? Tem que ser esperto. Agora ficar lá no mesmo lugar? Porque insistir, né? Devia sair de lá. Não tá certo não”.

Ritualidade

As formas de reutilização do óleo para fazer sabão expostas na discussão sobre as reportagens também trouxe à tona costumes, formas de ação dos participantes. Dessa maneira, revelaram-se cenários.

O papel social apresentado na reportagem como a doação do produto com o intuito de colaborar com a APAE e para a compra de computadores para escolas não foi incluído nas

discussões dos grupos e nem comentada a abordagem de impacto ambiental realizada pela emissora, conforme notamos, por exemplo, na fala da participante 3, que mencionou outro tipo de problema quanto ao descarte do óleo:

Então, que nem lá no como é que chama... onde a gente vai lá no depósito de reciclagem. Eles estão colhendo óleo lá com a gente. A gente leva óleo lá. Quando tem bastante a gente faz isso, né? Senão a gente dá para quem faz sabão. Daí aproveita. Minha patroa mesmo dá pra mim fazer sabão. E meu marido troca o óleo sujo por um litro limpo. Leva um litro de óleo sujo ou dois, que seja, e traz um litro fechadinho, chique. Isso aí é chique. E aproveita pra bastante coisa, né?

A ritualidade aparece também quando o hábito de assistir ao programa e televisão em geral é relatado por dois participantes: “É porque na minha casa nós somos viciados no Balanço Geral. Nesse horário, nossa!” (P4); “Eu assisto jornal (...) É porque eu assisto direto, né? 24 horas, entrou dentro de casa é televisão. Rádio... (ri). Rádio é muito difícil” (P1); “Rádio é só pra limpar a casa, né?” (P4); “E olha lá ainda!” (P1).

Tecnicidade

Nesse grupo focal, notamos que uma das mediações que predominou foi a denominada tecnicidade, conforme constatamos na fala da participante 3: “Não dá nem pra pensar. No *Balanço Geral* eles explicam todos os detalhezinhos, explica tudo como que é. Lá não”. E também de P1, que complementa: “É, fica repetindo várias vezes”.

Essa mediação aparece ainda nesse trecho: “Eu gosto do Datena ele explica bastante naquele programa de manhã” (P4).

Assim, ao se valer desse formato, as técnicas empregadas por cada programa tiveram interferência na recepção das pessoas. A tecnicidade ainda interveio no processo quando uma das participantes associou enquadramento da reportagem à sua realidade: “Dá enchente porque pode ver em vários rios um monte de sacola de lixo, daí aquilo lá vai aumentando a sujeira e daí vai e forma isso também. Um pouco é nós mesmo que causa isso” (P4).

Orozco

Para Orozco (1996, p.34), a TV se vale de alguns recursos para legitimar o que veicula: “Como as outras instituições sociais, a TV tem outros recursos para aumentar seu

poder de legitimação frente à audiência, tais como a <<produção>> de notícias e a <<apelação emotiva>>”. (Tradução nossa)

Sobre a apelação emotiva, ele vale-se de ideias de Mattelart e Matellart (1989) e Piccini (1990) para observar que:

A apelação emotiva é um recurso televisivo resultante da combinação de suas possibilidades técnicas de imediatez, de provisão de imagens e de ênfase discursiva, que permitem a TV fazer associações audiovisuais que não obedecem a uma lógica tradicional de narração oral ou escrita, mas que conduzem outros tipos de padrões de acordo com o que alguns teóricos da comunicação denominariam uma <<racionalidade eletrônica>> Orozco (1996. p.34) (Tradução nossa)

Notamos que o apelo ao emotivo, recurso utilizado pelo programa de TV *Balanço Geral*, interferiu na reação das pessoas, como no caso da reportagem que abordou mortes de gatos.

Individual cognitiva

Durante a reunião desse grupo, foi possível notar, por meio das declarações, que o aspecto emocional de integrantes interferiu nas interpretações. Essa constatação se deu, por exemplo, nas seguintes falas: “É uma judiação, não quer, não pega gato”; Por que matar o coitadinho, dar veneno? É ser cruel! Tem que procurar uma lei pra isso, né? (P3); “Matar animal pra quê? Ele não faz nada pra ninguém. Por que fazer isso, dar veneno? Na minha rua aqui também acontece isso. Tem um homem que dá veneno pros animais. Dá vontade de pegar ele e, em vez de dar o veneno pros animais, dar pra ele, não pros animais, eles são inocentes” (P2).

Institucional

Essa mediação pôde ser constatada quando P3 revelou opinião de sua patroa sobre programas televisivos como o apresentado. “Fica assistindo muito, acaba ficando doente, ela fala. Ela acha que não é muito bom, entendeu? Porque muita reportagem que acontece isso, acontece aquilo, mexe com a mente”.

Situacional

Um aspecto a ser considerado sobre essa mediação é o apontado por Signates (2006, p. 68), o qual afirma que: “As mediações situacionais procedem também dos cenários específicos onde os membros da audiência interatuam usualmente (escola, bairro, local de trabalho etc.), e alguns são mais relevantes do que outros como fontes de mediação”.

Dessa maneira, percebemos que o bairro e o local de trabalho representam fontes de mediação identificadas na percepção e interpretação dos integrantes desse grupo focal.

Videotecnológica

Considerando o que Jacks e Escosteguy (2005, p. 70) comentam ao abordar essa mediação, ou seja, que “a televisão, como meio eletrônico, produz uma série de mecanismos que configuram seu discurso: alto grau de representabilidade e de verossimilhança (que permite neutralizar seu discurso “ante os olhos da audiência”), a programação, os gêneros, a publicidade, etc.”, entendemos que quando P3 diz que a patroa desaconselha que assistam determinados programas por muito tempo, podemos perceber essa mediação: “Mas se a gente não tá assistindo como que a gente vai saber? Nós não temos que saber tudo?”.

Associamos o trecho da fala apresentado acima à mediação videotecnológica por considerarmos que para a participante a televisão é uma fonte importante de informação e que levaria ela a “saber tudo”.

Supertemas

Como supertemas, nota-se que os assuntos envenenamento de gatos, animais que estão migrando para as cidades, chuvas e reaproveitamento de óleo foram os mais destacados pelos participantes.

4.4 Horta Comunitária Asilo

Assim como nos demais grupos, os participantes associaram as reportagens ao cotidiano, às memórias, aos conhecimentos adquiridos de várias formas.

A seguir, apresentamos as mediações mais perceptíveis:

Martín-Barbero

Cotidianidade familiar

Essa mediação pode ser percebida nesse discurso de P3: “Eu não penso em mim, penso na minha filha que tem 12 anos”.

Competência cultural

A competência cultural se evidenciou, por exemplo, no momento em que P3 comentou sobre a vinda de animais para a zona urbana, tema de algumas reportagens. “Eles vêm para a cidade porque encontram um lugar melhor para ficar, já que seu habitat natural foi destruído”.

Durante comentário de um dos integrantes sobre a reportagem que enfocou raio no município de Monte Alto, também percebemos a competência cultural: “Por isso que eu falo, isso daí, essa do raio, é a natureza, né?” (P1)

Ainda quando esse mesmo participante explica o possível motivo de mortandade dos peixes, assunto apresentado em uma das reportagens: “Por que a mortandade dos peixes? Desmatamento”.

Em trecho de fala de P2 também notamos que ele se valeu de conhecimento sobre decomposição de sacolas de plástico para opinar sobre reportagem que recordou ter assistido em outra oportunidade. “Pensa que é alga marinha, né? Vai lá come aquilo lá. Leva 30 anos na natureza pra desfazer. Leva quarenta anos no estômago dela”.

Socialidade

Sobre essa mediação, Jacks, Menezes e Piedras (2008, p. 36) explicam que:

(...) ela medeia o âmbito que se estabelece entre Matrizes Culturais e Competências de recepção/consumo, figurando como uma amálgama que vincula a tradição cultural com o modo de os receptores se relacionarem com a cultura massiva. Ela tece, através das práticas cotidianas, o eixo diacrônico das Matrizes Culturais com o sincrônico das práticas de recepção e consumo, engendrando uma urdidura para a produção de sentido.

Consideramos que a socialidade foi perceptível quando dois participantes comentaram, por exemplo, reportagem sobre raio que atingiu trabalhadores rurais em Monte Alto:

Matou um colega meu na porta do barraco no Aeroporto. Encostou na porta o raio veio e matou na hora. No meio de uma fazenda deu um raio na casa, pegou fogo na casa, conseguiram apagar e matou um senhor. Depois nós tava morando nessa casa, deu um raio a 50 metros longe numa árvore. Por isso que eu tava brincando o raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Pode não cair no mesmo lugarzinho, mas cair por perto. (P1)

E P2 também destacou experiência vivida em relação a raios: “O dia que eu tava trabalhando lá caiu num rapaz, matou na hora”.

A socialidade ainda se sobressai quando esse mesmo integrante do grupo aborda o reaproveitamento de óleo, assunto de outra reportagem: “Eu já participei de campanhas de reciclagem do óleo, trabalhei numa cooperativa de reciclagem”.

Ainda durante observação realizada por P2 ao relacionar a reportagem sobre lixeira para deficientes à realidade do município onde mora, mais especificamente ao fato do descarte de panfletos: “Agora aquela lata do lixo vai ser colocado na Rua Amando e na Curuzu, hein? Ali põe aquilo, que você tá passando na rua, tão dando papel, tão jogando fora. Devia proibir esse negócio na Rua Amando”.

Observarmos também a associação do que foi exibido ao cotidiano quando, após mostrar reportagens sobre maus tratos de animais, P1 comentou a respeito de pássaro que costuma frequentar a horta em que trabalham e disse deixar a ave “à vontade”.

Institucionalidade

Acreditamos que ao falar sobre a aplicabilidade de reportagens, um trabalhador demonstrou sua opinião sobre a classe política: “Dá para aplicar, mas não pode depender dos políticos”; “Promete muito, mas os políticos não fazem nada”. (P1)

Tecnicidade

Notamos essa mediação quando P1 defendeu que “as coisas devem ser apresentadas do jeito que são. Pode ser que alguém mude seu modo de pensar se assistir as reportagens”.

Também em opiniões que repetiram ideias de trechos da fala de um dos entrevistados em reportagem do *Jornal Nacional*. “Você destrói hoje, amanhã, depois, você vai ser cobrado daquilo lá” (P1); “Ficou bem explicado o que o rapaz falou: não faça nada errado para a natureza que ela vai cobrar. Tá cobrando deles lá. A areia destruiu, agora a areia tá entrando prá dentro da casa. Vai fazer o quê?”. (P2).

Nesse caso, consideramos também que o discurso da TV prevaleceu e conseguiu impor certa hegemonia ao pensamento do receptor.

Esse tipo de mediação apareceu mais uma vez quando P3 se vale de outra reportagem que ele havia acompanhado anteriormente para comentar gravação veiculada no dia de realização do grupo focal: “Vai pro leito do rio. Igual aquela reportagem da tartaruga lá, você viu? O tanto de tranqueira que tiraram do estômago do bichinho e em alto mar ainda. Tudo quanto é tranqueira que não prestava tinha dentro da bichinha. Aí sacolinha vai lá pro fundo do mar o que ela pensa que é?”

Essas mediações ainda se fizeram presentes ao falarem sobre possível coincidência entre os assuntos mostrados nas reportagens, quando P3 assim se expressou: “A Band, a Record, a Globo, fica uma pegando o que a outra faz”. E P1 acrescentou: “Às vezes distorce um pouquinho alguma reportagem. Mas como a turma fala: troca só o terno, mas o sujeito é o mesmo”.

Sobre as abordagens realizadas pelos programas, P1 disse: “tá dentro do que deve ser falado mesmo”. Enquanto P2 comentou que: “Coisa boa foi mostrado e ruim também, né? A desgraça de outras pessoas”.

Orozco

Individual cognitiva

Percebemos essa mediação quando o aspecto emocional se manifestou. Esse foi o caso de depoimento do P3, que em um determinado momento assim se referiu: “Eu não penso em mim, penso na minha filha que tem 12 anos”.

Vista sob outra óptica, a de conhecimentos que cada pessoa possui, a mediação individual também atuou no processo ao justificarem a vinda de animais para as cidades e exporem seus conhecimentos sobre reciclagem.

Situacional

Já a mediação situacional, apresentada por Orozco, ficou evidente nesse diálogo entre os participantes: “Aí sacolinha vai lá pro fundo do mar o que ela pensa que é? (P3); “Alga, né?”(P2); “Pensa que é alga marinha, né? Vai lá come aquilo lá. Leva 30 anos na natureza pra

desfazer. Leva quarenta anos no estômago dela” (P3), ou seja, nesse caso, houve interferência da fala de um em relação ao outro durante os comentários.

Vale dizer ainda que P2 se ausentou em alguns momentos para atender pessoas que foram comprar verduras. Às vezes, houve interrupção da veiculação das reportagens para aguardar o retorno do trabalhador.

Videotecnológica

O grau de verossimilhança, característico da TV, contribui para seu poder de mediação, aspecto esse perceptível quando os trabalhadores utilizaram outra reportagem para comentar os vídeos exibidos para essa pesquisa, e ainda quando concordaram e reproduziram trechos de entrevistas mostrados. Como exemplo, podemos citar declaração do P1, o qual disse que “tá dentro do que deve ser falado mesmo”, referindo-se ao conteúdo apresentado pela TV.

Supertemas

Quanto aos temas que se sobressaíram em meio aos exibidos nas reportagens podem ser citados a mortandade de peixes, trabalhadores rurais atingidos por raio, vinda de animais para as cidades, enchente em Jaú, e seca da Lagoa do Abaeté, em Salvador.

Capítulo 5 – Conhecimento sobre a TV e possíveis interferências no processo de recepção

5.1 Visita à sucursal da Record de Botucatu

Após os dados obtidos nas etapas realizadas com questionários, grupos focais e maior conhecimento dos participantes por meio de conversas informais, constatamos a preferência e melhor entendimento da muitas pessoas que participaram da pesquisa em relação aos programas regionais *Tem Notícias* e *Balanço Geral*.

Questionamos, então, os trabalhadores das hortas sobre interesse em conhecer como era o processo de produção de TV e alguns revelaram que gostariam de obter essa informação. Inicialmente pretendíamos explicar as características e os processos envolvidos em um telejornal, porém, a partir das visitas nas hortas, tivemos a impressão de que, se esse conhecimento fosse transmitido pelos profissionais que atuam na TV, o estímulo poderia seria maior. Decidimos, então, que das quatro hortas nas quais realizamos as etapas anteriores, duas comporiam a outra parte da pesquisa. Pelo fato de os participantes das hortas do Jardim Ciranda e dos Comerciários demonstrarem preferência pelo programa *Balanço Geral* e declararem vontade em compreender melhor as produções televisivas, eles foram convidados a integrar esse próximo trabalho.

No caso da Horta do Asilo, na época da exibição das reportagens, o líder informou que não haveria possibilidade de o seu grupo ir até outros locais e também que preferia participar de atividades de maior aplicabilidade na horta, então optou-se por não incluir os trabalhadores desse local.

Já em relação à Vila Ema, o líder demonstrou interesse na participação de trabalhos posteriores à veiculação das reportagens e na possibilidade de o grupo conhecer as etapas envolvidas nos produtos midiáticos. Apesar disso, observamos que o horário de trabalho dificultaria o deslocamento e, ademais, eles não possuíam o hábito de assistir ao programa *Balanço Geral*.

Após manter contato com a sucursal da TV Record em Botucatu, houve informação de que haveria a possibilidade de apenas o produtor ir até às hortas para explicar a rotina de trabalho. Assim, propusemos uma visita dos integrantes das Hortas do Jardim Ciranda e Comerciários até à emissora local.

Agendamos, então, data e horário com as pessoas que atualmente trabalham nessas hortas eleitas para integrar esta etapa. Apesar de seis pessoas confirmarem que compareceriam, por causa de um problema de furto ocorrido em um dos locais no dia anterior, os integrantes acabaram não indo.

Dessa maneira, dois trabalhadores, acompanhados de dois funcionários da Subsecretaria de Agricultura e Abastecimento da Prefeitura de Botucatu se deslocaram até à sede da emissora. No local, foi mostrado o estúdio, abordado como é elaborada uma pauta, inclusive, com distribuição de cópia de um exemplo desse material. Também explicado como se dá a seleção dos assuntos que poderão compor os telejornais que eles produzem, como é o tempo na TV, o envio de gravação para ser veiculada. Eles ainda tiveram a oportunidade de conversar com a repórter, com o cinegrafista e com o editor de TV, que explicaram os trabalhos desenvolvidos por eles e os recursos empregados, como no caso da edição.

A rotina de trabalho pôde ser acompanhada, sendo observados a chegada de repórteres, gravação de *off* (narração a ser utilizada em determinada imagem que será veiculada) e edição de material que havia acabado de ser colhido. Durante a visita, foi aberto espaço para perguntas. Entre os questionamentos esteve, por exemplo, o direito de exibição de imagem. Um dos integrantes também disse quais conteúdos gostaria que fossem mais abordados, incluindo o assunto esporte. Os participantes permaneceram na sucursal por, aproximadamente, duas horas.

5.2 Gravação de reportagens e grupo focal

Para procurar compreender se a atividade de visita à emissora, explicação das etapas desenvolvidas pelos profissionais que atuam na sucursal da TV Record em Botucatu e também explicação sobre as características gerais da estrutura de produção de telejornais às pessoas que não compareceram teriam interferência no processo de recepção e de que maneira isso se daria, realizamos gravação de novas reportagens para serem discutidas em grupo focal.

O período de gravação foi de 6 a 20 de janeiro de 2011 e seguiu o mesmo processo adotado nos registros anteriores, ou seja, reportagens ou notícias relacionadas ao meio ambiente. Assim, após a seleção de reportagens e notícias exibidas nesse período, agendamos o grupo focal.

Os dois participantes que compareceram até à sucursal da Record concordaram em participar, além de mais dois integrantes. Uma dessas pessoas estava retornando ao trabalho

após um período afastada da atividade e havia integrado o primeiro grupo focal, enquanto outra havia começado a trabalhar na horta.

A reunião ocorreu no dia 10 de fevereiro de 2011, novamente no Centro Comunitário do Bairro Comerciais. A exibição das reportagens teve início por volta das 15h50. O trabalhador mais recente da horta não ficou até o final, justificando a necessidade de buscar o neto na escola. Mantivemos as mesmas perguntas do encontro anterior nesse grupo focal.

5.3 Primeira etapa

A seguir, apresentamos a percepção e produção de sentido dos participantes no primeiro bloco da reunião. As reportagens veiculadas nessa primeira etapa abordaram os seguintes assuntos: “Represa rompe e causa alagamento em Lençóis Paulista”; “Temporal em Sorocaba”; “Escorpiões no calçadão de Bauru”; “Caramujos estão invadindo casas”; e “Cratera coloca moradores em risco”.

Inicialmente, ao ser destacado pela moderadora junto ao grupo que foi realizada uma visita de dois dos participantes à sede da Record em Botucatu, P1, que compareceu, disse: “Nós não lembramos mais nada”.

Durante a exibição dos vídeos, houve comentário de P4 em relação a reportagem sobre chuva em Lençóis Paulista, sendo que ao ver um local mostrado indicou que o mesmo era caminho para a estação ferroviária, informação confirmada por P3. Quando foi concluída a reportagem sobre escorpião, ainda na fase em que estavam sendo apresentados os vídeos, P3 falou que os escorpiões gostam de lugar fresco. No início da reportagem sobre cratera em um condomínio, P4 reconheceu de imediato o lugar mostrado e disse: “É lá em cima, no Jardim Paraíso”.

Nas discussões, ao serem estimulados a comentar as reportagens ou notícias que haviam assistido, P1 disse: “Os caramujos aí é o próprio homem que trouxe, né? Trouxe, não sei o quê ele fez com o caramujo e jogou no tempo aí. É o próprio homem que tá devastando tudo. Falou ali que não pode jogar sal. Por quê que não pode jogar sal?”. E P3 interferiu: “Esse caramujo aí tá difícil de acabar!”.

Em seguida, a moderadora perguntou se ele não entendeu porque não poderia jogar sal nos caramujos africanos e se os demais participantes teriam alguma ideia sobre o motivo ou gostariam de falar sobre o assunto.

E P1 continuou: “É, por quê não pode jogar sal? Falou de doença. Qual é a doença? Não falou também qual a doença era. Pode causar uma doença grave, não explicou o que é

doença grave.” Nesses comentários, o participante destacou fala do apresentador de que as pessoas não devem jogar sal sobre os caramujos e que os moluscos podem causar uma doença grave.

Já P2 discordou do conteúdo apresentado e lembra costume da época de sua infância. “Quando é lesma joga sal. Quando nós era criança, nós jogava sal, aí saía a lesma, né? E nós brincava, punha assim ó, escutava o mar. E não tinha doença nenhuma”.

E P4 expôs sua opinião sobre o assunto: “Não pode jogar sal porque vai saindo por outro lado... aquela gosma e aquela doença vai se espalhando”. Segundo essa participante, quando ela encontrou caramujos os levou na Vigilância Sanitária e afirmou ainda o seguinte: “Por que se tem esse caramujo, tem que acabar de um modo ou do outro... a própria população que tem que ajudar”.

Mais uma vez P2 enfocou o assunto em discussão e se valeu de seu conhecimento. “Por que o caramujo é companheiro da lesma. A lesma não faz nada, a lesma não mata ninguém”.

Nesse caso, podemos salientar que P1 mostrou posicionamento crítico diante da abordagem, apontando a falta de esclarecimentos e P2 não aceitou o discurso imposto pela reportagem, rompendo assim a hegemonia. Já P4 procurou defender em sua fala as recomendações presentes no vídeo e disse agir conforme o que é apresentado como sendo correto.

Sobre qual notícia ou reportagem teria despertado mais a atenção deles, P3 disse que “nenhuma” porque já havia assistido a todas. Em seguida, começaram a falar sobre reportagem em que foi entrevistada a filha de uma conhecida das participantes e que mostrou um problema de erosão próximo ao local em que moram. Assim, anteciparam assunto de uma reportagem programada para ser exibida aos participantes em outra etapa do grupo focal.

Quanto à compreensão dos conteúdos, a moderadora questionou se, além da reportagem sobre caramujo, algum outro vídeo apresentou conteúdo que não consideraram de fácil entendimento, que poderia ter sido mais bem explicado. A participante 3 diz que entendeu tudo e que “Pra mim não precisa explicar nada porque eu entendi tudo. Eu assisto muito televisão, sabe? Quando eu almoço aqui, eu fico assistindo”.

Para P1, apenas a reportagem sobre os caramujos não ficou clara e aproveitou para explicar o possível motivo de problemas relacionados à chuva:

Eu acho que ficou mal explicado a do caramujo mesmo. O negócio da chuva, a invasão das águas, isso aí é gente despreparada. A maioria que tá entrando água aí é que não tá preparado pras chuvas, constrói casa em qualquer lugar.

Isso aí, gente que eu falo, tanto faz quem constrói e as prefeituras também, né? Deixa o povo construir de qualquer jeito. O pessoal vem lá do fim do mundo lá, não tem dinheiro pra comprar um lugar bom. Onde não pode construir, constrói. Isso que acontece esse negócio aí. Por que chover sempre choveu. Toda vida choveu bastante e vai continuar chovendo.

Assim, o assunto chuva passou a integrar a discussão e P2, além de dizer que se emocionava ao assistir a reportagens com esse conteúdo, também destacou a grande prevalência do tema: “Quando deu aquela chuvarada, eu chegava chorar de ver. Não passava mais nada, só chuva”.

E, nesse momento, P4 explicou: “Acho que é fechado” referindo-se ao fato de passar muita reportagem sobre chuva. E P2 enfatizou: “Chuva, chuva, chuva e gente morto, enterrado”.

A moderadora, então, perguntou se eles gostariam que houvesse essa repetição de assunto. Também foi questionado por que eles acham que a TV age assim, se eles acreditam que poderia ter sido mostrado outro assunto no lugar. E P4 fez o seguinte comentário: “Acho que pro repórter, matéria de televisão, se o repórter não for lá, o jornalista não apresentar isso daí nesse espaço, vai apresentar o quê? Vai mostrar o quê pra gente? Pra gente ficar sabendo? Às vezes, da cidade da gente, a gente não sabe o que tá acontecendo. A gente que mora no alto aqui. Tem que mostrar”.

Já P2 disse: “precisa ser coisa assim que não passa na televisão”. Ao responder qual conteúdo ela acredita que deveria estar presente na TV, comentou: “Tanta coisa que não passa na televisão, aquela sitiaida, acontece cada coisa no sítio”. E, em seguida, disse que, em algumas oportunidades, até passa alguma reportagem que ela considera que deveria integrar a programação e cita como exemplo a de um de raio, mas que poucos dão importância. “Você vê os ricos mesmo não vão assistir isso”.

Ao ser questionada por que em sua opinião pessoas da classe social citada por ela não assistiriam, ela respondeu: “Ah, ver desgrama” e ri. Ela também disse que “só mostra gente pobre”.

A partir dessa observação, P4 apontou que, nas reportagens sobre chuva, foram atingidos apartamentos, discordando assim da fala da outra participante. Elas lembraram, então, o problema de enchentes no Rio de Janeiro e P2 disse mais uma vez que chorava quando assistia. Entre as lembranças enfocadas sobre esse assunto estiveram a dificuldade de algumas pessoas saírem para comprar alimentos e que algumas vítimas não haviam sido encontradas ainda. Após conversarem sobre essas reportagens de chuvas no Rio, P2 expôs que

as enchentes também afetaram pessoas de maior poder aquisitivo: “Que nem os ricos, aquelas mansão, aqueles rico lá. Não foi só pobre que perdeu. Uma vez pro lado dos pobres, outra vez do lado dos ricos”.

Ainda durante as discussões, após P3 falar que costumava assistir mais ao programa *Balanço Geral* e ao *Jornal Nacional*, P2 disse acompanhar à Record e preferir o apresentador que comandou essa produção anteriormente. “Eu gostava do Sandro. Ele é mais alegre”.

Assim têm início comentários sobre os formatos dos programas e P4 teceu o seguinte comentário: “Eu acho que a Record assim passa com mais detalhe assim”. Outra participante concorda: “É, eles explicam”. Já P4 continuou justificando sua opinião: “Mais detalhe. No Jornal da TV Globo passou o que tinha que passar, pronto. Daí você passa na Record se não você quer assistir antes, tem mais detalhe”.

E P1, por sua vez, também expôs suas preferências e opiniões:

Eu mesmo gosto do Jornal da Record à noite, que passa paralelo ao Jornal Nacional, que é apresentado pelo Celso Freitas e como que é o nome da outra apresentadora lá? Eu gosto do Jornal da Record. Agora esse jornal do meio dia tanto faz o Sandro como esse outro aí. Pra mim é tudo a mesma coisa.

Sobre a aplicabilidade dos conteúdos, P2 destacou que as pessoas precisam ficar atentas quando chove. Já P4 recordou de forte chuva enfrentada no ano anterior. E P2 observou que no local em que moram não enfrentam problemas com enchentes: “Nós moramos no céu”.

Já P1 disse o seguinte:

Muita coisa que dá pra gente melhorar alguma coisa, né? Dá pra melhorar. O negócio das águas mesmo, tubulação essas coisas. O pessoal tem que enfiar na cabeça que não pode jogar lixo em qualquer lugar, né? vai entupindo, que esse negócio de lixo tá cada vez pior, né? Eu não acredito em melhora. Eu não acredito em melhora porque fala em reciclar, mas como reciclar? Você separa o lixo ninguém vem buscar. Você vai levar lá na fábrica de reciclagem? Uma coisa que vale três reais o custo de você levar lá fica em trinta. Como que você vai levar? Daí vai do governo. O governo que tem que mentalizar e meter lei nisso aí pro povo reciclar.

Ao ser perguntado se eles gostariam de sugerir algo em relação às reportagens, na verdade, P4 opinou sobre o assunto dos caramujos e propôs solução que considera mais adequada, além de perguntar o que P1 achou da sua ideia: “acho que a própria população devia ajudar, não chamar o poder público, a imprensa. Já tinha que dar um jeito de tá

acabando antes mesmo. Aí, se não tivesse jeito mesmo, chamava. O que você acha?”. E P1 respondeu que: “Eu concordo, mas só que o poder público, você acha que o poder público vem? Não vem. Você acha que eles vêm? Não vêm”.

Assim, começaram a falar de problemas da horta como falta de estrutura que facilita furtos, notícia divulgada no rádio sobre essa questão e ainda fizeram críticas ao governo municipal, conforme notamos nessas declarações: “Roubam na horta, chama eles não vêm”; (P2) “Na época do outro prefeito não acontecia essas coisas. O povo se acomodou. Se não levar a cobrança, como ele vai saber?” (P1).

5.3.1 Mediações referentes a reportagens do 1º bloco

A seguir, apresentamos as mediações mencionadas por Martín-Barbero e Guillermo Orozco que predominaram. Assim, como no Capítulo 4, os enquadramentos em cada mediação se referem à interpretação que realizamos dos conceitos desses autores e de algumas aplicações dos mesmos em outros estudos.

Cotidianidade familiar

Segundo Martín-Barbero: “é no bairro que a pessoa é alguém, tem um nome”. Consideramos que a proximidade interferiu em alguns momentos, como quando se lembraram de reportagem realizada próximo ao local em que moram.

Competência cultural

A recordação de hábito de uma das participantes se evidenciou quando ela falou sobre reportagem que enfocou caramujos africanos: “Quando nós era criança, nós jogava sal, aí saía a lesma, né? E nós brincava, punha assim ó, escutava o mar. E não tinha doença nenhuma”. Em outro trecho de comentário realizado por ela, seu conhecimento sobre o assunto adquirido ao longo de sua vida foi evidenciado: “Por que o caramujo é companheiro da lesma. A lesma não faz nada, a lesma não mata ninguém”.

Ainda percebemos essa mediação em declarações de outros integrantes do grupo: “Não pode jogar sal porque vai saindo por outro lado... aquela gosma e aquela doença vai se espalhando” (P4); “O negócio da chuva, a invasão das águas. Isso aí é gente despreparada. A

maioria que tá entrando água é que não tá preparado pras chuvas, constrói casa em qualquer lugar” (P1).

Temporalidade social

Essa mediação refere-se à contraposição entre o tempo produtivo e o cotidiano, produzido por fragmentos e repetições. Para se aproximar e tentar atrair a atenção do público alguns meios se valem da exposição excessiva de determinados assuntos, tendo por base a ideia que têm do impacto do mesmo junto ao receptor. Nessa prioridade do que veiculam, é dado maior espaço a temas que dizem respeito à situação que as pessoas vivenciam naquele momento, como é o caso da cobertura repetitiva sobre o assunto chuva, principalmente quando há interferência na vida da população. Esse aspecto ficou claro nessa declaração: “Não passava mais nada, só chuva” (P2). A participante 4 demonstrou conhecer a intenção do veículo ao comentar que: “Acho que é fechado”, referindo-se ao fato de passar muita reportagem sobre chuva.

Os formatos adotados pelas emissoras também foram considerados por participantes: “Eu acho que a Record assim passa com mais detalhe”; “No Jornal da TV Globo passou o que tinha que passar, pronto. Daí você passa na Record se não você quer assistir antes, tem mais detalhe” (P4); “É, ele explicam”. (P1)

Socialidade

Considerando afirmação de Martín-Barbero de que ela medeia o âmbito que se estabelece entre Matrizes Culturais e Competências de Recepção, figurando como uma amálgama que vincula a tradição cultural com os modos de os receptores se relacionarem com a cultura massiva, acreditamos que, no seguinte discurso, essa mediação se sobressaiu, tendo em vista que houve associação de conteúdo midiático a sua experiência de vida: “Quando é lesma joga sal. Quando nós era criança, nós jogava sal, aí saía a lesma, né? E nós brincava, punha assim ó, escutava o mar. E não tinha doença nenhuma” (P2).

Ainda se observarmos sob o aspecto da criatividade dos receptores nas apropriações das mensagens, uma das vertentes associada a essa mediação, podemos notar que, além do trecho acima, a declaração a seguir também demonstra a socialidade na discussão do grupo focal: “Tanta coisa que não passa na televisão, aquela sitiaida, acontece cada coisa no sítio. O raio que pegou aqueles três rapaz. Tem que ser coisa que não passa na televisão, né?” (P2).

Também em comentário de P1:

O negócio da chuva, a invasão das águas, isso aí é gente despreparada. A maioria que tá entrando água aí é que não tá preparado pras chuvas, constrói casa em qualquer lugar. Isso aí, gente que eu falo, tanto faz quem constrói e as prefeituras também, né? Deixa o povo construir de qualquer jeito. O pessoal vem lá do fim do mundo lá, não tem dinheiro pra comprar um lugar bom. Onde não pode construir, constrói. Isso que acontece esse negócio aí. Por que chover sempre choveu. Toda vida choveu bastante e vai continuar chovendo.

Ainda notamos a mediação socialidade nesse trecho: “acho que a própria população devia ajudar, não chamar o poder público, a imprensa. Já tinha que dar um jeito de tá acabando antes mesmo. Aí, se não tivesse jeito mesmo, chamava”.

Ritualidade

Sobre a ritualidade, Martin-Barbero (2003, p. 19) afirma que vista a partir das competências de recepção, essa mediação pode remeter:

(...) as múltiplas *trajetórias de leitura* ligadas às condições sociais de gosto, marcadas por níveis e qualidade de educação, por posses e saberes constituídos na memória étnica, de classe ou de gênero, e por hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, oral ou audiovisual, que carregam a experiência de ver sobre a de ler ou vice-versa. (grifo do autor)

Notamos que a ritualidade, revelada por meio da exposição do hábito e preferência dos participantes, se deu quando P3 disse acompanhar o *Jornal Nacional* e o *Balanço Geral* e P2 destacou gostar da Record e assistir bastante TV: “Eu assisto muito televisão, sabe? Quando eu almoço aqui, eu fico assistindo”.

Institucionalidade

Ao comentar reportagens sobre chuva, P2 revelou sua percepção diante do conteúdo da instituição televisão, ao falar: “só mostra gente pobre”; “Você vê os ricos mesmo não vão assistir isso”.

Ainda sob a óptica da TV como uma instituição, consideramos essa mediação quando P4 afirmou acreditar no papel desse veículo. “Acho que pro repórter, matéria de

televisão, se o repórter não for lá, o jornalista não apresentar isso daí nesse espaço, vai apresentar o quê? Vai mostrar o quê pra gente? Pra gente ficar sabendo? Às vezes, da cidade da gente, a gente não sabe o que tá acontecendo. A gente que mora no alto aqui. Tem que mostrar”.

A institucionalidade ainda esteve presente no momento em que P2 disse que ao assistir reportagens percebeu que as chuvas atingiram pessoas de maior poder aquisitivo: “Que nem os ricos, aquelas mansão, aqueles ricos lá. Não foi só pobre que perdeu. Uma vez pro lado dos pobres, outra vez do lado dos ricos”.

Tecnicidade

Quando os integrantes expuseram os recursos utilizados pela TV acreditamos que a mediação tecnicidade se sobressaiu: “Eu acho que a Record assim passa com mais detalhe”; “No Jornal da TV Globo passou o que tinha que passar, pronto. Daí você passa na Record se não você quer assistir antes, tem mais detalhe” (P4); “É, eles explicam” ; “Eu gostava mais do Sandro (ex-apresentador do Balanço Geral da Record Paulista). Ele era mais alegre” (P2).

Orozco

Individual cognitiva

Essa mediação refere-se ao próprio indivíduo, dotado de conhecimentos e emoções. Dessa maneira, consideramos que ao mostrar suas explicações sobre fatos e fenômenos essa mediação se fez presente, como nesses trechos: “Por que o caramujo é companheiro da lesma. A lesma não faz nada, a lesma não mata ninguém” (P2); “Não pode jogar sal porque vai saindo por outro lado... aquela gosma e aquela doença vai se espalhando” (P4); “O escorpião gosta de lugar fresco” (P3); “A maioria que tá entrando água aí é que não tá preparado pras chuvas, constrói casa em qualquer lugar” (P1).

Ainda observamos a mediação individual cognitiva quando o aspecto emotivo sobre as reportagens referentes à chuva foi abordado por P1: “Quando deu aquela chuarada, eu chegava chorar de ver”.

Situacional

Notamos a interferência da recepção em grupo, ou seja, da situação em que os integrantes reformularam as mensagens, principalmente, quando P4 comentou que as reportagens sobre chuvas estavam relacionadas a apartamentos, discordando de P2, a qual havia dito que “só mostra gente pobre”. Depois dessa observação de P4, P2 disse: “Não foi só pobre que perdeu. Uma vez pro lado dos pobres, outra vez do lado dos ricos”.

Institucional

Quanto à institucionalidade, no sentido atribuído por Orozco, percebemos essa mediação quando P2 destacou que “só mostra gente pobre” e ainda quando diz: “Você vê os ricos mesmo não vão assistir isso”.

Ainda quando P1 abordou a sua visão sobre o poder público: “você acha que o poder público vem? Não vem”; “Na época do outro prefeito não acontecia essas coisas. O povo se acomodou. Se não levar a cobrança, como ele vai saber?” (P1).

Também nas discussões em que atribuíram à Prefeitura resolução de problemas de furtos e infraestrutura nas hortas ao responderem comentário de P4, a qual disse que, caso a população não conseguisse resolver a questão dos caramujos, é que deveria solicitar auxílio ao poder público e à emissora de TV.

Videotecnológica

Sobre essa mediação, Jacks e Escosteguy (2005, p. 70) explicam que: “A televisão, como meio eletrônico, produz uma série de mecanismos que configuram seu discurso: alto grau de representabilidade e verossimilhança (que permite naturalizar seu discurso “ante os olhos da audiência”), a programação, os gêneros, a publicidade, etc”.

Assim, foi possível notar essa mediação quando P4 disse que a televisão precisa mostrar fatos para que as pessoas fiquem sabendo o que está acontecendo: “[...] Às vezes, da cidade da gente, a gente não sabe o que tá acontecendo. A gente que mora no alto aqui. Tem que mostrar”.

Supertemas

Notamos que houve maior interesse pela reportagem sobre caramujos africanos, e que, no caso dos vídeos sobre chuva, não foram destacados pelos participantes aspectos específicos do conteúdo mostrado, mas comentado sobre chuva em geral, inclusive, realizando abordagens relativas a outras reportagens que haviam assistido antes da reunião, como no caso de enchentes no Rio de Janeiro.

Considerações

Sobre essa primeira etapa do grupo focal, percebemos associação a conhecimentos que já possuíam, como na fala de uma das pessoas em relação ao caramujo. Inclusive, apesar de o apresentador ressaltar com ênfase que não deveria ser jogado sal nos caramujos africanos, não houve concordância por parte de uma integrante, permanecendo o conhecimento que ela já possuía.

Já outra participante pareceu aceitar a recomendação apresentada, mas também demonstrou certa criticidade ao dizer que não seria necessário comunicar à imprensa sobre o problema, mas procurar solucioná-lo e só acionar a mídia se o mesmo não fosse resolvido.

O fato de ser comentada a repetição de notícias e reportagens sobre chuva também é algo que merece ser destacado e considerado em um estudo que aborda a recepção. Poderia se interpretar que as pessoas gostam de maior variedade de temas e de abordagens e a visão que, muitas vezes, os produtores de TV e de outros meios de comunicação têm do receptor não corresponde à realidade.

Mais um aspecto que deve ser destacado é o fato de ter havido apenas um breve comentário sobre o vídeo que enfocou escorpiões no centro de Bauru. Talvez o assunto não tenha sido discutido pelos integrantes do grupo por ser em outro município, mencionar exemplos de pontos comerciais atingidos e ainda por referir-se a problema que eles podem não ter vivenciado. Diferente da reportagem sobre caramujos a qual mostrou que os moluscos podem afetar as hortas e que os alimentos não podem ser consumidos.

Apesar de um dos participantes não permanecer até o final da atividade, os três integrantes (P1, P2 e P4) que ficaram até a fase final da reunião tiveram maior participação. Consideramos que, de maneira geral, conseguimos atingir o objetivo pretendido com essa etapa, ou seja, de perceber se houve diferença na percepção dos que foram até à sucursal da

Record em Botucatu e conversaram com parte da equipe do programa *Balanço Geral* e os que não realizaram a visita.

Podemos dizer que, pelas falas dos participantes, na discussão dessas reportagens exibidas não constatamos diferenciação notável nos comentários dos que conheceram o escritório local da TV (P1 e P4) e a pessoa que não esteve lá (P2) e ainda que as discussões, inclusive, se assemelharam ao primeiro grupo focal realizado na horta.

5.4 Explicação sobre as características de um telejornal

A segunda etapa da reunião consistiu em apresentação da moderadora que contemplou um breve histórico da televisão no Brasil, as principais características desse meio de comunicação, concessão pública, as etapas de um telejornal e profissionais que geralmente atuam nesse tipo de programa, além de explicação breve sobre aspectos políticos e comerciais relacionados à produção televisiva.

Após essa exposição, foi realizada atividade que consistiu na simulação de uma reportagem sobre a horta. Optou-se por sortear, então, entre os participantes, algumas das principais funções, sendo elas: pauteiro, repórter, cinegrafista e editor de imagem.

Assim, P1 que ficou responsável pela pauta disse que o assunto escolhido seria o problema de tiririca na horta, com enfoque para o motivo de surgimento desse vegetal, e que entrevistaria as duas pessoas responsáveis pela horta, além de um engenheiro agrônomo. Já a participante incumbida de atuar como repórter falou que realizaria perguntas como: “De onde vem a tiririca?”. E aproveitaria ainda para questionar problemas enfrentados em relação à falta de cerca e de mudas. Nesse momento, P1 interferiu e ressaltou que a reportagem era sobre outro assunto e que esses aspectos de infraestrutura não deveriam ser abordados.

Então, essa pessoa que ficou com a função de repórter falou que perguntaria ainda “como que a gente mata a tiririca?” e “se (a tiririca) tem alguma utilidade”. Quanto às imagens, ela disse que filmaria a tiririca, as líderes da horta próximas à plantação de milho e o agrônomo perto da terra. Já quem atuaria como editor de imagens, revelou que deixaria, principalmente, imagens da tiririca e de alguns pontos da horta, ainda que manteria apenas as declarações que estivessem relacionadas à questão abordada.

Durante essa dinâmica, um dos participantes perguntou se costumava haver combinação de falas entre repórter e entrevistado e que ele tem o hábito de questionar alguns aspectos das reportagens em sua casa quando está assistindo TV. Foi explicado pela pesquisadora que pode haver conversa prévia entre quem vai perguntar e quem irá responder e

que, às vezes, nota-se indução ou direcionamento do próprio repórter como quando ele diz, por exemplo, “esse projeto é bastante importante, não é”? Nesse caso, presume-se que já se pretendia que fosse abordado esse aspecto.

A participante 2 comentou ainda quadro de um programa de TV comandado pelo apresentador Luciano Huck no qual um garoto queria saber como funcionava a TV, mas, segundo ela, o mesmo não foi exibido de forma completa, diferentemente de outros temas abordados nesse mesmo espaço. Ainda na opinião dessa integrante “reportagem é que nem novela, vai ficar interessante, eles cortam”.

Em seguida à dinâmica de simulação de uma reportagem na horta, veiculamos outras quatro notícias e/ou reportagens exibidas pelo programa *Balanço Geral*. Nesse caso, os temas enfocados foram: Erosão no Bairro Comerciários 3; Cobras capturadas; Rio alaga várias casas em Itapetininga; e Acidente de trens em Bauru onde houve derramamento de óleo. Nessa etapa, optou-se pelas discussões após a exibição de cada reportagem e não ao final do bloco.

Erosão no Bairro Comerciários 3

Durante a veiculação, o repórter falou que estava no Bairro Comerciários 3, periferia da cidade, e P4 então exclamou: “Olha só, periferia!”. Ainda na exibição foi possível notar que prestaram bastante atenção e P2 logo reconheceu o local, além de comentar: “elas lá!”, referindo-se a pessoas conhecidas.

Sobre o conteúdo, P1 revelou que não sabia o que teria causado o problema na região próxima ao lugar onde moram e está localizada a horta: “Agora a causa disso aí, eu não sei dizer a causa disso aí, o quê que foi que levou a acontecer essa cratera nesse lugar. Se ali era um lugar que se fazia lavoura antigamente, como começou isso aí, não sei dizer”. Já P2 disse que o local é um pasto e que as águas descem todas para esse lugar, inclusive a que escoar do lugar em que moram e trabalham.

Quanto a novas informações adquiridas por meio dessa reportagem, P2 destacou que desconhecia o problema e ficou sabendo por meio da televisão. Já P1 revelou que tinha conhecimento da situação: “Ah, eu sempre soube que teve essa erosão aí”. E P2, então, comentou que: “Que tinha aquilo lá nós sabia, mas não que tava desbarrancando”.

Em seguida, é perguntado se o conteúdo da reportagem ficou claro e se eles tinham alguma sugestão. Para P1, as informações apresentadas foram de fácil entendimento. Já P2 disse o seguinte: “Que nem ali ela chamou porque tinha um menino lá, o menino tava brincando e o barranco despejou em cima do menino, mas só que os outros conseguiu tirar o

menino, né? Porque quando a água veio, veio tudo assim. Então, o barranco desbarrancou, mas foi pouco. Foi por isso que chamaram lá”.

Quando questionada sobre o fato de qual seria em sua opinião o motivo de o garoto, personagem que ela se refere, não ter sido entrevistado e nem ter sido registrado pelo programa o incidente a que se referiu, P2 falou: “Sei lá, acharam que não prestava. O menino era necessário passar, né? Eles tiraram o menino de lá. Eles tiraram o menino”. E P4 tem outra explicação: “Acho que por ser menor”.

Depois eles foram indagados sobre como fariam essa reportagem e quem entrevistariam. O participante 1 respondeu o seguinte: “Ah, tem que ser os moradores mais próximos mesmo, né? Por que o prejuízo vai ter quem tá mais próximo ou as crianças que iam lá brincar, não sei. O proprietário do lugar, né? Por que tem que ter dono aquele lugar lá também.

Nesse momento, P2 explicou que o local era uma fazenda e também: “Eu acho que lá era casa, sabe?”. E P1 continuou: “Tem que ter um dono ali, um responsável”. Ainda na opinião desse integrante do grupo, “a imagem foi boa, né? Mostrou bem o lugar. Não sei se tem como outra imagem”.

Cobras capturadas

No caso da notícia que abordou captura de cobras, sendo uma serpente adulta e 20 filhotes, P2 disse: “A cobra parece que tá morta. Ah, não achei graça não”. A participante teve essa impressão pelo fato de ter sido utilizado foto, portanto, uma imagem parada. Quando questionada porque não teria se interessado, respondeu: “Por que tá sem se mexer parece que já tá morto ali. Tinha que filmar ela andando aí”. Já P1 apontou que, na sua opinião, se estivessem mortas não precisaria mostrar.

E P2 também fez a seguinte indagação sobre essa notícia: “Mas pegar essa cobra e soltar?”, referindo-se ao que foi dito na notícia. Nesse momento, P4 explicou que esses animais não podem ser mortos: “Eles vão levar, não pode matar, tá em extinção”.

É perguntado a eles, então, o que acharam da maneira de apresentação da notícia, se deveriam ser entrevistadas outras pessoas e P2 falou que mostraram somente o repórter e a cobra. Já P4 discordou e lembrou que também apareceu a polícia ambiental e ainda abordou qual seria a atuação desse órgão: “Vai fazer exame [...] Se tá em extinção não vai matar, vai continuar cuidando”.

Ainda quanto a esse vídeo, P1 falou que o habitat desses animais já estaria destruído e, portanto, eles não teriam onde ficar.

Rio alaga várias casas em Itapetininga

Em relação a esse vídeo, P1 considerou essa uma boa reportagem e ainda comentou: “Ficou claro, que não se deve construir em lugar inadequado, né? Prejudica o meio ambiente”. E P4, então, perguntou: “Mas tem rio ali por perto?”. O P1 respondeu que havia. Daí P4 falou: “Tudo quanto é rio, tudo quanto é água da chuva, enxurrada, vai chegando nas casas, mas parece que não tava tão perto do rio, né? Não parece!”.

Acidente de trens em Bauru onde houve derramamento de óleo

A discussão dessa reportagem foi um pouco prejudicada porque sua veiculação aconteceu em um horário que começou a haver maior número de clientes na horta, no final da tarde. Ao comentar esse assunto, P4 disse que acontecimento como esse sempre acaba afetando o meio ambiente. Na opinião de P2, o derramamento de óleo é que poluiu as águas e “se tivesse peixe tinha matado”.

O P4 considerou adequada a abordagem realizada pela emissora e afirmou ainda que: “Se saiu matéria é porque já tinha notícia. Mostrou que teve atendimento, feridos foram socorridos”.

5.4.1 Mediações referentes a reportagens do 2º bloco

A mediação da explicação de características do meio ficou mais evidente quando P2 observou que os moradores teriam solicitado equipe de reportagem até o Bairro Comerciários 3 por causa de um acidente que envolveu um garoto, mas que a reportagem não contemplou esse aspecto: “O menino era necessário passar, né? Eles tiraram o menino de lá”.

Ainda quando P1 sugeriu que, além dos moradores, poderia ser entrevistado o proprietário da área que sofreu erosão.

Além dessa interferência, percebemos também as mediações expostas a seguir.

Martín-Barbero

Competência cultural

Ao comentar indagação de P2 sobre o fato de soltarem cobras capturadas, tema de uma das notícias, P4 expôs conhecimento que possui: “Eles vão levar, não pode matar, tá em extinção”; “Vai fazer exame [...] Se tá em extinção não vai matar, vai continuar cuidando”.

Ainda sobre esse vídeo, P1 também demonstrou sua compreensão ao falar que o habitat desse animais já estaria destruído. Nesses dois casos, nota-se que os participantes se valeram de conhecimentos próprios ao enfocarem aspectos não abordados na notícia.

Tecnicidade

A prevalência de imagens em movimento, característica da televisão, parece já estar incutida no hábito de ver dos telespectadores. Assim, quando se utilizou o recurso de mostrar fotos, ou seja, imagem estática, a mediação do formato televisivo predominante interferiu na percepção e gosto de uma das pessoas que compuseram o grupo: “A cobra parece que tá morta. Ah, não achei graça não; “Por que tá sem se mexer parece que já tá morto ali. Tinha que filmar ela andando aí”, disse P1 referindo-se à reportagem em que foram exibidas fotos para ilustrar captura de cobras. Dessa maneira, é possível perceber que as imagens são importantes para a “presentificação” do que é mostrado e podem interferir no processo de recepção.

Visto sob outro enfoque, ainda percebemos a mediação tecnicidade quando P4 acredita que, se foi realizada reportagem, é porque o assunto possuía relevância, ou seja, na opinião dessa pessoa, o que “passa” na televisão tem importância.

Individual cognitiva

O aspecto emotivo ficou evidente quando P1 questionou informação de que cobras capturadas seriam soltas. Essa integrante assim se expressou: “Mas pegar essa cobra e soltar?”. Por meio dessa fala, percebe-se que a visão sobre esse tipo de animal interferiu na recepção da mensagem, provavelmente o fato de associá-la à possibilidade de oferecer risco às pessoas, tenha sido motivo de questionamento sobre a soltura das cobras.

Situacional

Acreditamos que por essas reportagens terem sido veiculadas mais no final da atividade houve um pouco de interferência na recepção, sendo que P2 já demonstrou não estar mais com a mesma atenção e disposição que no primeiro bloco e P1 precisou se ausentar para atender aos clientes, conforme já mencionado.

Considerações

Pode-se dizer que, após explicação das principais características e abordagem dos papéis desempenhados pelos profissionais, houve um entendimento básico dos participantes sobre a estrutura de um telejornal e que pôde ser aprofundado na dinâmica de simulação de uma reportagem na horta. Foi possível perceber que, nessa atividade prática realizada, P1 e P4 que compareceram até à emissora se valeram de conhecimentos obtidos naquela oportunidade, mostrando certa coerência na delimitação do tema e nas imagens utilizadas. Já P2, embora tenha demonstrado que possui uma noção de produção televisiva, aproveitou os espaços de participação na reunião para associar aos problemas que enfrenta em seu cotidiano, o que demonstrou também sua compreensão do poder da mídia, em especial da televisão.

Em alguns momentos o discurso do programa prevaleceu na compreensão sobre o tema.

Conclusões

Constatamos que em estudos de recepção é importante adotar um modelo multimetodológico de investigação com o intuito de se obter informações abrangentes e, assim, conseguir se aproximar mais dos participantes da pesquisa. Dessa maneira, possibilita-se que sejam apresentados resultados de maior amplitude e mais fieis à realidade. O questionário aplicado no início das atividades teve utilidade para que pudéssemos conhecer qual meio de comunicação acompanhavam, os programas que assistiam com maior frequência e a percepção das pessoas sobre o tema meio ambiente, aspectos que contribuíram para nortear a continuidade da pesquisa. Já a participação por meio de visitas e observações às hortas foi importante para visualizarmos melhor o cotidiano dos trabalhadores, seus anseios, opiniões sobre assuntos do dia a dia, que não seriam obtidos em apenas uma reunião agendada.

O grupo focal, uma das principais técnicas empregadas nesta pesquisa, se mostrou eficaz para compreendermos a percepção do público participante, a produção de sentido estabelecida pelos integrantes e identificar as mediações que sobressaíram no processo.

Ao realizar a gravação das reportagens e notícias percebemos que o tema meio ambiente esteve presente com certa frequência, principalmente se considerarmos esse assunto como algo mais amplo e que perpassa editorias que talvez não tenham sido pensadas pela emissora como possíveis para inclusão dessa temática, como acreditamos serem as informações mais associadas ao setor policial.

De maneira geral, identificamos que o aspecto emotivo se sobressaiu no enfoque dado ao tema ambiental, até pelo fato de os programas seguirem critérios de noticiabilidade. Constatamos ainda que, muitas vezes, os fenômenos naturais foram abordados como agentes causadores de problemas. A responsabilidade das pessoas em relação à preservação e à degradação ambientais também prevaleceu. Apesar de os fenômenos naturais serem diversas vezes mostrados como responsáveis pelos fatos apresentados, alguns integrantes dos grupos destacaram em suas falas o papel da ação humana nas questões ambientais.

Diversas vezes as mediações ficaram evidentes nas interpretações das mensagens. Houve com certa frequência associação das reportagens a situações vivenciadas pelos participantes em seus bairros. Esse aspecto corroborou pensamento do pesquisador Martín-Barbero, o qual acredita que as pessoas reinterpretam o que leem, ouvem ou veem tendo por

base repertórios próprios os quais são influenciados pelo bairro em que elas moram, pela escola, local de trabalho, associações das quais fazem parte, religião.

O programa *Balanço Geral*, primeiro a ser veiculado, foi o mais comentado pelos participantes, mesmo entre os que disseram não ter o hábito de acompanhar esse programa. Das reportagens exibidas na primeira etapa, houve maior discussão sobre as que enfocaram envenenamento de gatos e chuva em Jaú, sendo que, em alguns locais, a questão do lixo mencionada nessa última matéria prevaleceu, embora não constituísse o foco principal da reportagem. Nesse caso, notamos que a interpretação de diversas pessoas esteve associada a um dos pontos abordados na reportagem, ou seja, de todo o conteúdo apresentado um aspecto se sobressaiu na produção de sentidos de vários deles em relação às informações veiculadas.

Houve quem abordasse também o vídeo sobre contrato para remoção de amianto no município de Avaré. A impressão é que a maioria não mencionou o conteúdo dessa matéria durante as discussões porque o assunto não é tão comum e, da forma como foi apresentado, não pareceu estar diretamente relacionado ao cotidiano dos participantes. Também por ter sido citado na reportagem que o problema mostrado se refere a apenas outros dois municípios e ainda pelo fato de apenas possíveis malefícios do produto tóxico serem abordados brevemente, sem utilização de exemplos que contemplassem situações vivenciadas por pessoas.

Já entre as reportagens desse programa veiculadas no segundo grupo focal realizado na Horta do Bairro Comerciais, houve mais comentários em relação aos vídeos que versaram sobre caramujos africanos e erosão próxima à horta.

No caso do *Tem Notícias*, os vídeos mais destacados pelos participantes eram relativos à reaproveitamento de óleo, chuva e jacaré capturado em Botucatu. Os grupos citaram bastante o tema reaproveitamento de óleo, porém eles não destacaram a abordagem realizada pela emissora, mas sim hábitos que conhecem em relação ao reaproveitamento dessa substância como, por exemplo, no preparo de sabão. Assim, ficou evidente a reelaboração das mensagens por parte dos receptores tendo por base conhecimentos que eles já possuíam e associação ao cotidiano deles. O papel social apresentado na reportagem sobre óleo como a doação do produto com o intuito de colaborar com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e para a compra de computadores destinados a escolas não apareceu nas discussões dos grupos. Os participantes também não comentaram questão de impacto ambiental realizada pela emissora.

Sobre o *Jornal Nacional*, observamos que nos vídeos sobre venda dos animais para os municípios, mostrou-se apenas captura e soltura dos mesmos não sendo detalhadas possíveis

causas desse deslocamento, mas algumas pessoas complementaram o que assistiram com possíveis explicações, tendo por base seus repertórios. Durante a exibição desse telejornal, percebermos certa desatenção por parte dos trabalhadores. Em relação à reportagem que versou sobre corte de emissão de gases pela China e citou a Conferência do Clima, apesar de o assunto ter sido bem elucidado, ele não atraiu a atenção de diversos participantes. Acreditamos que o fato de a abordagem realizada pela TV incluir dados referentes a outros países e ao Brasil em geral não tenha sido considerada como algo próximo a eles, que os atingissem diretamente.

Sobre a compreensão do conteúdo, o *Jornal Nacional* foi o que apresentou mais comentários de dúvidas e o *Balanço Geral* o que consideraram mais claro, se analisarmos as falas dos integrantes dos grupos. Em relação à aplicabilidade, as reportagens sobre chuvas e os desdobramentos das discussões sobre esse tema realizados pelos trabalhadores estiveram mais relacionados ao uso das informações no cotidiano.

Assim, percebemos maior interesse e interatividade nas discussões de programas regionais em detrimento aos nacionais, mesmo entre as pessoas que disseram acompanhar mais esse último tipo de produção.

Também foi possível identificar que assuntos de maior preferência dos telespectadores tiveram influências em suas atenções e que nem sempre uma informação mais inédita ou desconhecida do público despertará a sua atenção. Assuntos comuns ao cotidiano deles, sendo alguns já vivenciados, como as reportagens realizadas em Botucatu, atraíram os integrantes dos grupos no momento da veiculação e instigaram mais eles a realizarem comentários durante o espaço para discussões.

Quando as pessoas concordaram com determinada ideia o discurso televisivo predominou nos comentários. Já quando o conteúdo confrontava com as suas concepções, conhecimentos que possuem, houve refutamento do que foi veiculado ou interpretação que se aproximou mais do que os integrantes acreditam e aprovam. Assim, percebemos uma negociação de sentido por parte dos participantes com o intuito de trazerem os temas mais distantes para a realidade deles.

Outro fator a ser considerado é a diversidade de interesse demonstrada pelos integrantes da pesquisa, o que evidencia que, mesmo em uma pequena amostra de público, é possível observar variabilidade de opiniões e gosto.

Vale destacar que vários desses receptores não receberam diversos conteúdos de maneira acrítica, realizando comentários em relação a algumas reportagens, e que, quando são estimulados a refletir sobre um produto midiático, a maioria é capaz de opinar e indicar

elementos que poderiam, inclusive, tornar determinadas reportagens mais claras ou de maior aplicação no cotidiano deles.

Dessa maneira, consideramos a utilização das mediações um critério adequado para interpretar dados obtidos em trabalhos de recepção e, assim, identificar quais aspectos predominam em determinado grupo, comprovando o que afirma Orozco: “(...) as mediações permitem conhecer as influências particulares que intervêm nos processos de televidência e a maneira em que se estruturam as apropriações”.

Em nossa pesquisa, as mediações predominantes na percepção e produção de sentidos dos grupos foram a competência cultural e a socialidade, na classificação de Martín-Barbero, e a mediação individual cognitiva, se considerarmos o modelo proposto por Orozco.

Quanto à experiência de visita a uma sucursal da TV Record e de explicações das características da TV, etapas envolvidas em um programa e abordagem dos papéis desempenhados pelos profissionais, notamos que houve um entendimento básico dos participantes sobre a estrutura de um telejornal e que pôde ser aprofundado na dinâmica de simulação de uma reportagem na horta. Mas não notamos uma interferência forte na leitura das mensagens. O que predomina é a intenção de as pessoas em resolverem os problemas que as atingem de maneira mais imediata. Assim, conhecer a TV ou ter a oportunidade de simular o papel de repórter significa expor suas dificuldades ou abordar algo que gostariam de conhecer melhor para aplicar no trabalho.

Consideramos válido que outras pesquisas de recepção se aprofundem em atividades como essa que abordem conhecimento sobre a TV e suas produções para que se conheça melhor essa relação.

No caso desse público ou de grupos com características semelhantes, acreditamos que seria adequada produção de vídeos que contemplassem atividades ligadas à horta e que contribuíssem para capacitá-los, atendendo, dessa maneira, aos anseios desse público que apresentou dúvidas relativas ao trabalho que desenvolvem, as quais foram constatadas em visitas que realizamos nas hortas. A preferência pela TV em relação ao meio impresso e ao rádio, somados aos dados obtidos neste estudo poderiam servir de orientação para a produção de conteúdo. Essa iniciativa poderia ser pensada pelos órgãos governamentais, sendo que uma sugestão é de parceria entre secretarias de Comunicação e Agricultura dos governos estadual, municipal e federal e universidades que possuam curso de Ciências Agrônômicas, por possuírem profissionais capacitados para as explicações agrícolas.

Apesar de o estudo ter uma amostra de 16 pessoas, acreditamos que ele conseguiu comprovar que realmente há diversos fatores que atuam no processo de Comunicação e que é

relevante que sejam realizadas pesquisas para compreender melhor a complexidade desse processo.

Vale ressaltar que em nossa investigação houve bastante autonomia dos participantes em relação às mensagens recebidas e, dessa maneira, destacamos mais uma vez o papel das mediações e a necessidade de estudos que tenham o intuito de entender a comunicação e sua relação com o receptor.

Esperamos que essa dissertação seja útil para que os profissionais da área de Comunicação possam conhecer e refletir um pouco da interação entre o que é emitido e a recepção do conteúdo, e que, na medida do possível, considerem esses aspectos em suas atuações cotidianas e na construção de novas produções televisivas.

REFERÊNCIAS

- BONIN, J. **Mediações na recepção de TV: o “Campo e Lavoura” em Rio Fortuna - SC.** Viçosa, 1996. 257 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa.
- BRITTOS, V. **Comunicação e Cultura: o processo de recepção.** 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/brittos-valerio-Comunicacao-cultura.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2005.
- CARNIEL, F. **O telejornal que “fala pra gente, mas não fala da gente”:** Globo Rural e Identidade em Dois Vizinhos. Curitiba, 2007. 166 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - linha de Ruralidades e Meio Ambiente, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- COSTA, M. E. B. Grupo focal. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas da pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Editora Atlas, 2005.
- DEFLEUR, M. L. & BALL-ROKEACH, S. **Teorias da Comunicação de Massa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- DORNELES, L. N. **Revisitando o modelo das múltiplas mediações.** 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/novosite/pdfs/40502250917835649378720533427392573371>>. Acesso em 24 jun. 2010.
- ESCOSTEGUY, A. C. **Cartografia dos estudos culturais:** uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____, **Os estudos de recepção e as relações de gênero:** algumas anotações provisórias. In: *Ciberlegenda*. Número 7, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/carolina1.htm>>. Acesso em 20 ago. 2005.
- FERREIRA, G. Em busca da disciplinarização: da noção de campo aos domínios de pesquisa. In: LOPES, M. I.V. (org.). **Epistemologia da comunicação.** São Paulo, Loyola: 2003.
- GATTI, B. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Série Pesquisa em Educação, v. 10. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
- GOMES, M. E. S.; BARBOSA, E. F. **A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos.** Educativa: Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais. Fevereiro/1999. Disponível em: <<http://www.educativa.org.br>>.
- HALL, S. Codificação/Decodificação. In: HALL, S. **Da diáspora:** Identidades e mediações culturais - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2009 - Síntese de indicadores.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sin_tese_2009.pdf>. Acesso em: jan. 2011.

JACKS, N.; MENEZES, D.; MELLO, V. **Estudos de recepção e identidade cultural**. abordagens brasileiras na década de 1990. In: **UNIrevista**. Vol. 1 Número 3, 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev_Jacks.PDF>. Acesso em 28 ago. 2007.

JACKS, N.; MENEZES, D.; PIEDRAS, E. **Meios e audiências** – a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

JACKS, N.; NUNES, E.; FRANKE, F. **A televisão por assinatura e os estudos brasileiros de recepção na década de 90**. 2005. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17771/1/R0708-2.pdf>>. Acesso em 25 ago. 2007.

JACKS, N.; ESCOSTEGUY, A. C. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

KOLLING, P. **Os sentidos produzidos por agricultores familiares na recepção das informações jornalísticas ambientais**. Disponível em: <http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/Estudios_de_recepcion/ponencias/GT10_8Kol_ling.pdf>. Acesso em: jun. 2009.

LOPES, L. C. Hermenêutica, teorias da representação e da argumentação no campo da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo (org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 162 - 185.

LOPES, M. I. V. **Mediações na recepção: um estudo brasileiro dentro das tendências internacionais**. 1999. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Media%C3%A7%C3%B5es_na_recep%C3%A7%C3%A3o:_um_estudo_brasileiro_dentro_das_tend%C3%Aancias_internacionais>. Acesso em jan. 2009.

MARQUES, A.; ROCHA, S. A produção de sentidos nos contextos de recepção: em foco o grupo focal. In: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Unisinos: Rio Grande do Sul. VIII(1): 38-53, janeiro/abril 2006.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 9ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

_____. Prefácio. In: LOPES, M.I.V.; BORELLI, S.S.B.; RESENDE, V. (orgs.). **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção e teleficcionalidade**. São Paulo: Summus Editora, 2002.

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MENDONÇA, M. L. Comunicação e cultura: um novo olhar. In: Sousa, M. W. (org.). **Recepção mediática e espaço público: novos olhares**. São Paulo: Paulinas, 2006.

NETO, O. C; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa**: o debate orientado como técnica de investigação. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto, MG, 2002.

OROZCO, G. **Televisión y audiencias**: un enfoque cualitativo. Madrid: Ediciones de La Terra, 1996.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

PORTO, M. **A pesquisa sobre a recepção e os efeitos da mídia** - Propondo um enfoque integrado. 2003. Disponível em: <<http://www.tulane.edu/~mporto/intercom2003.pdf>>. Acesso em: jan. 2010.

RODRIGUES, A. D. **Comunicação e Cultura** - A experiência cultural na era da informação. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

RONSINI, V. **Cotidiano rural e recepção da televisão**: o caso Três Barras. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

RUÓTOLO, A. C. Audiência e Recepção: perspectivas. In: **Revista Comunicação e Sociedade**, nº 30. 1998. Disponível em: <http://editora.metodista.br/COM30/cap_07.pdf>. Acesso em: 4 set. 2006.

SANTOS, M. S.; NASCIMENTO, M. R. Desvendando o mapa noturno: análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção. In: Sousa, M. W. (org.). **Recepção mediática e espaço público: novos olhares**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SIGNATES, L. Estudos sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise pra os estudos de comunicação. In: Sousa, M. W. (org.). **Recepção mediática e espaço público: novos olhares**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SOUSA, M. W. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. A recepção sendo reinterpretada. In: Sousa, M. W. (org.). **Recepção mediática e espaço público: novos olhares**. São Paulo: Paulinas, 2006.

THIOLLENT, M. Notas para o debate sobre a pesquisa-ação. In: BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa-participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TUFTE, T; JACKS, N. Televisão, identidade e cotidiano (parte de um projeto integrado). In: RUBIM, A; BENTZ, I. M.; PINTO, M. J. (orgs.). **Produção e recepção dos sentidos midiáticos**. 2ed., Petrópolis/Compós: Editora Vozes, 1998.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1999.

WOTTRICH, L.; SILVA, R.; RONSINI, V. **A Perspectiva das Mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção da Telenovela.** 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1712-1.pdf>. Acesso em 10 fev. 2011.

Anexos

Anexo 1 – Materiais oferecidos pela Prefeitura Municipal de Botucatu a cada horta

200m de tela

75 postinhos

550 metros de arame liso

2 arames lisos 1 cavalete de água

100m de mangueira preta $\frac{3}{4}$

8 torneiras $\frac{3}{4}$

4 caminhões de esterco

2 sacos de yorim

6 sacos de calcário

250 m de sombrite

50 m de mangueira de jardim

4 aspersores

Ferramentas

1 cariola

2 enxadas

2 enxadões

1 pá

2 rastelos

1 cavadeira

2 sachos

1 peneira

Fonte: Subsecretaria de Agricultura e Abastecimento de Botucatu

Anexo 2 – Questionário aplicado a integrantes do Programa de Horta Comunitária de Botucatu

1. Qual é o meio de comunicação que você mais acompanha?

Jornal () Rádio () TV ()

2. Com que periodicidade você acompanha esse meio de comunicação?

Todo dia () Três vezes por semana () Uma vez por semana ()

3. Qual desses programas de TV você assiste com maior frequência?

Bandeirantes: () Primeiro jornal () SP Acontece () Band Cidade () Jornal da Band

Cultura: () Jornal da Cultura () Repórter Eco

Globo: () Globo Rural () Bom Dia Cidade () Bom Dia Brasil () Tem Notícias 1ª edição ()
Jornal Hoje () Tem Notícias 2ª edição () Jornal Nacional () Jornal da Globo () Nosso campo

Record: () Fala Brasil () Balanço Geral () Jornal da Record () SP Record

RedeTV!: () RedeTV News

SBT: () SBT Brasil () SBT Repórter

4. Como você define meio ambiente?

Anexo 3

	Prefeitura Municipal de Botucatu SECRETARIA MUNICIPAL DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO Rua Miguel Cioffi, 325 - Botucatu/SP - CEP 18600-900 - Fone 14 3882 9959 CNPJ 46.634.101 / 0001 - 15 - www.botucatu.sp.gov.br	
FICHA DE CADASTRO HORTA		
INICIANTE		
NOME _____		
RG _____ CPF _____		
NOME DO BAIRRO _____		
LOCAL _____		
PRINCIPAL ATIVIDADE _____		
QUANTIDADE DE PESSOAS INTERESSADAS _____		
TELEFONE PARA CONTATO _____ CELULAR _____		
MOTIVO DO INTERESSE EM PARTICIPAR DE HORTA COMUNITARIA _____ DATA QUE INICIOU NA HORTA _____		
Botucatu, ____ de _____ 2011.		
_____ Assinatura		

Anexo 4 – Link onde está disponível a transcrição das reportagens exibidas aos grupos

<http://doniniam.blogspot.com/>